

REVISTA DA SEMANA

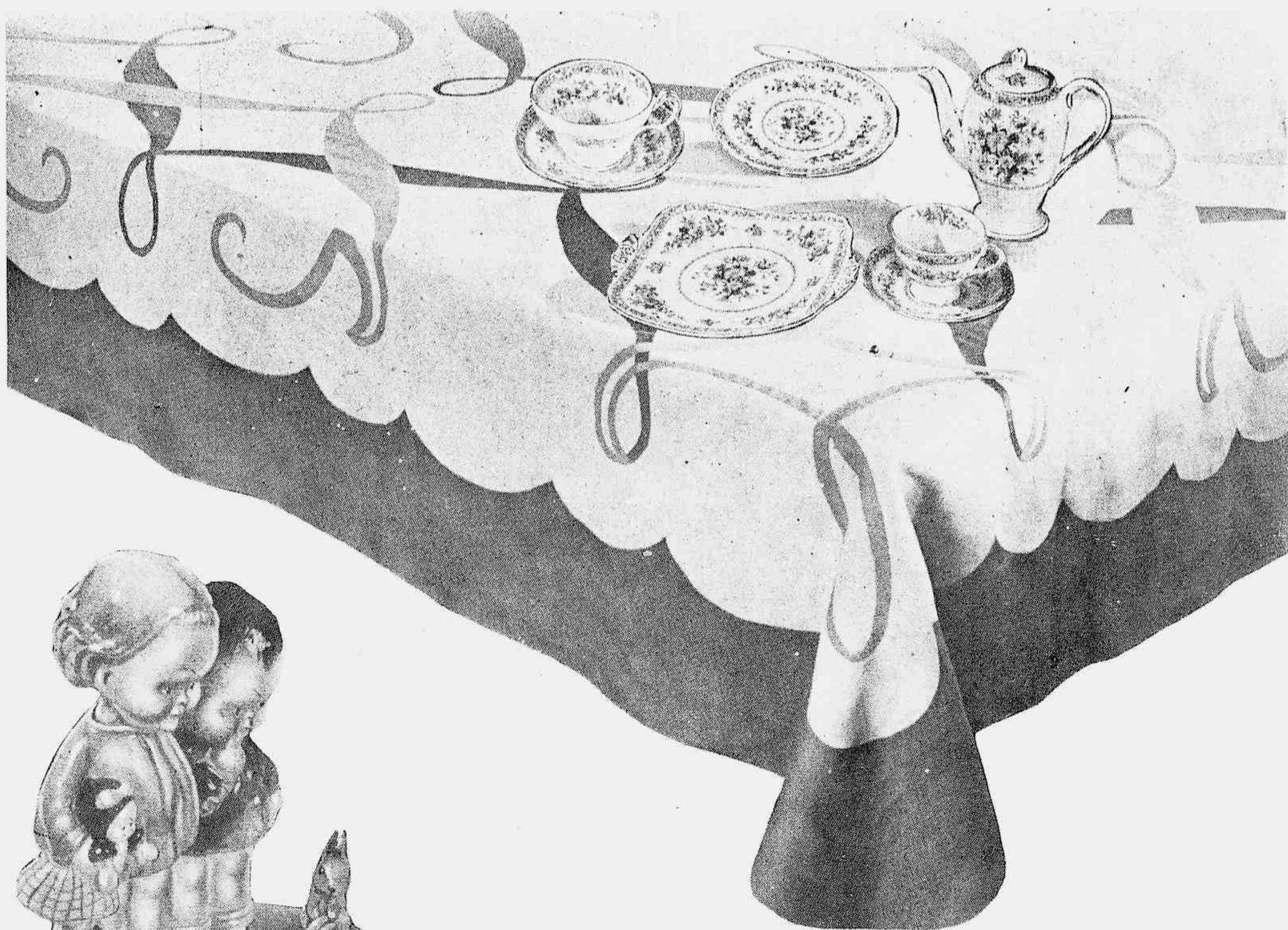
N.º 40

2-10-48

Cr\$ 3.00 em todo o Brasil



BIBLIOTHECA NACIONAL
DO
RIO DE JANEIRO
CONT. LEGAL



AÇUCAR PEROLA

★

Produto econômico,
de grande pureza,
sêco, dissolvendo-se
inteiramente, dando
maior rendimento
que qualquer outro.



★

FÁBRICA
RUA PEDRO ALVES, 319
TEL. 43-4830
RIO DE JANEIRO
CAIXA POSTAL 1224

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

João Caetano no Recife

O "Teatro Novo", no batismo popular quando de sua construção, ou de "Santa Isabel", na denominação oficial, era ainda uma novidade e um desvanecimento na cidade. Ao visitante perguntava-se: — Já foi ver o teatro?

E aguardava-se a resposta afirmativa e elogiosa, tanto se dizia não haver igual no Brasil. Fazia gosto seus espetáculos em platéia tão acima da do "Apolo" e nem se falava no "Capocira", o nojento Casa da Ópera. Inaugurado em 1850, vinha o "Teatro Novo" oferecendo o repertório da Companhia dirigida pelo simpático ator Germano, ora a encenar o "Remendão de Smyrna" ou o "Graças a Deus", dramas de arrebatada assistência, cenas trágicas temperadas pelas comédias finas em 1 ato, como "Cara Linda" ou o "Noivo em mangas de camisas", numa época em que a falta do palatável possibilitava risos e reparos... Não faltavam espectadores para os camarotes de 1ª e 3ª ordens a 8\$, de 2ª por 10\$ e as cadeiras de 2\$500.

Terminado o contrato de arrendamento do Santa Isabel ao ator Germano, houve razões para que lhe negassem uma outra concessão e esta fôra dada ao colega de arte João Antônio da Costa, que tinha sua troupe no Teatro de Apolo. Essa mudança de empresário desgostara ao ator Germano de Oliveira, que, retirando-se para o Maranhão, lançou prosa e verso pelas folhas, em despedida, com alusões claras a suas mágoas. Por sua vez os "germanistas", seus partidários, pediram inspiração às musas e teceram poemas em honra do seu ídolo do palco. A 1ª de agosto de 1852, dá-se a primeira récita da empresa do ator Costa com o drama em 5 atos "O trapeiro de Paris", pisando a ribalta com o Costa, as atrizes Maria Leopoldina e Maria Amália, e os atores Monteiro, Sena, Amodeo e Guimarães. A temporada decorreu entre aplausos de muitos e não raro as vaias de "germanistas". Em 53 novo arrendatário e desta vez estranho à arte teatral: o sr. Manuel Gonçalves Agra. Vai ele ao sul e da Corte traz elementos a reunir aos de que no Recife já dispunha. Formou o seu elenco. Reis, Rezende, Coimbra, Sena, Pinto, Bezerra, Alves, Santa Rosa, e no naipe feminino d. Manuela e Carmela. Os anúncios do Santa Isabel apareciam encimados de "clichés". Havia platéias de 1\$ e paraísos de 640 réis.

Do Rio vieram, também, com o Agra, quatro bailarinas, sob a orientação do bailarino e compositor Giuseppe Felice de Vecchi. Convidavam-se moças desejosas de fazerem parte do corpo de baile do Teatro a nele se inscreverem. E o sr. De Vecchi, para aproveitar as horas vagas, abria curso de danças em casas particulares, ensinando aos adultos valsas, puladas, mazurcas, "glissées", "schots", imperial à Napoleão, e às crianças a cachucha, o solo inglês e duetos suspiros.

Mais ou menos, assim decorria a vida teatral recifense, quando em janeiro de 1857 o "Diário de Pernambuco" alvorouava o público com uma "notícia agradável". A presidência da Província contratara a Companhia do grande ator brasileiro João Caetano dos Santos para dar vinte récitas no Santa Isabel e já no vapor inglês haviam chegado ao Recife vários elementos desse conjunto tão aplaudido no sul. Estava igualmente já na terra a primeira dama, sra. Gabriela De Vecchi. O ator João Caetano, o "artista-rei", viria no "Teutônia", e realmente a 10 de fevereiro ele poria os pés na Lingueta, acolhido como uma glória nacional na cidade em que estivera em 1824, como simples e obscuro soldado, para combater os revoltosos da Confederação do Equador. O seu colega Santa Rosa organiza o programa de recepção e, no dia seguinte, João Caetano comparece, na companhia do professor Soares de Azevedo, ao Teatro Santa Isabel. Ali, esperam-no os companheiros de trabalho, admiradores, povo. Toca a banda do 9º de Infantaria. Soltam-se "gaiolas de foguetes". A João Caetano é entregue a chave do teatro e ele abre a porta do vestibulo, que se lhe oferece atapetado de folhas de canela e ornado de flores. Discursos, um bouquet de cravos, versos...

A 14 de fevereiro foi a estréia da 1ª récita de assinatura. O drama em 5 atos "A Dama de San Tropez", no papel de Jorge Maurício, por ele criado, o ator João Caetano. Num entre-ato ele recita monólogo de saudação aos recifenses. Os demais papéis estavam assim distribuídos:

Antonio Caussade	José Luis
Hortencia d'Auberive	Gabriela
Carlos d'Arbel	Guimarães
Sra. Langlois	Isabel
Sr. Langlois	Ramos
Jeronimo	Titomeo
Antonietta	Sra. Knat
Conde d'Auberive	Coimbra
Carlos Caussade	Francisca

Uma noite em que os lugares do teatro não chegaram para quem os quis e por este motivo, declarado, repelia-se a peça no dia seguinte. A crítica classifica de "sublimidade de trabalho" o do ator João Caetano. "Estão cumpridos os desejos de Pernambuco e a sua ansiedade satisfeita. O sr. João Caetano dos Santos, essa estréla que tão bela e brilhante luzia no sul do Império, veio realizar os nossos sonhos mais queridos. Já não é uma promessa para alentar esperanças, não é mais uma quimera (como nós mesmos julgávamos), é uma realidade bem feliz para nós que amamos o engrandecimento de nossa pátria e gostamos de vê-la marchar para a civilização e o progresso".

O entusiasmo era de tal grau que se indagava porque os camarotes e neles as senhoras não se manifestavam também em palmas, em ofertas de bouquês, em vivas, diante de um artista sublime como João Caetano, qual se fazia na Europa e na Corte. Um ônibus especial corria nas noites de espetáculos, de Apíucos para a cidade, voltando após a representação. Tanta ambição pelos bilhetes que se gerou uma intriga contra o bilheteiro, o sr. Cunha, e ele chegara a ser despedido; mas, verificada a improcedência das queixas, voltou o Cunha a seu emprego. E sucediam-se as récitas de assinaturas: "D. Cesar de Bazin", "Otelô", "Mariana a vivandeira", "A gargalhada". No "Otelô", João Caetano nada devia aos maiores trágicos do mundo e estava muito acima de "extratrigicos" que por aqui tinham aparecido. Em "A gargalhada", cujo ato da loucura era emocionantíssimo, João Caetano representara com tanta alma que se sentiu mal, socorrendo-o o dr. Praxedes Pitanga.

Contudo, para a satisfação da temporada não ser completa, o "câmbio negro" reinava no botiquim do teatro. Vendiam um capilé por 160 réis e uma garrafa de cerveja por dez tostões!! "Continuem, mas tenham cuidado, porque a polícia nem sempre dorme"... Agora, "Os sete infantes de Lara", "A nova Castro", "Antônio José, o poeta da imaginação". Várias reprises. E benefícios acentuavam o espírito filantrópico de João Caetano. A Casa das Órfãs, a Associação Tipográfica Pernambucana, um ex-ator cego, mereceram doações em seu favor.

O Recife de 1857 esquecia seus lamentos de carestia da vida, subindo o pão para 22 por uma pataca, os bontos de estar a ponte da Boa-Vista ameaçada de ruína privando habitantes dos convidativos banquinhos para palestras noturnas, os casos de febre-amarela, e o que era mais sério: a predição do fim do mundo no dia de Santo Antônio, da cabeçada de um cometa. Tinha-se João Caetano no Santa Isabel, dádiva artística que poucos acreditavam. Temporada de êxito jamais visto. As costureiras sorriam aos lojistas expunham seus artigos com o chamariz de "especiais para o Teatro Isabel": albutinas, albanesas, gorgurões, sédas de quadrinhos a 800 réis o covado. Sem falar nos leques e nos binóculos. E não faltou quem de vista curta, para ver melhor, comprasse sua luneta de tartaruga de 2\$500.

Em 25 de abril, a despedida. "Os seis degraus do crime". A bailarina Mlle. Mornay encenaria o "Pas espagnol". Foi uma noite em que houve lágrimas de saudades. O ator cansou-se de subir e descer. E a 1ª de maio João Caetano, com muitos de seus companheiros, embarcou no "Teviot" para o Rio. A Lingueta afluía multidão. Discursam e revoltam. Abraçam. O grande ator toma lugar numa "canoa de oito remos". Espooncam gaiolas de foguetes. Agitam-se lenços. E dali a meia hora o "Teviot", "majestoso" vapor da Real Companhia de Paquetes ingleses a vapor, move-se no Capibaribe e sai terra a fora.

Muitos anos passaram-se. Novos conjuntos pisaram o palco do Santa Isabel. Esbranqueceram cabeças que pretas e moças tinham estado nos camarotes em 1857. E delas, em face de outros atores, brotaria o conceito:

— Quat!... Menina, eu vi João Caetano nesse papel. Depois dele, ninguém mais lhe chegou aos pés!...

COLABORAÇÃO

João Caetano no Recife (Mário Sette)	3
O Colégio Pedro II nas "Memórias" de Taunay (José Teixeira de Oliveira)	12
O lugar do pre-Rafaelismo na arte inglesa (Eric Newton)	26/27
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra)	45

BIOGRAFIA

A vida de Thomas Hardy (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	18
---	----

REPORTAGENS

O drama da infância abandonada (Nelson Vainer)	6/10
A proteção à infância em Pernambuco (Joanita Berel Machado)	16/17
Jean Marais, o novo ídolo do cinema francês (Gino Palmisano)	24/25

CONTOS

O suicida (Oswaldo Alves)	19
A grande safra (Vasconcelos Maia)	20/21
Ana parece cansada (Raimundo Souza Dantas)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Broadcast	15
Cine-Revista	23
Pelas estradas do céu	38
Música	39
Vida Literária	41
Livros Novos (João Luso)	42
Cancioneiro internacional	44

CARICATURA

Bom humor	13
-----------	----

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos	29
Modas	29/39
Muro das lamentações	30
"Week-end" na cozinha	35

ILUSTRADORES

Armando Pacheco	
Armando Moura	
Jerônimo Ribeiro	

NOSSA CAPA

Apresentamos, hoje, em nossa capa, a bela Ann Jeffreys, "estréla" da constelação da R.K.O., que, como os leitores estão vendo, possui um invejável palminho de cara. O seu último filme para a R.K.O. foi "A volta dos homens maus", com o barulhento Randolph Scott.





A fotografia abaixo é uma das mais recentes cenas em que apareceu o conde Folke Bernadotte, delegado especial das Nações Unidas, para conseguir a paz entre judeus e árabes. O infeliz mediador é entrevistado no porto de Haifa por dois repórteres radiofônicos, quando se dirigia para seu quartel general de atividades diplomáticas e pacifistas na ilha de Rhodes, depois de inspecionar o intrincado problema dos refugiados árabes.

O mundo inteiro surpreendeu-se com o estúpido atentado que tirou a vida desse emissário de paz e harmonia entre povos que se combatem mutuamente desde séculos, episódio que veio ainda mais perturbar o já excessivo nervosismo da humanidade, não se podendo prever quais as consequências desse crime inominável.

Os autores de sua eliminação ainda não foram descobertos, e êsse sucesso policial se torna muito difícil, uma vez que Bernadotte foi assassinado, segundo parece, por elementos de uma organização anti-britânica, os quais



agem dentro de sua terra e de sua gente, circunstância esta que proporciona todos os recursos de esconderijos e simulações aos membros ativos e vingadores, do bando irregular e terrorista.

O relatório de Bernadotte, que continha conclusões definitivas sobre o que deviam as Nações Unidas fazer em relação à crise belicosa na Palestina, está sendo considerado como digno de execução pela O.N.U., não somente como uma solução à guerra daqueles povos, como, talvez, reflexo de homenagem ao seu autor.

Se tal vier a suceder, os esforços do mediador não foram inúteis, e, mesmo que dele só reste um túmulo, sua obra de pacificação não desapareceu com sua vida, mais uma vez ficando provado que o espírito quando trabalha no sentido do bem, seus triunfos são imortais.

Realizadas as recomendações do pranteado morto como solução ao conflito da Palestina, os autores de sua eliminação ficarão sabendo que nenhuma violência decide dos destinos de uma sociedade que está sob a guarda dos elementos espirituais e da cultura internacional, no sentido da paz universal.

A SEMANA EM REVISTA

MARTELOU O DEPUTADO

Diz a História da Arte que Miguel Ângelo, ao terminar o seu impressionante Moisés, ficou de tal forma exaltado com a aparência de um ser vivo naquela estátua que, com o cinzel que desbastava o mármore, vibrou-lhe a violenta pancada numa das pernas, gritando-lhe com veemência: **Parla!** Miguel Ângelo estava certo de que a estátua viveria com aquele apêlo desesperado de um novo Pigmalião forjando o seu Adão pagãozinho. Mas a estátua não falou. Ficou apenas a marca daquele golpe, e, na História das Artes, o sempre vivo Leopoldo que os cronistas immortalizaram. Segundo os telegramas divulgam, na pacata cidade gaúcha de São Leopoldo um caso também sensacional acaba de verificar-se. Narra o telegrama que ali um cidadão desce-nhecido, armado de martelo, entrou sem cerimônias saguão a dentro na Prefeitura e, com surpresa de todos que ali se encontravam, ergueu o braço numa saudação iconoclasta e vibrou várias marteladas no busto que ali havia sido inaugurado, há algum tempo, do coronel Teodomiro Pôrto da Fonseca, ex-prefeito daquela comuna, atualmente deputado federal. Diante daquela insólita maneira de manifestar suas contrariedades políticas ao chefe de São Leopoldo, o servente da Prefeitura interveio para evitar que o raivoso destruidor de famas derrubasse o busto ou o fizesse em pedacinhos, procurando prendê-lo e entregá-lo à polícia para o de famas "rigoroso inquérito". Mas o rancoroso adversário do deputado possedista não deixou que o pegassem, e até agora está desaparecido, não havendo viva alma que possa dizer em que mundo, em que estrela foi esconder-se. O episódio é algo cómico, mas não deixa de servir de motivo para críticas e ironias contra a vítima platônica. Esse misterioso martelador de bustos não pode deixar de ser perigoso agitador de massas plásticas. Só foi visto o seu martelo, os seus golpes vigorosos, e foi-se. Os jornais não deram muita importância ao caso; entretanto dá oportunidade para que a Câmara dos Deputados discuta e vote uma lei que proteja os seus pares estatuidos ou bustificados em vida. Não tem nenhuma graça que os mesmos venham a sofrer tamanhas afrontas por pessoas desconhecidas e misteriosas. Se com tais marteladas saíssem outros deuses poderosos, como sucedeu com aquela que Vulcano deu na cabeça de Minerva, muito bem. Desgraçadamente quando se dá com um martelo no crânio de um busto, nem fogo sai mais, pois há muita crise de fôsforo e as centelhas estão muito escassas. De qualquer forma, deverá ser votada uma lei que proteja os nossos grandes homens contra essa brutalidade sem classificação por parte de terríveis inimigos políticos. A honra dos homenageados não é coisa que se ataque a martelo e justamente num lugar sagrado como seja um vestibulo de Prefeitura numa cidade que tem o nome de um santo. De agora por diante faz-se mister regularizar-se a guarda dos bustos. Uma cerca de arame farpado devidamente eletrificado, ou então sentinelas avançadas com suas metralhadoras portáteis seriam aconselháveis para deter a mão de gente com martelos suspeitos. O ocorrido deve despertar as atenções de quantos por este Brasil estão na iminência de ser estatuidos. Não tem graça nenhuma gastar o povo seus cruzeiros com subscrições em louvor a seus admiráveis eleitos, ou então que o erário público empregue suas rendas em tão primorosas obras de arte, para, em seguida, as estátuas caírem sob furiosos golpes de artimanha... política.



O HOTEL CACHOEIRA

Divulgam os jornais um parecer do sr. Mário Ramos impugnando no Senado a verba de cinco milhões de cruzeiros para a construção de um hotel nas imediações da Cachoeira de Paulo Afonso, onde se pretende instalar uma usina hidro-elétrica a cargo de uma sociedade anônima, para a qual o Tesouro Nacional, com enorme sacrifício mas em boa hora, subscrevu duzentos milhões de cruzeiros. Fazemos este comentário para aplaudir a atitude do ilustre senador patricio; a construção desse hotel é mais um sintoma desagradável que se nos apresenta em relação ao andamento dos assuntos concernentes à Cachoeira de Paulo Afonso, porque outro sintoma já se nos apresentara, e este foi a publicação de um discreto aviso, num recanto discretíssimo de jornal, convocando assembleia extraordinária para a "aprovação" da compra de um imóvel, no Rio — um andar inteiro de um arranha-céu recém-construído — destinado à sede da companhia. A impressão é triste; sede no Rio, dezenas de salas atulhadas de gente, e, lá, não um confortável porém modesto acampamento para engenheiros, mas um hotel, onde se vai sem a família, isto é, as carreiras, como turista. E a complementação do nosso raciocínio está no fato de que já projetaram um campo de aviação, cujas obras deverão estar iniciadas, como se o material destinado aos serviços fosse pelo ar e não por terra. Mas já prepararam o pórtico de Sergipe e já completaram as vias terrestres que vão à grandiosa queda? Não nos parece plausível o argumento de que o crédito em votação se enquadra na percentagem constitucional destinada à valorização do S. Francisco; primeiro porque o orçamento nacional é deficitário; segundo porque, no correr dos debates, não vimos o levantamento geral das despesas federais que são gastas em toda aquela região. A quanto avultam? Quanto falta para que se complete o montante previsto na Carta Magna? E a contribuição dos Institutos de Previdência? Para que recorreu a estes quando da subscrição das ações da Hidro-Elétrica, se ainda havia margem na quota constitucional? Não nos parece que a situação financeira da Companhia Hidro-Elétrica (sem esta não haveria a idéia do hotel) seja, no momento, precária, porque os ordenados dos seus diretores são muito mais elevados que os dos diretores de Volta Redonda. Felicitando o sr. Mário Ramos, achamos que o congressista patricio está se revelando um sincero amigo do Vale do S. Francisco. E' mister que haja senso, medida e critério para que não aconteça com este o que desgraçadamente já se verificou com outros vales da nossa terra. E fizemos votos no sentido de que o sr. presidente da República, que em tudo isso anda de boa fé e de boa vontade, não venha a sofrer mais uma amarga decepção. Não se argumente com o dispositivo estatutário que, erradamente, localizou no Distrito Federal a sede da Hidro-Elétrica, porque nada impediria que esta se resumisse a meia dúzia de salas modestas, alugadas a preços baixos, pois estão sobrando, mesmo no centro da cidade. O povo de S. Francisco não quer milagres, como não há de desejar turistas do hotel, passageiros de avião, vindo de perto da pobreza local; quer, sim, e de verdade, aquilo a que tem direito: a própria salvação. Quem conhece o padrão de vida daquela zona, sabe que o orçamento de cinco milhões de cruzeiros é esbanjamento; com dois milhões de cruzeiros pode se construir, mesmo aos preços de hoje, uma grande, ampla, arejada e higiênica hospedaria, bastando para isto que a organização não fosse coisa pública. E é prudente que os responsáveis pela Companhia leiam o parágrafo 38 do artigo 141 da Constituição Federal.



O BRASIL E O PLANO MARSHALL

No atual momento internacional os Estados Unidos assumem uma posição privilegiada: seus recursos e sua capacidade técnica, embora não sejam inesgotáveis, são as maiores do mundo. Por esse motivo, sempre despertou a maior curiosidade entre os brasileiros a situação de nosso país em face do chamado Plano Marshall, até agora mais destinado à parte ocidental da Europa do que às nações deste hemisfério. Há meses, quando ainda era vivo o industrial Simonsen, senador da República, teve este parlamentar ocasião de discordar do Plano Marshall no que dizia respeito ao nosso país, mostrando suas inconveniências à economia nacional. Muita gente se mostrou surpreendida com as conclusões daquele legislador, uma vez que, aparentemente, todos os grandes homens de nossa terra deviam aplaudir o Plano Marshall e advogar sua aplicação vasta e profunda em nossa terra. Agora, outro brasileiro, o sr. João Daudt de Oliveira, confirma aquela tese discutida no Senado da República, e critica o Plano Marshall em relação ao Brasil. E, se aquele senador assim procedeu falando para brasileiros em seu próprio país, com o sr. Daudt o caso é mais impressionante, porquanto ele foi debater o Plano na própria terra do mesmo, os Estados Unidos, o que dá aspectos de franqueza à sua atitude. Não estamos ainda muito bem informados quanto às bases definitivas desse Plano de crédito ou de socorro aos países devastados pela guerra. Muito se tem falado nele, mas não há muita clareza em seus desígnios. Dizem, por exemplo, que os Estados Unidos estão dispostos a empregar na Europa Ocidental vários bilhões de dólares, a título de ajuda àqueles povos necessitados, mas sem esperanças de reembolso. Há, decerto e logicamente, fortes razões políticas em favor dos nossos amigos norte-americanos. Do contrário não compreenderíamos como uma nação, mesmo em se tratando de uma com as faturas em dinheiro como os Estados Unidos, dê de graça, em doações liberalíssimas, bilhões de dólares, sabendo-se que toda essa massa de dinheiro terá que sair das contribuições do povo já tão sobrecarregado de impostos. Nós, no Brasil, já delinqüimos também um Plano, o SALTE. E' modesto, mas já é uma demonstração de que nos inclinamos para o acerto de administrar mediante um programa previamente traçado e devidamente estudado. Com o SALTE o governo brasileiro viu e previu nossas dificuldades e os caminhos para progresso certo e salvador. Se o Plano Marshall vier, será o nosso absorvido sob outros desígnios? Nossas fontes de produção precisam de apoio, de crédito, de mercados, de técnicas, de renovação de maquinaria, etc. Poderemos conseguir tudo isso com empréstimos de governo a governo? Já têm dito os homens da América do Norte que não estão dispostos a emprestar um centavo ao Brasil. Por este lado estamos mais do que avisados. Só nos resta atrair capitais particulares sem comprometer-nos do ponto de vista da soberania nacional. Lançados na economia nacional em favor de nosso socorrelimento, esperemos pela reprodução das novas riquezas. O sr. João Daudt de Oliveira opõe reservas ao Plano Marshall, reproduzindo os argumentos do saudoso Simonsen. O interessante para o público seria um esclarecimento completo de parte a parte.



ANO XLVII

REVISTA DA SEMANA

N.º 40 — 2-10-48

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS			
Porte simples	— Um ano	Cr\$ 140.00	Seis meses
Registrada	— Um ano	Cr\$ 170.00	Seis meses
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR			
Registrada	— Um ano	Cr\$ 270.00	Seis meses

Registrada — Em ano Cr\$ 270.00 Seis meses Cr\$ 140.00
O número avulso custa Cr\$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3.50
Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro
Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Corresp. - na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo - Vendas na
Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão,
à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718
TEM AGENTES EM TODAS AS LOCAIS

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N.Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques, Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituintes 1246, Montevideo. No Argentina: Inter-

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. São publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS



Vai ser controlada pela Comissão Central de Preços a venda de peças e acessórios para automóveis. O soprano brasileiro Violeta Coelho Neto de Freitas anuncia que não participará da temporada lírica deste ano, uma vez que até o presente ainda não lhe pagaram o devido pelas temporadas de 1946 e 1947. O delegado do Brasil à Conferência Internacional do Trabalho, realizada nos Estados Unidos da América, declara que o nosso país é olhado com muita simpatia pelos "yankees". A Rádio Ministério da Educação dedica três programas à música de Oscar Lorenzo Fernandez, um dos expoentes máximos da música brasileira contemporânea, atuando como intérprete a sua esposa, pianista de grandes possibilidades. Nova crise na Câmara Municipal. Primo Carnera, campeão mundial de luta-livre, não justifica seu título perante lutadores nacionais. Continua despertando grande interesse os pareceres e discussões sobre o aumento que, segundo algumas vozes autorizadas, virá ainda este ano. Onda de greves em Paris, com distúrbios nas ruas da Cidade-Luz e choques entre grevistas e forças do governo. Sem solução prática a situação de Berlim; ocidentais e orientais não encontram ponto de contacto. Bevin declara que vai começar a campanha contra o comunismo, na Inglaterra. Raul Fernandes afirma, em Lisboa, que tem confiança nas Nações Unidas, que não haverá nova guerra e que o Brasil está ansioso para receber emigrantes lusos. Gigli, apesar de sexagenário, continua a ser a maior expressão lírica do mundo. Tabela da diária dos hotéis. O vereador Ari Barroso propõe, na Câmara Municipal, a concessão de uma medalha de ouro a Carmen Miranda. Violento tufão varre o Japão. Com QG instalado na praça da República, perigosa quadrilha age na cidade. Faleceu o arcebispo de Tarragona. Comunistas e degaullistas chocam-se na França. A Grã-Bretanha começa a sua campanha armamentista. Novos incidentes entre soviéticos e "yankees", em Berlim, enquanto cidadãos alemães apedrejam seus patrícios que colaboram com os soviéticos. Anuncia-se que o Brasil vai pagar trinta e cinco milhões de dólares aos Estados Unidos, saluando, assim, sua antiga dívida de empréstimos e arrendamentos. Os "comandos" agem em Paqueta, fechando diversos restaurantes e bares. O presidente do Tribunal de Contas pede novos funcionários para a sua repartição, a fim de pôr em dia os serviços. Joe Louis, ao contrário do que se anunciava, declara que vai lutar, em junho vindouro, em defesa do título máximo de box. Anuncia-se que vai ser incentivado o crédito agrícola. O Teatro Experimental do Negro ensaia uma peça existencialista, novidade no Brasil. Aviador americano bate novo "record" de velocidade. Truman inicia a campanha presidencial. Wallace perde o prestígio entre o povo — declara um jornal de Nova York. O Brasil manda para a Inglaterra 6.600.000 de libras esterlinas. Assassinado, por membros de uma organização terrorista judaica, o conde Folke Bernadotte, mediador da O.N.U. no caso da Palestina; grande agitação na Terra Santa. Falece Emil Luuwig. Em mensagem ao "premier" De Gasperi, Truman reafirma sua confiança na Itália na luta contra o comunismo internacional. Incidente na garagem da Viagem Carioca, em virtude de desentendimento entre um chofer daquela empresa e um major do Exército. Os guerrilheiros de Markos respondem ao fogo dos legalistas com violento bombardeio de artilharia pesada. Berta Singerman deixa o Rio. Proclamada uma república soviética em Java. Anuncia-se que os "yankees" permanecerão na Coreia. Instala-se a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, em Paris. Prossegue encarnizada a luta entre árabes e judeus, na Palestina. Sucesso, em Nova York, da ópera "Magdalena", de Heitor Villa-Lobos. Exonerado o comandante da Polícia Especial. Projeto, na Câmara dos Deputados, para o tabelamento de todos os produtos e gêneros de primeira necessidade nas próprias fontes de produção. Novas batidas dos "comandos". Assegurada a volta à Escola Naval dos aspirantes desligados. Celebrado o Dia da Árvore. Diz a United Press que há fartura de carne nos Estados Unidos. O Japão vai importar número de ferro brasileiro. Crise de papel de imprensa na Argentina. Deputado conservador chileno apresenta um projeto para limitar o mais possível o noticiário dos jornais a respeito dos crimes. Surgem denúncias de que não cumprem as leis trabalhistas as empresas cinematográficas. Prêso, em Vigo, na Espanha, um estudante brasileiro acusado de fazer propaganda anti-franquista. Greve monstro na França. Nasce uma criança falando correntemente no Estado de Oklahoma, nos Estados Unidos, não sabendo os médicos explicar a origem do fenômeno. Um sobrinho do presidente Benes afirma que o tio foi assassinado pelos comunistas da Tchecoslováquia. Fala-se de sabotagem na produção petrolífera húngara. A Inglaterra vai chamar às armas dois milhões de homens. Incidentes na praça Marechal Floriano, num comício que ali se iniciara. Transferido para setembro de 1949 o grande festival Chopin, em Varsóvia. Nomeado o coronel Aníbal Barreto para chefe da expedição aos "Bôca-Negra". Desastre com avião da F.A.B., próximo a Angra dos Reis, perecendo todos os tripulantes. Descoberto um "complot" contra a vida do presidente da Argentina. Carlos Ramirez chega ao Rio. Prêsas várias pessoas acusadas como espíões soviéticos no Brasil. Greve na Companhia Brasileira de Usinas Metalúrgicas. O Botafogo vence o Vasco, assumindo a liderança do campeonato. Ação de perigosos "gangsters" na Ilha do Governador. Agitação, logo sufocada, na Argentina, demitindo-se o ministro da Marinha do governo Perón. Sob controle oficial as empresas petrolíferas da Hungria.



No dia seguinte . . .

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

As vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não fôr prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos fôrem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca :
Ventre-Livre não é purgante



Para meninos e meninas

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO

Grande sortimento de roupas para crianças de ambos os sexos, de 2 a 16 anos, a preços realmente da fábrica

Peçam catálogos

Atendemos pelo **REEMBOLSO POSTAL**

Fábrica - RUA HADDCK LOBO, 54

(Estácio de Sá) - Rio de Janeiro

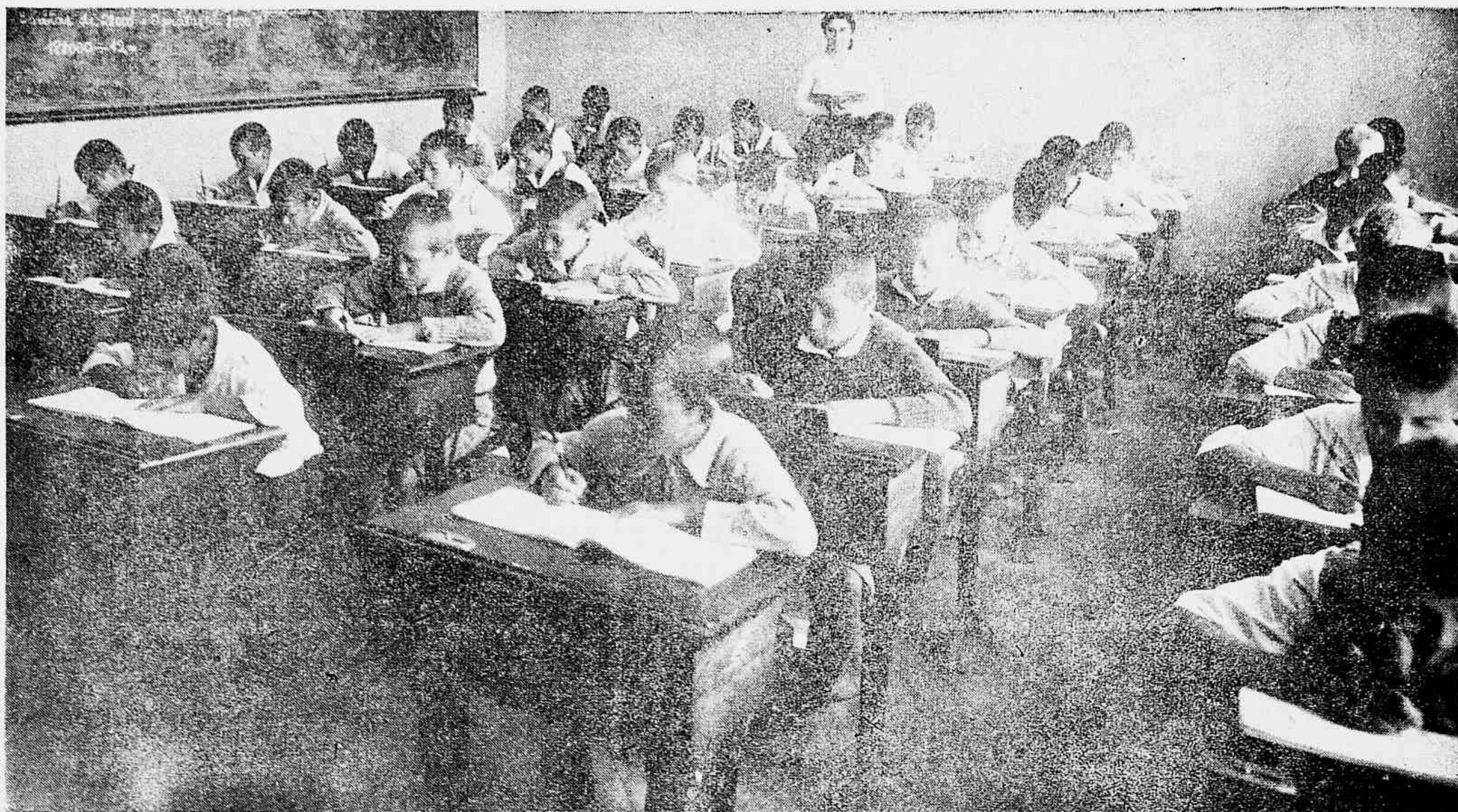
"INGLÊS BÁSICO E PRÁTICO"

Vocabulário Completo de Inglês Básico. Terminologia Especializada, Científica, Comercial e Militar. Regras Gramaticais Essenciais. Frases Práticas Frequentemente Usadas.



Pedidos pelo Reembolso Postal para
VICTOR JOSÉ LIMA — Rua Caruso, 4 -- Apto. 3 -- TIJUCA -- RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr\$ 20,00



No grupo escolar estas crianças aprendem a ler e a escrever, sendo alfabetizados muitos meninos de mais de dez anos

O DRAMA DA INFÂNCIA ABANDONADA

ESCREVER sobre a infância abandonada está na moda. Como a energia atômica. Como o radar. O que, infelizmente, não está na moda, é um amplo movimento patriótico, humano e definitivo em prol dessas pequenas vítimas da vida. Hoje, são menores vadios, engraxates e jornaleiros que perambulam nas ruas; andam à toa, sem destino, desde cedo fracassados, vencidos e sem futuro. Amanhã, serão temíveis ladrões e assassinos.

As crianças abandonadas, que se notam em toda parte, pedindo esmolas, roubando, e até as que aparentemente têm ocupação, — referimo-nos aos gazeteiros e engraxates — dão a im-

COMO O EDUCANDÁRIO D. DUARTE, DE SÃO PAULO, ENCAMINHA PARA A VIDA OS MENORES ABANDONADOS ★ MAIS DE 500 MENINOS, DE 7 A 18 ANOS RECEBEM NAQUELA INSTITUIÇÃO CARINHOS E EDUCAÇÃO QUE JAMAIS TIVERAM ANTES DE INTERNADOS ★ ÓXALÁ FOSSEM TODOS OS DESERDADOS DA SORTE TÃO BEM AMPARADOS COMO OS DO GRANDE EDUCANDÁRIO PAULISTA

Reportagem de
NELSON VAINER

pressão de nunca terem nascido. Apareceram! Andam por aí, maltrapilhos e sujos, com o espírito envenenado pelos vícios que os conduzem fatalmente à voragem. Ao lado dos deserdados da sorte, isto é, dos filhos de ninguém, existe um sem-número de me-

Exclusiva da
"REVISTA DA SEMANA"

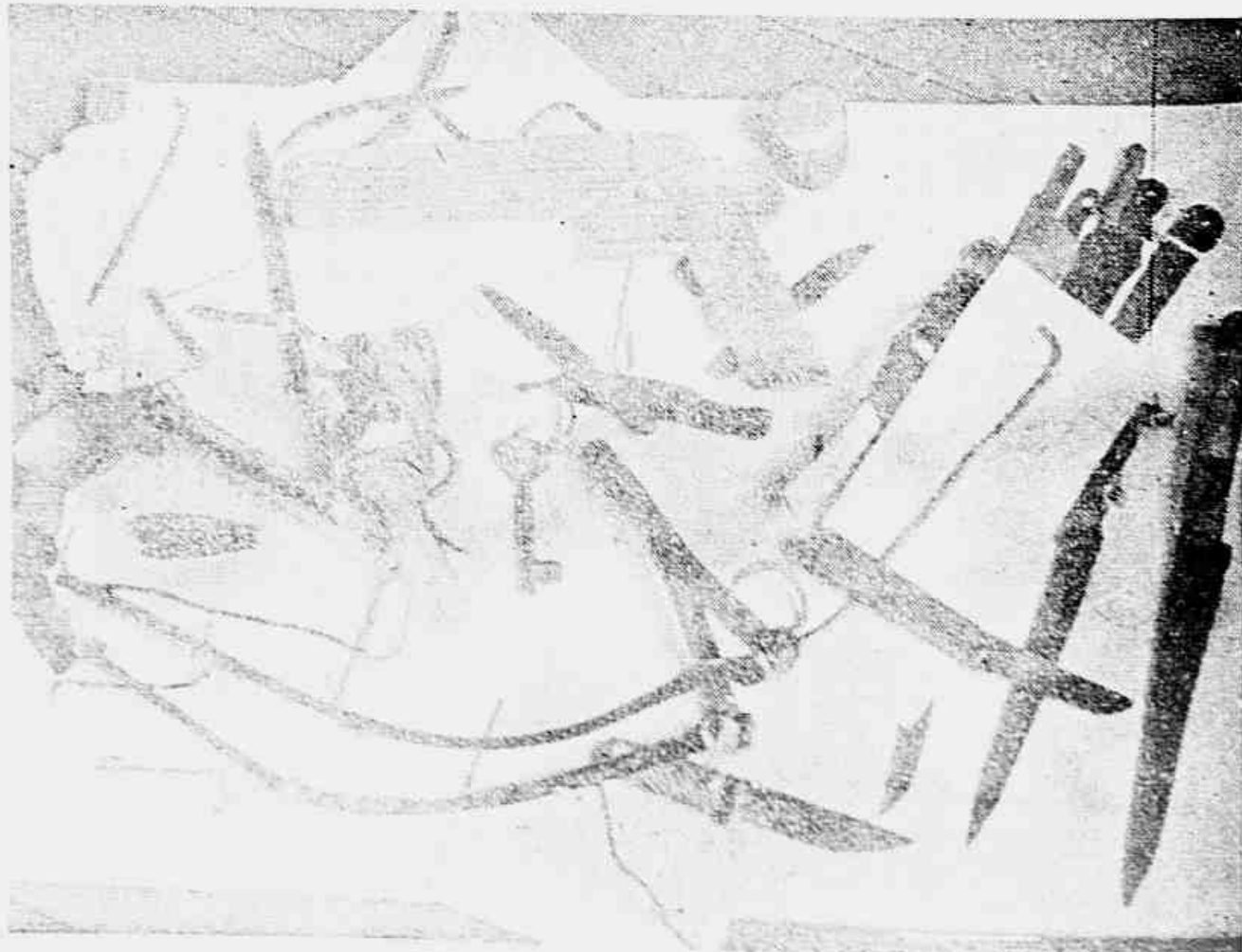
nores cujos pais os repelem, enquanto outros, mais perversos ainda, os utilizam para, à custa deles, ganhar dinheiro. Dai os engraxates e jornaleiros, vítimas da mais sordida das explorações paternas. Analfabetos ou semi-analfabetos, percebendo quando

crescidos a sua verdadeira situação, já é tarde de mais para mudar de rumo. São adultos, paus tortos, que com pequena exceção, não endireitam mais.

O drama universal da infância abandonada, a tragédia desses pequenos infelizes com os quais a vida brigou, privando-os de pais, lares, carinhos, educação e cuidados para guiá-los no verdadeiro caminho da vida, vem sendo suavizado ultimamente, em certos países civilizados. No Brasil, procura-se por todos os meios resolver também este doloroso problema, tão em foco nestes últimos tempos.

Em São Paulo, além do Reformatório Modelo, Instituto de Menores e Abrigo de Menores, que

A ESQUERDA — "Mata! Mata!", gritam esses meninos brincando de bandido. Que será deles se não forem internados num instituto educacional? A resposta é fácil: serão amanhã ladrões ou assassinos. A DIREITA — Eis alguns dos brinquedos que os menores traziam no bolso por ocasião do internamento



são instituições oficiais, há ainda organizações particulares, onde centenas de menores são internados e encaminhados para a vida. Dentre as últimas, destaca-se o Educandário D. Duarte, que há dez anos vem sendo mantido pela Liga das Senhoras Católicas.

NO EDUCANDARIO D. DUARTE

Dentre as várias iniciativas a que se obrigou, a Liga das Senhoras Católicas chamou a si a tarefa de amparar a infância abandonada.

Estudando cuidadosamente a situação desses pequenos infelizes, deliberou construir um lar para meninos de 7 a 18 anos.

O Educandário D. Duarte acha-se situado no antigo Sítio de Monte Alegre, na estrada velha de Cotia, a uns 18 quilômetros do coração da Paulicéia. Ocupa, atualmente, uma área de 56 alqueires, em grande parte aproveitada para trabalhos agrícolas.

Além de 16 lares para os menores, abrigando cada um 36 crianças e um casal que cuida das mesmas, há, ainda, prédios onde se acham instaladas as demais dependências do Educandário, quais sejam: portaria, administração, residência do diretor, outra do capelão, outras ainda para os funcionários, um clube, uma igreja, Grupo Escolar, Escola Profissional, cinema, almoxarifado, lavanderia, padaria, açougue, salão de barbeiro, casas para empregados subalternos, um estádio, campo de futebol, piscina.

Sustentado com donativos particulares e uma valiosa colaboração dos governos, o Educandário D. Duarte alcança hoje uma cifra avantajada que ultrapassa vinte milhões de cruzeiros! A Liga das Senhoras Católicas mantém um contrato com o Governo do Estado, segundo o qual as internações são feitas só por intermédio do Juízo de Menores do Departamento de Serviço Social, mediante uma contribuição que tem sido até agora de 180 cruzeiros mensais. Está claro que tal contribuição é ínfima, deixando sempre um "deficit" que o Educandário consegue cobrir mercê dos donativos que recebe.

OS INTERNADOS

O número atual dos internados é de 582 menores, variando a idade de 7 a 12 anos. O comportamento em geral é bom, segundo atestam os fichários do Educandário, mas há menores portadores de um estigma hereditário capaz de sacrificar em parte o trabalho educativo de administração.

Sendo a instituição para menores abandonados moral ou materialmente, acontece, entretanto, que na maioria esse abandono é resultante da falta de compreensão e energia dos pais ou responsável pela criança.

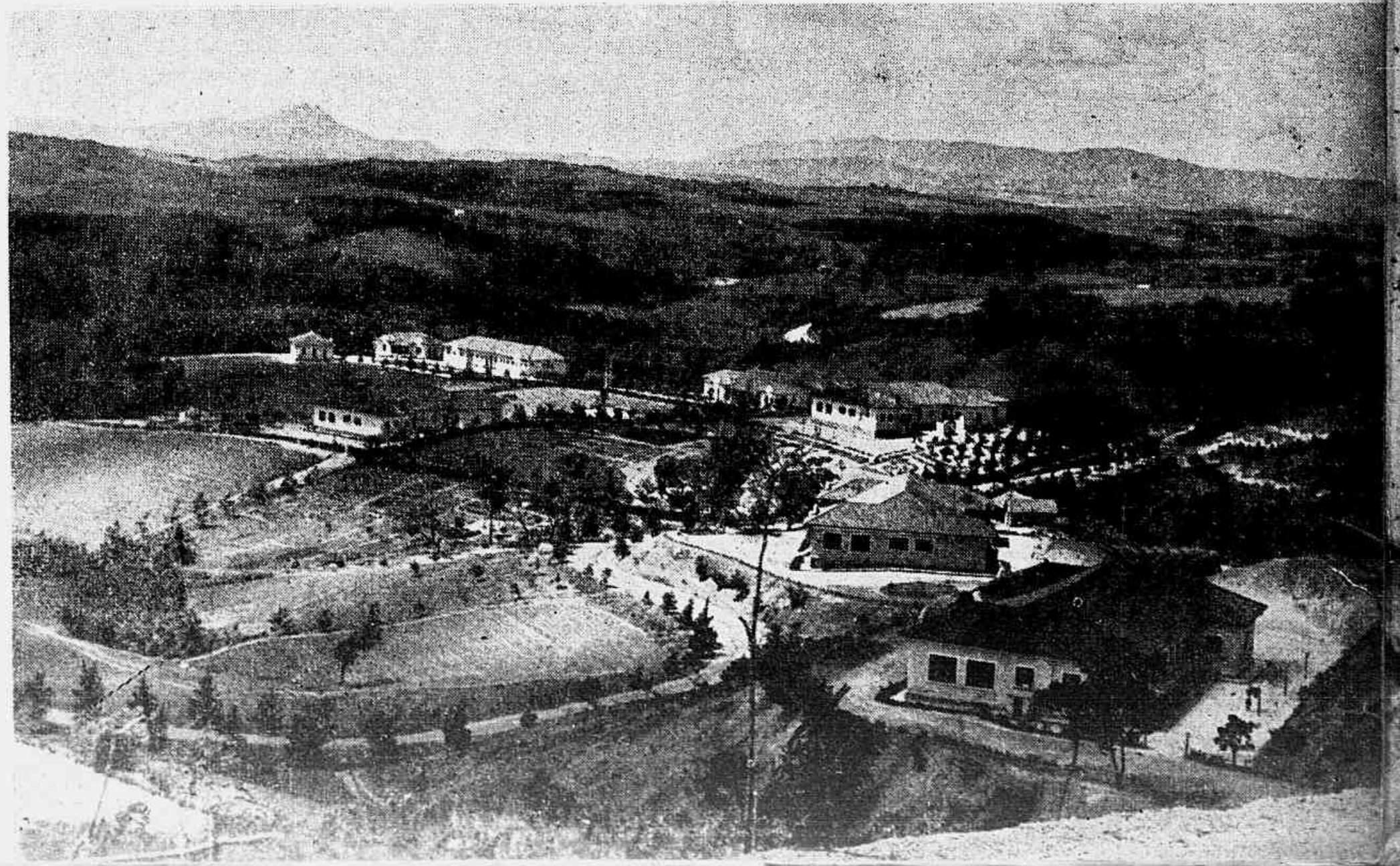
Dai tornam-se indisciplinados, ferzando o trabalho dos pais



Entrada principal do Educandário D. Duarte, onde são educados e preparados carinhosamente para a vida mais de quinhentos meninos de sete a dezoito anos



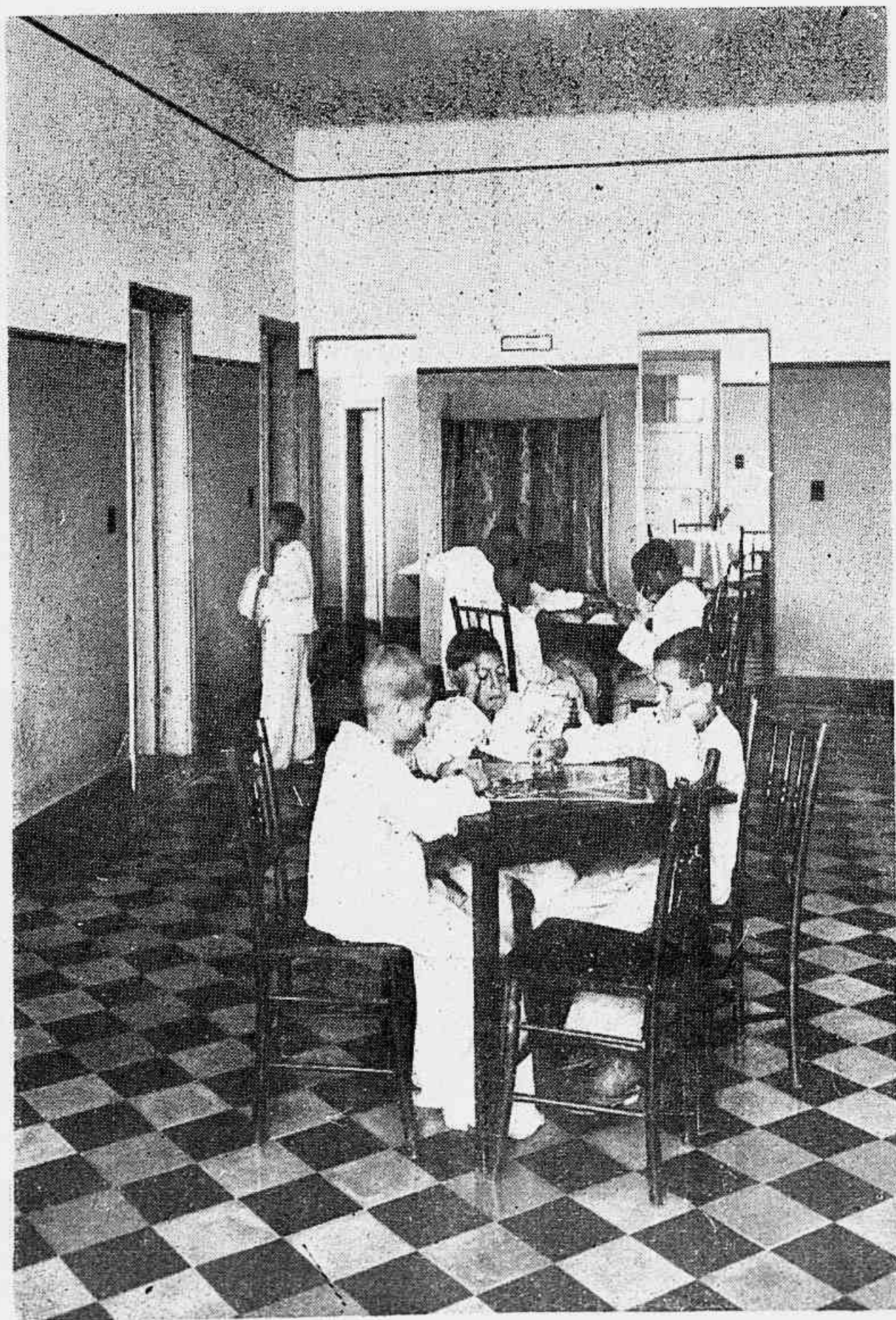
AO ALTO A Igreja do Educandário, onde os menores encontram o conforto espiritual. EM BAIXO — Uma vista panorâmica da grande obra, localizada a 18 quilômetros da Paulicéia, no antigo sítio de Monte Alegre



GRANDEZA DAS NAÇÕES



Obedecendo a sua vocação, o menor escolhe o ofício que mais lhe agrada, tornando-se útil à sociedade e a si próprio. Aqui está uma mostra de alguns dos trabalhos realizados pelos internados



junto a quem de direito para internação dos filhos em instituições que os ampare e **reeduque**.

Assim sendo, os menores, quando chegam, julgam a internação como um castigo, chegando, portanto, cheios de desconfianças e apreensões, até que, adquirindo uma noção exata da realidade, sentem-se felizes, ambientando-se perfeitamente.

Uma providência inteiramente benéfica seria o não afastamento da criança dos lares paternos e que se procurasse por meios adequados atender às necessidades financeiras da casa, educando os pais, concorrendo, assim, para consolidar a sociedade com a reorganização dos lares, que mais facilmente são desmoronados com a ausência dos filhos.

Casos inúmeros teriam exigido a internação da criança pela orfandade ou pela completa **incapacidade permanente** dos pais em educar os filhos.

Seja neste caso amparado o menor, cassando-se então o pátrio poder, pois assim a instituição teria a certeza de uma internação com tempo pre-estabelecido; poderia então imprimir uma orientação mais calma e metódica na formação do internado que, em tempo oportuno, sairia em condições de ser útil a si próprio e à sociedade.

Não acontecerá como em inu-

meros casos em que os pais, abandonando os filhos, só os procuram após 5 anos ou mais de internação e tão somente para observar se as suas condições físicas permitem uma exploração do seu trabalho!

E são inúmeros esses casos!

ADAPTAÇÃO E REGIME DA CASA

Ao chegar, vai o menor habitar o Pavilhão de Ingresso, único no Educandário, pois só ele tem um sistema combinado de vida celular e familiar. É recebido, preliminarmente, na seção de Celas, onde seu quarto é individual. Passa, depois, para o dormitório coletivo, ainda no mesmo pavilhão. Durante esse período, ele aprende a ser responsável pelo material e pela roupa que lhe são entregues.

Ao mesmo tempo, passa por rigoroso exame médico e dentário. Só depois de conveniente orientação e cuidadoso estudo, atendendo às tendências e à idade do menor, é este encaminhado pelo próprio diretor a um dos pavilhões-lares. Neste, vai ser ele um novo membro da grande família habitante do lar, 36 crianças e 2 casais encarregados da direção e educação dos internados.

A casa é sua, e como tal deve ser cuidada por ele mesmo. Os

Em casa, no lar de regresso, já se fizeram amigos. Leituras e jogos são os seus divertimentos prediletos de suas tardes no aconchego da amizade fraternal.



Os que logo de princípio não demonstram muita inclinação para um determinado ofício, são escalados para trabalhar em qualquer ramo de atividade. Estes aqui têm a lavanderia do Educandário a seu cargo

três amplos dormitórios, com doze camas cada um, a sala de jantar, o refeitório, os banheiros e as instalações sanitárias, a copa e a cozinha — enfim, a casa inteirinha é o campo de ação, onde os menores exercitam as suas capacidades caseiras. Ao mesmo tempo, dedicam-se a cultivar a terra, criam porcos, galinhas, coelhos, cabras, etc., de cujos produtos se alimentam

OS MÚLTIPLOS OFÍCIOS DA ESCOLA PROFISSIONAL

Já perfeitamente ambientados não lhes é dado tempo a perder. Matriculados no Grupo, fazem o curso primário. Completando 12 anos de idade, são encaminhados para a Escola Profissional, onde podem aprender os seguintes ofícios, de acordo com a vocação ou vontade de cada um: selaria, colchoaria, sapataria, carpintaria, tornearia em madeira, ferraria, encanamento, tipografia, encadernação e alfaiataria

Os menores que concluem o estágio, isto é, que completam os 18 anos de idade no Educandário e, portanto, não têm família, são desligados pelo Juízo de Menores ou Assistência Social. Essa é a fase mais delicada: da readaptação social, que deve ser lenta e prudente. É o momento

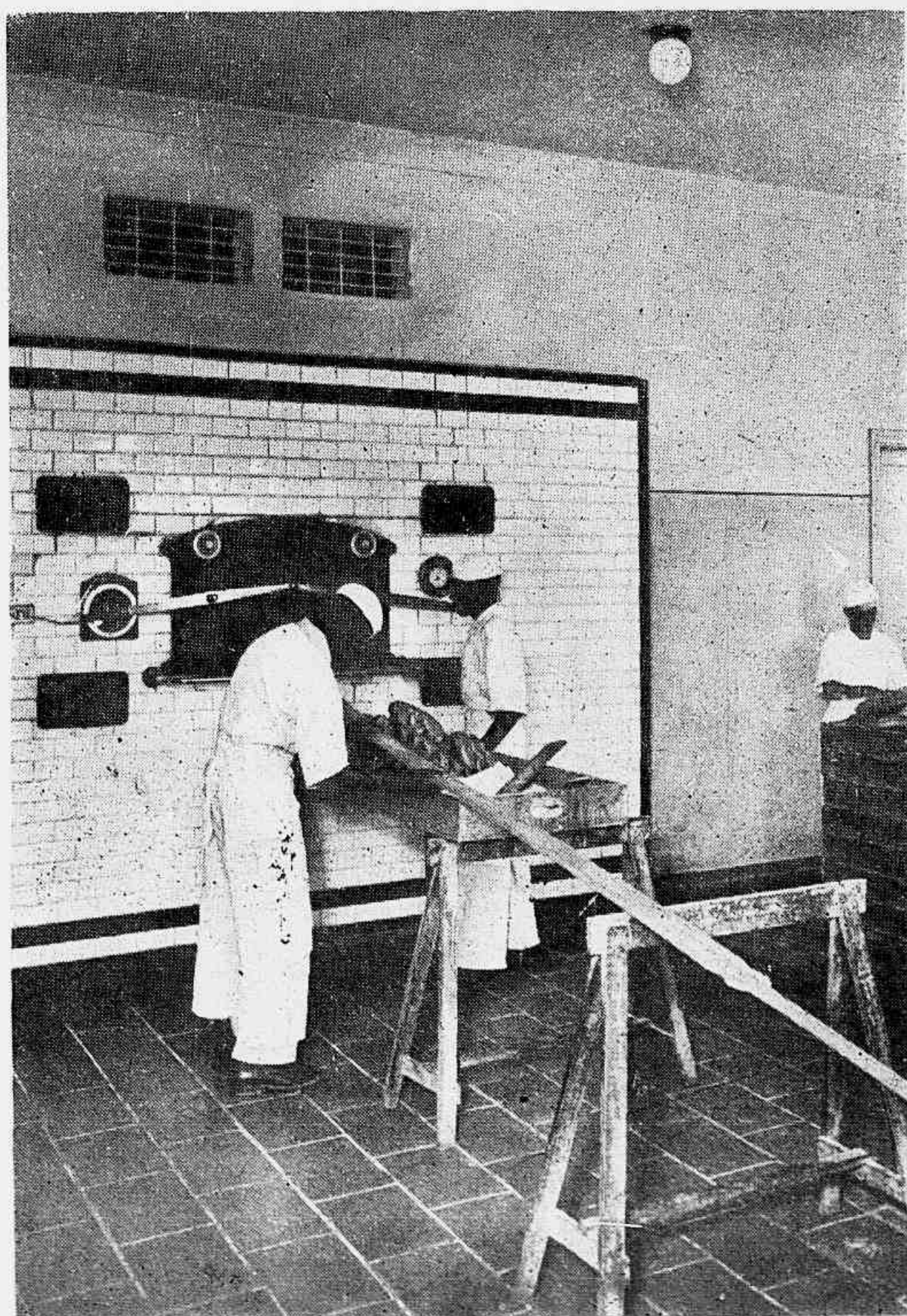
em que a Administração tomou a atenção devida passando o menor de internado a funcionário transitório da Instituição.

Durante esse período o egresso deverá completar os conhecimentos adquiridos não só relativamente aos deveres e obrigações de um empregado correto e honesto, como também relativamente aos direitos que deve ter como empregado.

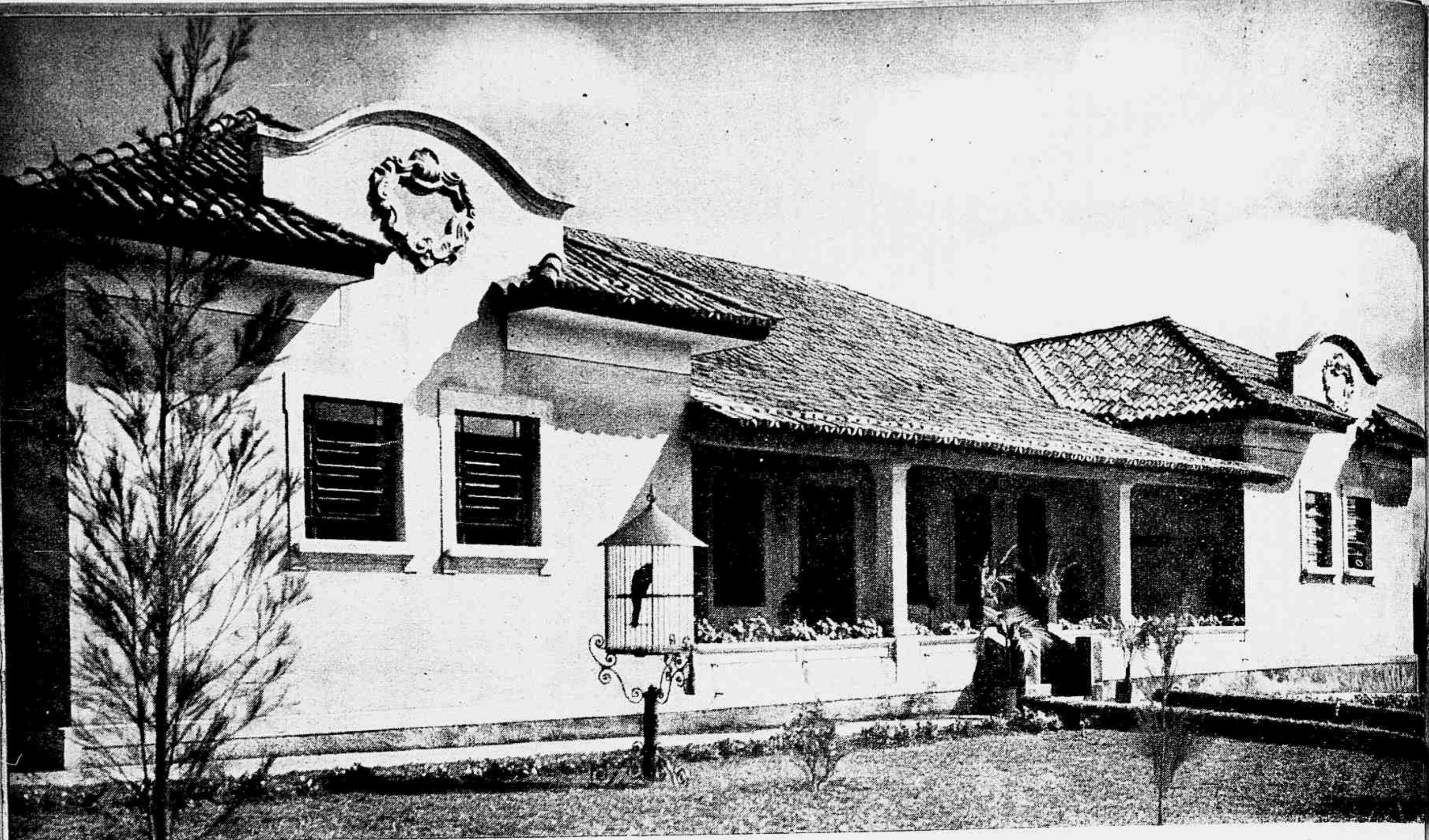
Passa a ter então uma vida independente, embora debaixo de certo controle da instituição, até que, sendo-lhe arranjada colocação, possa livremente e com a devida segurança iniciar na coletividade as atividades de um bom cidadão

VIDA ESPIRITUAL

A orientação espiritual do Educandário está a cargo de um capelão que reside na própria instituição. No Grupo Escolar existe a biblioteca sob orientação e fiscalização do diretor. Quatro redatores menores, eleitos pelos próprios colegas, redigem uma publicação mensal, o "Educandário", que é impresso nas oficinas da Escola Profissional. Aos quartos domingos de cada mês movimentam-se a instituição num vai-e-vem contínuo de pessoas que, autorizadas pelo Juiz de Menores, ou pela Assistência Social, visitam os menores abrigados



Todo o serviço interno é feito pelos próprios Internados. Aqui vemos alguns deles atarefados no preparo do pão de cada dia



Em lares amplos e confortáveis como esse, alojam-se os internados. Existem seis desses lares no Educandário, cada um comporta trinta e seis menores e dois casais de funcionários da instituição que cuidam dos pequenos infelizes

A organização de passeios, desfiles e outras distrações, trazem sempre muita alegria ao sossego habitual do Educandário.

O QUE DIZEM OS INTERNADOS

Durante a visita que fizemos ao Educandário, procuramos manter conversações com alguns meninos, para ver o que eles pensam daquela instituição e como eles se sentem em sua nova fase de vida.

Geralmente, esses meninos, antes espeloteados, malcriados e indisciplinados, falam no Educandário cabisbaixos, dando a impressão de serem muito tristes ou aborrecidos. Talvez o sejam mesmo, porque, apesar da melhoria de condições, não deixam de ser crianças, incapazes ainda de compreender o bem que a instituição procura fazer lhes. Além de tudo, sentem saudades da vida livre. Aliás, fa-

lando sobre este assunto com o diretor, disse-nos aquele benfeitor dos menores que os pais, por mais pobres que sejam, nunca devem permitir que seus filhos sejam internados em tais instituições, privando-os de todas as regalias que as crianças têm quando livres.

Falamos com alguns menores. Eles afirmam sentir-se bem. Têm um outro olhar para a vida. A prova de que eles se ambientam rápida e perfeitamente está na sua atitude com relação à internação e à liberdade, pois, se quisessem, poderiam evadir-se, por não ser cercada toda aquela imensa área que circunda os edifícios do Educandário. Não só não querem fugir, como nem pensam nisso. Quis o acaso que encontrássemos lá um menino que ali se encontra há vários meses e que é nosso conhecido. Era antes, de fato, um menino muito mau, desrespeitador,

indicando todos os sintomas de um futuro desordeiro. Ora, sua progenitora não conseguia endireitá-lo; resolveu, como último e inevitável recurso, interná-lo no Educandário. Decorridos alguns meses, o menino em questão tornou-se outro. Perdeu totalmente o hábito de proferir palavrões, fala com modos, comporta-se bem, trabalha e aproveita a sua inclinação para a música, fazendo, atualmente, parte da banda de música da instituição.

— Então, Zezinho (o nome é fictício), que tal? — perguntamos, abraçando-o.

— Muito bem — respondeu, sorrindo.

— Tem saudades de fora?

— Um pouco, mas gosto muito daqui. Só vou sair desta cidade (os menores ainda chamam a instituição de "Cidade dos Menores", nome primitivo do Educandário) depois de aprender um ofício.

— Que ofício?

— Quero ser tipógrafo, porque acho muito bonito se trabalhar nas oficinas gráficas.

— Então está aprendendo?

— Já sei muita coisa.

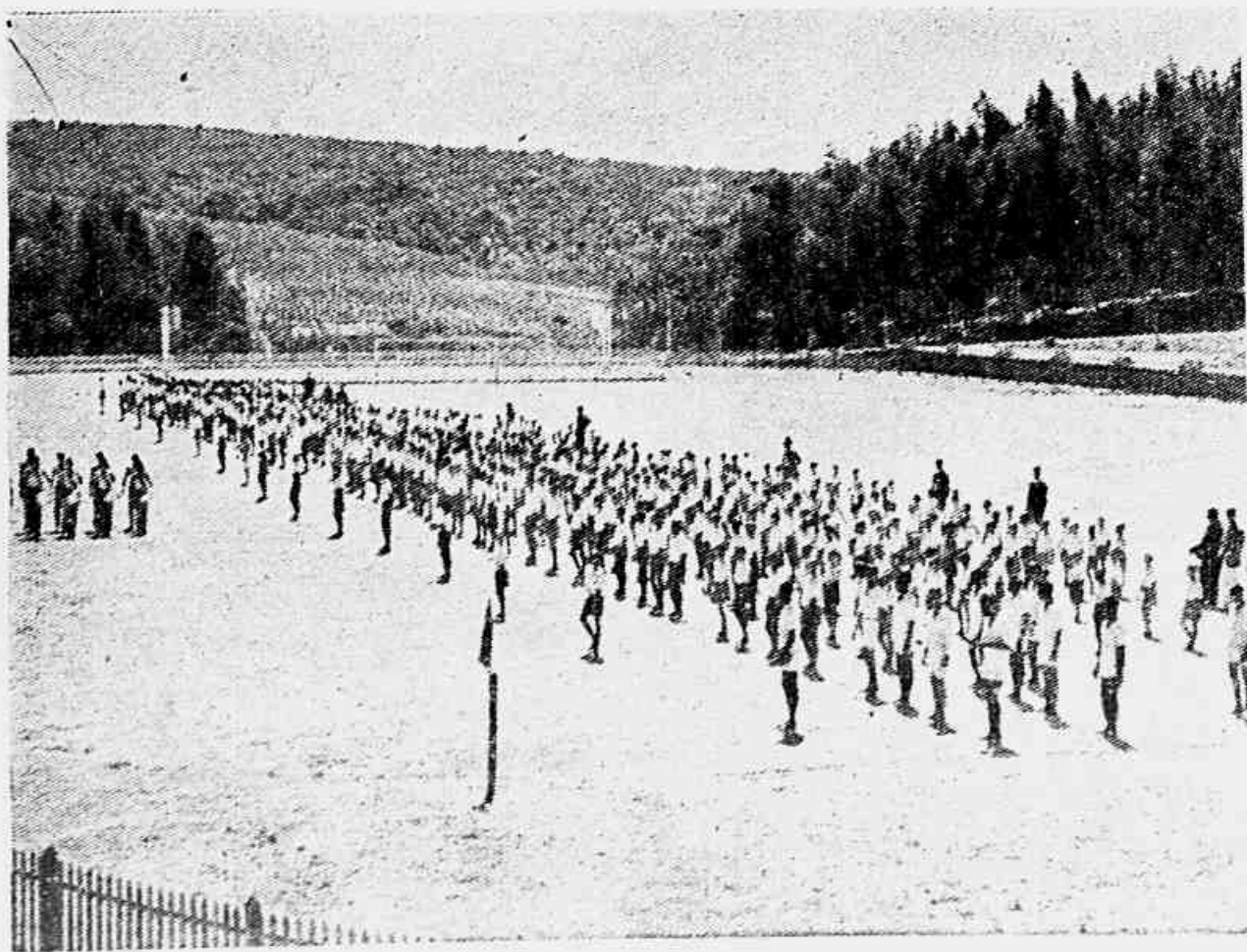
— Cá entre nós, Zezinho: você nunca pensou em fugir daqui?

— Não, senhor. Fugir de quê? E para quê? Aqui tenho de tudo, gosto dos meus colegas. Dou-me muito bem aqui. Só de vez em quando é que tenho saudade da cidade.

Pontos de vista parecidos ouvimos dos demais internados. Completamente reformados, vêem a vida por outro prisma. Que remédio!...

Oxalá pudessem as autoridades de todas as cidades do País recolher os menores abandonados e interná-los em educandários tão bem organizados como o Educandário D. Duarte, de São Paulo.

A ESQUERDA — Aulas de educação física são ministradas a todos os jovens. Vemos aqui um flagrante dessas aulas. A DIREITA — Um aspecto do desfile de menores do Educandário pelas ruas da capital bandeirante em comemoração a uma data cívica



Para salvar seu filho
ela tornou-se uma

ASSASSINA!

uma realização da
PROARTE
DA FILMOTECA CULTURAL



Mataram o meu filho

(Da Novela de GHIARONI)

A HISTÓRIA QUE PODERIA ACON-
TECER A QUALQUER MULHER
QUE TENHA UM FILHO!

com
**ALMA FLORA
BENÉ NUNES
MANOEL VIEIRA
DE LORGES
CESAR LADEIRA**

2ª feira

DIREÇÃO DE
TEÓFILO DE BARROS Fº

SÃO-LUIZ

FONES 25.7679 * 25.7459

VITÓRIA

FONE 42.9020

CARIÓCA

FONE 28.8178

ROXY

FONE 27.8245

MONTECASTELO

FONE 29.8250

FLORIANO

FONE 43.9074

O COLÉGIO PEDRO II NAS "MEMÓRIAS" DE TAUNAY

Por JOSÉ TEIXEIRA DE OLIVEIRA ★ Especial para "REVISTA DA SEMANA"

alunos. A medida que os alunos subiam de classe, crescia-lhe a intemperança de boca, de maneira que no 7.º ano era extravagante e de pasmar o churrilho de palavras descabeladas, de sentenças de Marcial, Apuleio e Petronio, capazes de fazer corar um tambor de artilharia e só próprias de quartéis e repúblicas de estudantes. Tão esdrúxulo e original sistema de ensino era conhecido mais ou menos exatamente das autoridades...

A propósito do lente de física — parece-me — o memorialista acusa-o de "tirano para com os pequenos e quantos lhe fossem subordinados e tímido e baixo para com os potentados e filhos dos que tinham posição saliente". E exemplifica: "Não havia torpeza que não fizesse para agradar ao nosso colega Maneco Matoso, filho do célebre Eusébio de Queiroz Coutinho Matoso Câmara, então inspetor geral da Instrução Pública, além de conselheiro de Estado e senador do Império."

Para abrandar a fúria desse professor, os pais do memorialista contrataram-no para explicador do filho, "de modo que — continua — três vezes por semana, lhe ia à casa ouvir as explicações, que sempre achei confusas, incompreensíveis quase, mistura de francês, português e rangidos de dentes, como alguns dos posses-
tos de Dante. Aliás, nessas lições particulares, fazia, como que garbo, diante de uma criança (Taunay con-
tava, então, 14 anos de idade), de brincar, quase lasciva-
mente, com uma amásia que tinha portas a dentro,

francês já de certa idade, mas não de toda feia e que vinha à sala trazendo ao ombro enorme e, sem dúvida, pesada arara. E era de ver-se as piegüices e paldos dos dois velhos com aquela implicantíssima ave, cujos estridentes gritos me fuzilavam os ouvidos, ao passo que o meu susto do adunco bico parecia divertir um extremo monsieur e sua maitresse. Fui assim, até ao fim de 1857, protegido aí às claras pela fera domada. Fiz exame pior que o de 1856, o que foi confirmado pelo imperador a meu pai, mas em suma achei-me aprovado e passei para o 7.º ano."

Edificantes eram as lutas entre professores e reitor, com repercussão — é claro — no comportamento dos alunos.

O memorialista nos fala das cenas mais deprimentes ocorridas em aula, inclusive a de certo lente esbofetando um pobre pardo.

Narra — e com que sabor! — detalhes de indisciplina capazes de fazer inveja ao endiabrado Manduca.

Chegou a tal ponto o desajustamento dos professores que, para se vingarem dos alunos, reprovaram alguns, injustamente, em ato assistido pelo imperador e sob protesto deste.

Verdade que as Memórias se referem àquele período a que Escagnolle Dória qualificou "malaventurado na disciplina". Mas, pela amostra, temos direito a duvidar desses moralistas que comecam seus sermões com as tão conhecidas palavras: "No meu tempo..."

O Imperador Pedro II parece que tinha pouco que fazer, sob o regime monárquico parlamentarista. Era uma espécie de professor frustrado e uma das suas preocupações era fiscalizar exames finais e concursos para catedráticos...

NÃO é atoa que os historiadores patricios lamentam a falta de depoimentos autênticos dos nossos antepassados, seja do gênero epistolar, seja sob a forma de memórias. Obrigados a trabalhar — quase sempre — sobre textos oficiais, raramente conseguem fazer obra sem o artificialismo bem pôsto que caracteriza os relatórios, decretos, tratados, mensagens, etc.

Bendita, pois, a mão que confidencia coisas vividas ou sabidas por seu dono. Abençoado o carinho de quem guarda e conserva cartas ou apontamentos sobre fatos de que participou ou a que assistiu. Colaboram todos para o melhor esclarecimento das gerações futuras com aquela contingente mais prezado pela história: a verdade.

E já que o exemplo é mais eloquente que todos os outros argumentos juntos, vamos, a um que é familiar a toda gente.

Quem se metesse, hoje, a escrever sobre o ensino no Brasil iria, por certo, afirmar que o dito vai em franca e catastrófica decadência. Que antigamente estudava-se mais, muito mais. Que a disciplina... Oh! a disciplina! os rapazes estão, cada vez, mais atrevidos e mal educados!

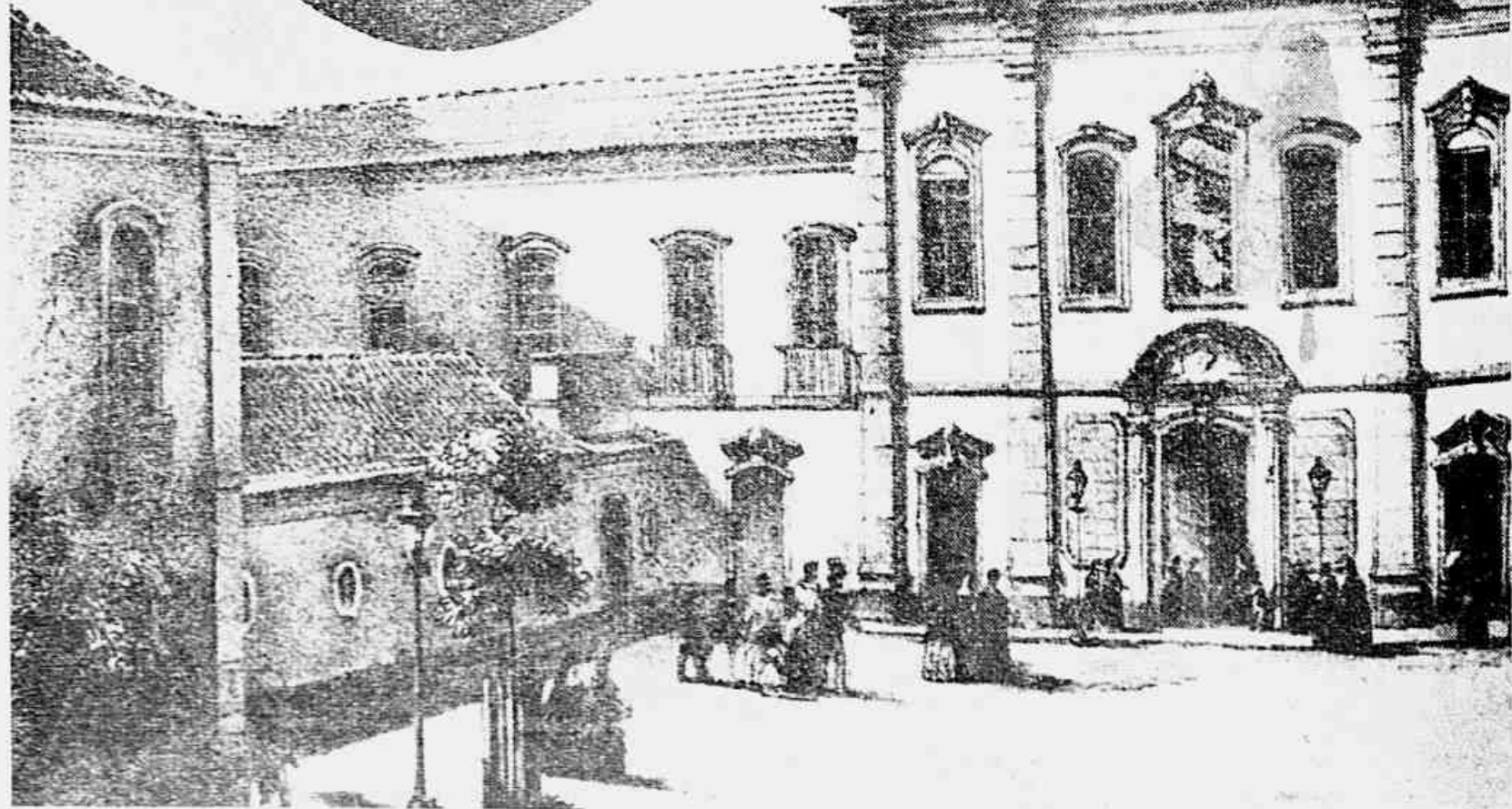
Pois é. Se basear suas afirmações nos relatórios, discursos, programas oficiais e teses e cotejar quanto ali se diz com a realidade de que é testemunha, tudo concorda com a catástrofe.

Mas... os relatórios exprimiriam a verdade?

A resposta, em parte — pelo menos — está nos capítulos que, nas suas Memórias, o Visconde de Taunay dedica ao Colégio Pedro II, seus mestres e discípulos.

Para aquele educandário — há um século, como hoje, considerado o estabelecimento de ensino padrão do país — entrou o futuro autor da Retirada da Laguna em 1855.

Lá encontrou professores a respeito dos quais escreveu: "bastante fraco na matéria que lecionava" — referindo-se ao de francês; mencionando o de zoologia, diz que "ele falava mal português e... indistintamente se ouvia o que dizia, emburilhando tudo quanto queria explicar e pondo, como vulgarmente se diz, os pés pelas mãos". Quanto ao de latim, "so era forte em nugas e minúcias gramaticais, muito lido em sutilezas filológicas, mas sensivelmente fraco na posse do idioma que ensinava". E acrescenta: "Que singular pedagogo! Enre-meava as preleções com palavras e anedotas inconve-



O antigo Colégio Pedro II na Ilha de São Joaquim. No medalhão, o Visconde de Taunay, que em seu livro desta publicação nos revela coisas interessantes sobre a vida do velho educandário.

BOM HUMOR



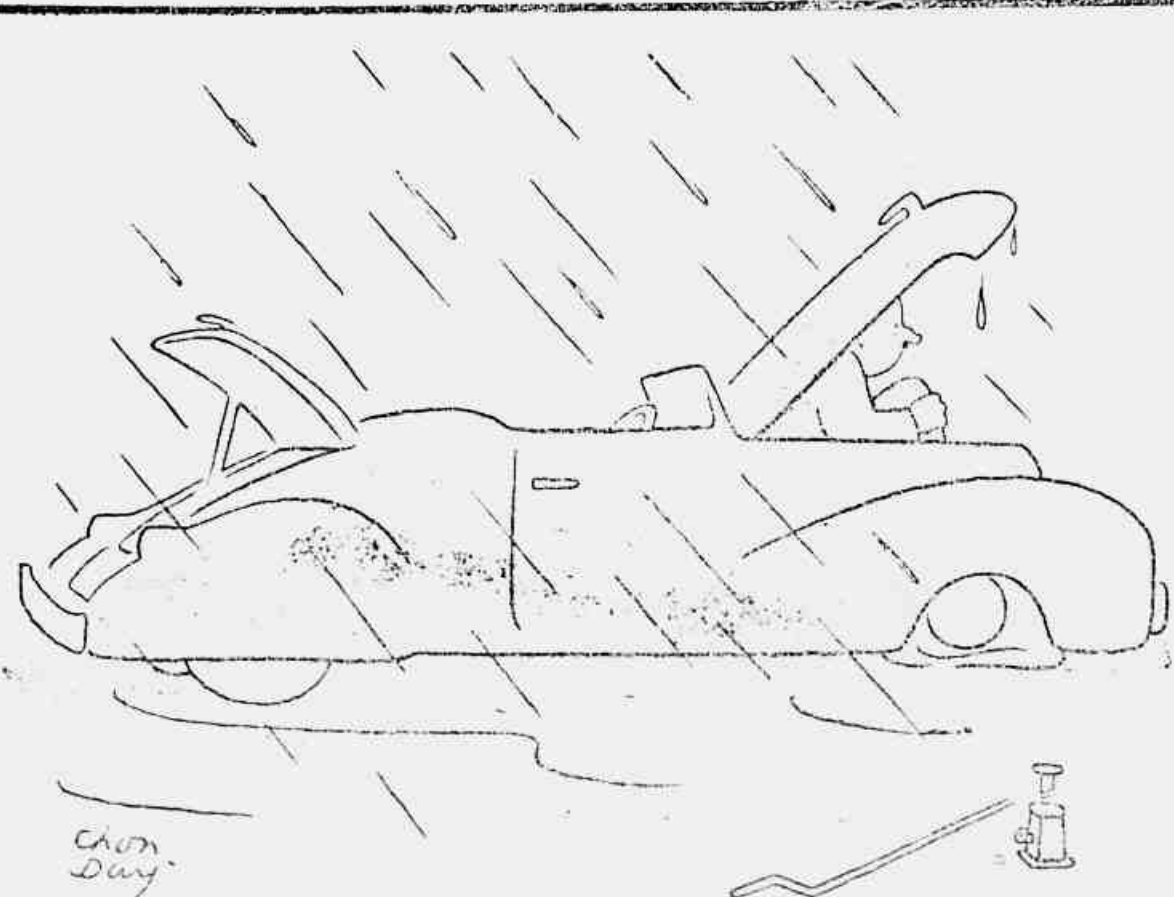
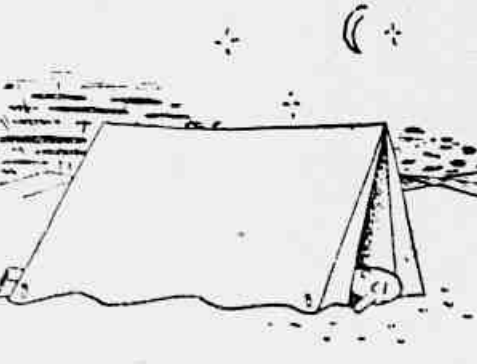
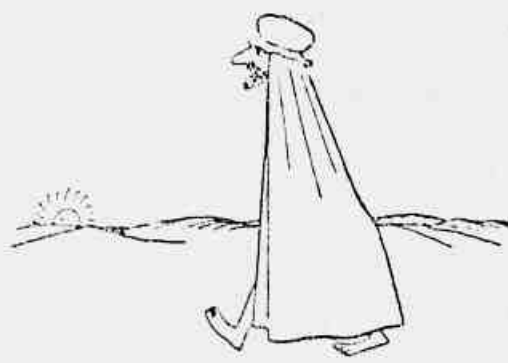
— Miquelina, você deixou a porta aberta?



— Francamente, Dona Rosália! E eu pagando cem mil réis à hora pelo santonista!



— Ai, doutor! Eu não sabia que minha mulher estava atrás da porta, ouvindo tudo





N U P C I A S

O recente enlace matrimonial da senhorinha Yolanda Coelho Bouças, filha do sr. Valentim Fernandes Bouças e sra. Yjanira Coelho Bouças, com o sr. Humberto Mancel Pinto de Miranda Montenegro, filho de sr. José Carlos Pinto de Miranda Montenegro e da sra. Carmen Antunes Miranda Montenegro, constituiu a nota marcante dos acontecimentos do último mês, dado o invulgar prestígio de que desfrutam nos círculos sociais brasileiros as famílias dos noivos, ilustres por todos os títulos.

O ato religioso realizou-se na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Serviram de padrinhos da noiva, os pais do noivo, e deste, o sr. Valentim Fernandes Bouças e sra. Jandira Coelho Caldeira. A cerimônia foi celebrada pelo padre Agostinho Caruso, e acompanhada por orquestra dirigida pelo maestro Louis de Moura. Compareceram: sr. Mário Aché e família; sra. Maria E. Aché Pillar; srs. Bento Neves, Claudionor da Silva Ramos, Abraão Bouças, João Henrique Sardinha, Leonardo Álvaro Alberto, Otávio Silva Santos de Sousa, Luís Simões Lopes, José Gomes Coimbra, Jorge Bouças, Otávio Martins Ribeiro e família, Henrique Torres e família, Carlos Piga e senhora, Edilo Câmara, Cláudio Soares, Vitor Bouças e família, major Valdemir Bouças, José Carlos Mafra e outras.

As fotos que ilustram esta página fixam os aspectos mais expressivos da cerimônia nupcial.



BROADCASTIST

RÁDIO-FLASHES

★ Os cartazes internacionais continuam na ordem do dia. Agora, anuncia-se a vinda de Fernando Albuérne, intérprete da música latino-americana que, presentemente,

extraordinário sucesso, tão logo termine suas audições no "broadcasting" da paulicéia, seguirá para Recife, a fim de participar dos programas da nova emissora pernambucana. A propósito do artista português, anuncia-se que antes de embarcar para Portugal, voltará ao Rio para uma nova temporada na Rádio Nacional.

★ A saída de Jaime Moreira Filho da PRA-9, levou seus dirigentes a pensarem em Pedro Luis, atualmente integrando o "cast" de uma das estações bandeirantes. As negociações entre o locutor e a Mayrink Veiga caminham para solução favorável, sendo de esperar que, desta vez, Pedro Luis venha a atuar no rádio carioca.

★ O presidente da Associação das Emissoras de São Paulo, em declarações à imprensa, afirmou que "o rádio e a imprensa devem ser livres, porquanto

a Constituição lhes assegura esse direito. Os abusos eventualmente praticados, são logicamente passíveis de punição mas, para tanto, existem, nas leis os corretivos necessários".

★ Luciene Delyle, interessante intérprete da música francesa, regressou a seu país de origem. Sua

passagem pelo "broadcasting" carioca constituiu acontecimento marcante, dado os números de seu repertório e o excelente material de voz de que é possuidora. Para substituí-la, fala-se na vinda de Jean Sablon, presentemente cantando para o povo paulistano.

★ Estelinha Gil está fazendo sucesso em Buenos Aires. Dick Farney prepara-se para voltar ao Rio. Carmen Miranda também é esperada nesta cidade, enquanto Russo do Fandeirol, mais uma vez, vai tentar a América. Ramos de Carvalho está percorrendo os países europeus. Rubens Amaral manda dizer que continua solteirinho da silva.

★ Com o nome de Rádio Guaíba, acaba de ser fundada mais uma emissora em Porto Alegre. Seu capital eleva-se a dois milhões de cruzeiros. Quanto aos proprietários, são destacados próceres do P.S.D. gaúcho. Essa nóvel estação funcionará em ondas curtas e médias.

★ Jesy Barbosa voltará brevemente à atividade radiofônica. A autora de "Nostalgia" tem pronto um programa a ser lançado pela Rádio Globo, a qual continua pertencendo. E' ainda provável que se apresente como novelista, assinando um trabalho diferente. Jesy, segundo sabemos, trabalha num argumento cinematográfico.

★ Paulo Gracindo estará brevemente no teatro Fenix, ao lado de Olga Navarro, Maria Della Costa e outros, vivendo uma peça do repertório leve de Guido Cantini "Sonata a quatro mãos". Apesar de suas múltiplas atividades, Gracindo não deixará o microfone, continuando na PRG-3, onde atua no Grande Teatro, todas as segundas-feiras e interpreta papéis nas novelas vespertinas.

★ Ivete Ribeiro, ao contrário do que se anunciara, preferiu S. Paulo aos Estados Unidos. A popular sambista está atuando ao microfone da Bandeirante e participando das audições de uma "boite". Enquanto isso, Carmélia Alves está de novo no Rio, para os ouvintes da Mayrink Veiga.

DUAS BOAS AUDIÇÕES

JOÃO VILLARET, depois de passar pelo teatro, onde conseguiu a maior consagração que um artista pode almejar, enveredou pelo rádio, estreando ao microfone da Globo. Ao seu lado, tivemos Maria Sampaio, já credora de nossa admiração, pelo muito que tem realizado na ribalta e no "broadcasting" brasileiro. Cuidou-lhes da apresentação, o novelista Amaral Gurgel que, diga-se de passagem, escreveu interessante história à altura de tão famosas figuras. O espetáculo em si, agradou em cheio, proporcionando ao público ouvinte ótima oportunidade de conhecer um dos reais valores da cena portuguesa. João Villaret, seguro na arte de dizer ao microfone, conduziu o espetáculo de maneira auspiciosa, atraindo para sua pessoa, o interesse de quantos já se acham saturados de novelas e cortinas.

Compreendendo o alcance do rádio-teatro, embora privado de pôr em jogo a mímica, o ator da Cia. Portuguesa de Revistas, proporcionou-nos agradáveis momentos. Ainda mais, quando minutos antes, havíamos travado conhecimento com a arte de Domingos Marques, Maria Adelina e Antônio Mestre, três figuras distintas do cacioneiro luso. Cabe à Rádio Globo, neste ligeiro comentário, nosso aplauso pela feliz apresentação levada a efeito. Apresentação, que não teve alardes sensacionalistas, limitando-se ao mérito dos artistas revelados. Tanto o "Teatro de Sonho", em que Villaret e Maria Sampaio dividem o êxito despertado, como os três intérpretes da música portuguesa mostram o acerto da direção artística da PRE-3, na escolha de seus astros.

A. MIGUEIS.

EPITÁFIO



SARAH NOBRE foi uma das primeiras conquistas do teatro-cego. Vitoriosa no palco, o rádio a foi buscar para viver ao microfone, tudo quanto os novelistas produzem. Assim, encontramo-la junto a Cordélia Ferreira, no "Teatro pelos Ares". Ouvimo-la em trabalhos de Berliet Junior e em programas de outros produtores. Sempre aquela Sarah Nobre de que nos fala melhor De Chocolat, neste interessante epitáfio:

Essa que nos bons tempos da Revista, foi ingênua, foi bela e foi "Vedetta", ao lado da mamãe também artista, foi grande na comédia e na opereta. No dia em que baixou à sepultura, o coveiro exclamou sentidamente: "Essa 'nobre' e formosa criatura morreu sorrindo displicentemente."

VALE A PENA SER LOCUTOR-ESPORTIVO

LUIS MENDES surgiu ao microfone PRE-3, comandando os programas matinais. Mais tarde, levado pela vibração que o esporte provoca, substituiu Gagliano Neto, no Departamento de Esportes da Globo. Hoje é o nome do dia. Por isso, tem credenciais suficientes para dizer se vale a pena ser locutor-esportivo. Vejam sua resposta:

«— Eu poderia dizer: vale a pena, sim. Vale a pena porque o setor do locutor esportivo é, no rádio brasileiro, um dos mais bem pagos. E, numa época em que o dinheiro vale tão pouco que sem ele ninguém vive, ainda que isso pareça



paradoxo... Mas vamos examinar a questão por outro prisma. O trabalho do locutor esportivo, muito embora quantitativamente pequeno, é desses que cansam bastante. A prova maior disso é que raramente um «speaker» de esportes mantém o mesmo nível de atuação por mais de cinco anos. Em verdade, falar durante duas horas, descrevendo, não só as competições esportivas, como o que acontece à margem das mesmas nos estádios, é um trabalho difícil. Talvez por isso, a profissão de locutor esportivo é, dentro do rádio, uma das que menor número de pessoas conseguiram arrebatar... E' muito difícil e, como tudo que é difícil, um pouco cara... para as emissoras. Tirando de lado as amolações que se tem com clubes e torcidas, as vezes porque muitos não querem reconhecer o direito de ter opinião e dentro desse princípio não respeitam essa opinião, acredito piamente que vale a pena ser locutor esportivo.



Uma criança recebe a primeira refeição na Cantina de Água Fria. Na foto, a esposa do governador de Pernambuco quando dava a sopa que, juntamente com uma fruta produz um aumento de peso de 400 gramas a 2 quilos por mês

A CAMPANHA PRÓ-INFÂNCIA EM PERNAMBUCO

Por JOANITA BOREL MACHADO

NUM país como o nosso, em que a mortalidade infantil atinge a cifras astronômicas, um movimento nos moldes da Campanha Pró-Infância, que vem sendo encetada em Pernambuco, merece os nossos encômios pelo seu alto sentido humano e patriótico. Sem nenhum exagero, podemos afirmar que se trata de uma campanha de salvação nacional, sendo de esperar que o exemplo do Estado nordestino seja seguido pelas demais unidades da Federação.

A frente dessa campanha admirável encontra-se a sra. Maria José Barbosa Lima Sobrinho, esposa do governador do Estado, que, por seu interesse pela causa das crianças pernambucanas, vem imprimindo à obra uma orientação sadia e prática, atendendo às necessidades ingentes de solução parcial dos problemas sociais brasileiros. Possuindo igual soma de interesse pela nobre causa, acompanham de perto a esposa do governante pernambucano outras figuras de destaque da diretoria da Campanha, como a sra. Alice Gondim, veterana das obras de caridade; as sras. Lindalva Cunha e Maria Eugênia Coutinho, esposas de médicos, pelo que já acumularam experiência na clínica do raquitismo e desnutrição; a sra. Barros Barreto, de um di-

namismo e uma capacidade de trabalho raros; a esposa do secretário da Agricultura, que, além de prestar inestimável colaboração na Diretoria Central, é presidente da Cantina "Madalena", no bairro do mesmo nome.

Tivemos oportunidade de assistir a uma das sessões semanais da diretoria, quando observamos, em plena atividade, aquele grupo de beneméritas, entre as quais a escritora e professora Lúcia Amaral, as sras. Pessoa de Queiroz, Bandeira de Melo, Antiógenes Chaves, Morais Régio, Arnaldo Pinto e srta. Morais Régio.

A Diretoria Central funciona no prédio da Liga Contra a Mortalidade Infantil, cedida pelo presidente Edécio Cunha, e ali foi instalada a primeira Cantina, a "Martagão Gesteira", onde a assistência médica é mais ampla do que nas outras, devido às facilidades que oferece.

Toda a campanha financeira é feita pela Diretoria Central, pelo que conta com a cooperação de médicos ilustres, industriais e comerciantes. Alguns destes últimos, como os srs. Melício Carneiro Leão e Domingos de

Castro, fornecem carne para a Diretoria Central. Papel de importância, igualmente, tem cabido à imprensa e ao rádio.

A Diretoria Central funciona como órgão coordenador e de administração geral, conseguindo verbas para o fornecimento da sopa das Cantinas e para outras despesas similares. Daí ter dito a sra. Maria José, com muito espírito:

— "Somos os pais da criança. As cantineiras são as mães..."

Ainda coube à Diretoria Central a fundação das cantinas dos bairros, posteriormente dirigidas por senhoras e senhoritas residentes nas mesmas localidades. Cada cantina de bairro possui a sua própria diretoria, a qual se reúne mensalmente para a prestação de contas e recebimento do dinheiro necessário às despesas programadas. A melhoria das refeições depende, entretanto, dos esforços dos grupos nas campanhas concernentes a cada bairro. A cantina de Madalena, por exemplo, dirigida pela sra. Luiza Barros Barreto, distribui, além da sopa, um prato de arroz com carne e doce; às quintas-feiras, há distribuição de bananas vindas de Limoeiro, da fazenda da sra. Beatriz Pinheiro

Na cantina do Pátio de Santa Cruz, dirigida pela sra. Elizabeth Correia, esposa do presidente da Câmara dos Deputados, vimos um enorme caldeirão com doce de banana. Ali, o cardápio consta de uma sopa diferente para cada dia, a qual é substanciosa e distribuída com abundância. Verificamos na ficha individual das crianças o benefício desta refeição diária: os pesos aumentavam numa média de 400 gramas até 2 quilos, sendo que as crianças que apresentavam um índice maior de desnutrição e debilidade eram justamente as que mais depressa experimentavam os efeitos compensadores de uma boa refeição.

A campanha vai ampliando o seu plano assistencial de acordo com o consequente aumento de capital. Assim é que já se vai dando assistência médica na medida do possível. Neste setor, a vacina anti-diftérica é a mais comumente aplicada, uma vez que o Laboratório Pinheiros, de São Paulo, enviou para a Campanha uma grande quantidade dessa vacina. Sempre procurando alargar o raio de suas atividades humanitárias, teve início, agora, a campanha para adquirir roupas para as crianças.

Todas essas cantinas possuem um livro de matrícula, além da ficha individual, onde ficam registradas a filiação, residência, idade, frequência, peso mensal, saúde, etc. E as cantinas estão se multiplicando para além dos bairros da cidade, tendo sido inaugurada, há pouco, a de Pau Ferro. A propósito, a sra. Barros Barreto esclarece:

— "Onde houver um local e uma cozinha grátis, aí montamos uma cantina."

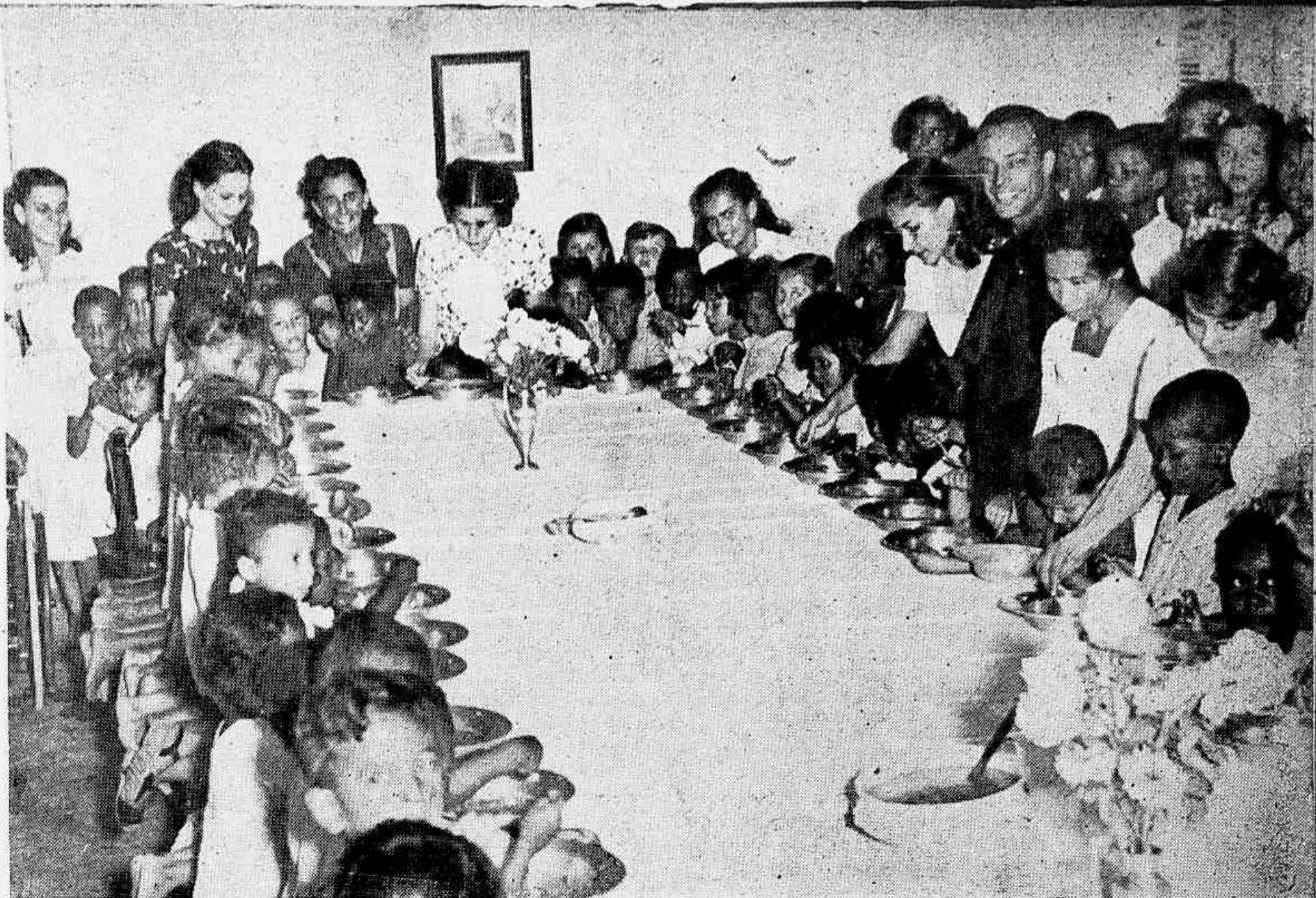
Há, ainda, a salientar, o lado educativo desses centros de alimentação. Ali as crianças adquirem virtudes que são patrimônios morais incorporados à sua vida, como o espírito da disciplina, da camaradagem, da higiene e o sentimento da boa solidariedade cristã. Já se fez, igualmente, alguma distribuição de pentes, sabonetes e escovas de dentes, o que se fará em maior escala na medida do acréscimo das verbas. A sra. Barbosa Lima Sobrinho nos relata a alegria dos pequenos ao receberem essas "preciosidades" e a convicção com que se aproximam dela para dizer que já sabem usar a escova e o pente e mostrar os dentes escovados.

Saímos da Casa da Criança em companhia de uma comissão de senhoras e do deputado José Domingues, que fôra convidado a apreciar o extraordinário rendimento das cantinas em sua obra de benefício social, pois já foi solicitada uma verba ao Estado, assim como certa percentagem à Loteria Estadual. Faziam parte desse grupo: as sras. Barros Barreto, Lia Azevedo Chaves, Alice Gondim e Lindalva Cunha.

Visitamos, naquela manhã, justamente na hora da distribuição da sopa, as cantinas do Pátio de Santa Cruz e Madalena, onde fomos recebidas pela diretora do dia, sra. Lourdes Pugliesi Branco; a do Iputinga, pelas sras. Niecia Motta e Maria José Campelo. Na cantina do Prado, fomos acolhidas pela sra. Maria Edir Campelo. Ali fomos encontrar a sra. Maria José Barbosa Lima em uma das suas castumadeiras visitas de surpresa, — porque é preciso saber que os "amigos da onça" prolíficos também se metem nessa obra, ainda que pareça incrível, para denunciar hipotéticas irregularidades e dificultar o labor dos outros.

Durante longos, difíceis e árduos anos trabalhamos em vários setores de serviços sociais, fundando, reorganizando ou lidando neles, sem termos jamais visto um grupo tão grande e homogêneo empenhado numa campanha como esta. E na verdade é esta a magnífica oportunidade da mulher, da mãe e da moça brasileiras que trazem em si o amor maternal; é a sua grande hora de re-

(Continua na página 48)



Na Cantina de Iputinga, em agosto, 2.689 crianças foram alimentadas ali. A srta. Maria José Campelo compôs as gravuras simbólicas infantis que dão a tudo uma aparência de jardim da infância



AO ALTO — As sras. Maria José Barbosa Lima Sobrinho e Celita Castelo Branco rompem a fita simbólica, inaugurando a Cantina do bairro do Prado. EM BAIXO — Flagrante apanhado no ato de bênção da Cantina do bairro de Encruzilhada, pelo revdo. Sabóia Lima. Dirige essa cantina a sra. Barbosa Lima Sobrinho



A vida de Thomas Hardy

1840 - 1928

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

"Meu caro, quando você nasce, está perdido". Eis uma observação que, segundo se diz, Arnold Bennett fez a Hugh Walpole. Esta verdade universal, dita assim em ar de gracejo, recebe inteira confirmação na vida de Thomas Hardy. Desde que nasceu, com seu corpo franzino, seu espírito robusto e sua alma compassiva, Hardy estava "condenado" à carreira literária. Quando criança, gostava de observar as larvas num charco próximo a casa de seu pai em Dorsetshire. Essas criaturinhas indefesas "passavam a vida em doído rodopio... chafurdando e erguendo-se à tona na água viscosa e morna do lodacal quase seco". Muitas vezes perguntou a si mesmo qual o significado de tudo aquilo. Já homem maduro, voltou sua atenção para as larvas humanas igualmente indefesas que chafurdam, se multiplicam e morrem no lamaçal da terra. E resolveu sentar-se à beira da estrada e esforçar-se por deslindar todo esse mistério.

II

Era tão frágil ao nascer (2 de junho de 1840) que o médico o deu como morto. Entretanto, graças às palmadas vigorosas da ama, voltou à vida que para ele iria durar quase noventa anos. O pai, empreiteiro de construções, permitiu que aquele seu "rapazinho com cara de velho" andasse pelo campo em vez de ir para a escola. "Deixem-no tomar um fartão de sol. Poderá educar-se mais tarde.

Assim, a primeira educação de Thomas Hardy foi ao ar livre. Seus livros eram "os regatos a correr". Familiarizou-se com as coisas vivas através dos cinco sentidos e de um sexto também — uma simpatia que abrangia tudo. Comovia-se vendo as árvores, vendo e ouvindo os animais e os pássaros. "Quando criança", escreveu ele mais tarde, aprendi que cada espécie de árvore tem sua voz particular e suas características. Ao sopro da aragem os abetos soluçam e gemem tão distintamente quanto se embalam; o azevinho assobia enquanto luta consigo mesmo; o freixo silva por entre seus queixumes; a faia sussurra enquanto seus ramos chatos se levantam e abaixam".

Sentia-se intimamente ligado à natureza — "um parentesco consanguíneo" com o vento e com as nuvens, com as borboletas, as abelhas, os pardais, os esquilos e os cordeiros. Em sua imaginação viva procurava frequentemente identificar-se com esses objetos exteriores e com essas criaturas. Uma vez, ainda criança, "virou" carneiro. Pôs-se a andar de gatas pelo campo "comendo" capim. Quando levantou os olhos, ficou "muito perplexo" — conforme se expressou mais tarde — ao ver o "espanto" nos olhos dos outros carneiros diante do espetáculo desse novo membro do rebanho.

Quando completou 9 anos, seu coração estava perfeitamente afinado pelo da natureza. Começou então sua educação propriamente dita. Seu pai mandou-o para a "Mr. Last's Academy for Young Gentlemen" que era uma escola particular situada a três milhas da casa dos Hardys. Todos os dias, quando se dirigia para a escola e quando voltava, detinha-se para "dar dois dedos de prosa" com seus companheiros de folgedos — as criaturas silvestres de Egdon Heath. Mas gostava especialmente de observar os rostos humanos. Perto de Dorchester, cidade onde ficava sua escola, ele tinha de atravessar uma ponte de pedra. Parava sempre no meio da ponte e ficava a estudar as pessoas que passavam. "Há tantas histórias interessantes nos rostos humanos..."

Na escola era o aluno menor mas o que tinha melhor cabeça. Seus professores se espantavam com a rapidez com que as-

similava os conhecimentos. Quando concluiu o curso, aos 16 anos, estava perfeitamente familiarizado com o latim, o francês e a literatura inglesa, principalmente com o teatro de Shakespeare que sabia quase todo de cor.

Este pequeno "Jude o Obscuro", sossegado, estudioso e sensível, estava aflito para entrar na universidade, mas o pai não lhe podia proporcionar tal luxo. Era mais que tempo que ele começasse a viver por conta própria. Precisava aprender um ofício ou um negócio qualquer — uma coisa fácil que não fosse pesada demais para seu corpo frágil e raquítico. A música? Tommy era um bom violinista. Seu pai o ensinara a tocar o instrumento. Mas isso não dava rendimento. Pai e filho tocavam muitas vezes em bodas campestres. Mas que violinista de Dorsetshire digno de respeito pensaria em cobrar um real por esse obséquio de amigo? Então, que podia ele experimentar? Ser ministro do culto? Para tal havia duas objeções: sua bolsa mal abastecida e sua figura que não causava impressão à vista. Restava-lhe apenas uma coisa: a arquitetura. O pai era construtor; o filho seria desenhista de plantas.

E assim Thomas Hardy foi aprender com o arquiteto John Hicks, que tinha escritório na vizinha cidade de Dorchester.

Mas a Hardy não agradava muito o ofício excessivamente mecânico de tirar cópias de plantas para construção. Ele era um artista por natureza, não um cientista. Embora fiel ao seu trabalho, todos os momentos livres ele os passava estudando e sonhando. Levantava-se às cinco da manhã — às vezes mesmo às quatro e passava umas duas horas estudando grego. Dentro de três anos podia "palestrar" correntemente com Esquilo, Homero e os autores do Novo Testamento.

E durante todo esse tempo manteve relações familiares com sua linguagem preferida — a gramática universal da natureza. E traduziu essa gramática para a música inglesa, pois Thomas Hardy descobriu que era poeta. "Comecei a escrever versos porque tinha de fazê-lo, obedecendo a ordens que vinham de dentro de mim".

Ordens interiores ele as recebia, mas nenhum estímulo exterior. "Enviei meus versos para publicação e todos me foram invariavelmente devolvidos. Durante anos os editores nem lhes tocaram". Thomas Hardy não sabia vender sua mercadoria. Nunca foi muito afoito. Até o fim de sua vida não aprendeu a arte de fazer sua própria propaganda. Sir James M. Barrie observou certa ocasião: "O anjo que guarda a entrada do céu, seja ele quem for, terá de empurrar Thomas Hardy para que este entre no paraíso". Até então nenhum anjo porteiro do santuário das editoras se mostrava disposto a empurrar Thomas Hardy ou sequer a convidá-lo a entrar. Anos a fio esteve ele a oferecer suas pérolas... não propriamente a porcos mas a editores que as tomavam por bôlhas de sabão.

E, para dizer a verdade, muitas das primeiras poesias de Hardy e até algumas das que compôs mais tarde — tinham muito de frioleira. A sua disposição estava tudo quanto é necessário ao gênio poético — instinto musical, imaginação, afinidade, aptidão inata para o emprego da frase adequada, concisão de idéias, condão de "converter sílabas em estrelas" — tudo, enfim, menos inspiração. Hardy estava cósio dessa deficiência no arsenal de seus talentos. "Creio que jamais serei um escritor", dizia ele. "Estou condenado a desenhar projetos de construções a vida inteira".

E assim foi para Londres como arquiteto capaz e poeta amador. Ali conseguiu o emprego de desenhista no escritório

do desenhista de plantas de Igrejas Arthur Blomfield. Ali trabalhou cinco anos com um sujeito pálido e sossegado, usando barba, falando pouco e assimilando muito) "mancebo de certo valor, de origem humilde mas um artista completo... Tem uns 23 anos... com o colete num sempre limpo... extraordinário devorador de livros... conhece Shakespeare até às notas de fim de página... Nunca triunfará no mundo... falta-lhe a necessária energia para fazer relações e o amor para utilizar-se delas..."

Este retrato que Thomas Hardy traça de Edward Spingrove (personagem do seu livro *Os remédios desesperados*) é um quadro fiel de si próprio ao aproximar-se dos 30 anos. Não passava de um labrego nada insinuante e, até o momento, sem nenhum êxito na vida um obscuro desenhista cujo futuro estava longe de ser promissor.

Contudo, esse jovem desenhista, aparentemente sem grandes possibilidades na vida, conheceu, namorou e desposou uma jovem de posição social superior à sua. Estava trabalhando na restauração da igreja de St. Juliot, em Cornwall, por recomendação do seu patrão, Mr. Blomfield. Enquanto se desincumbia do serviço, conheceu Miss Ema Gifford, cunhada do pastor encarregado do templo. Miss Gifford, rebento de uma família de "advogados, cônegos e arcebispos", era uma hábil amazona, uma boa cantora, uma pintora bastante passável e uma perfeita esnobe. "Não posso saber o que ela viu em mim, filho de um pobre pedreiro". Mas, fosse como fosse, conseguiu fazer sua declaração de amor, e ela, apesar do casaco estragado e da barba sem trato que ele usava, "condescendeu" em dar-lhe o sim. E... "voltei de Lyonesse (Cornwall) com um brilho mágico nos olhos".

Uma lua de mel fugaz e delirante e uma longa vida de incompatibilidade conjugal. Nunca lograram entender-se. Social e fisicamente, não houve meios de "acertarem o passo". Ela adorava a equitação, ele preferia andar a pé e nunca aprendeu a cavalgar. A incompatibilidade mútua, inevitável, durou até o fim.

III

Hardy, porém, nunca se queixou. Procurou proporcionar à esposa um lar con-

fortável, provê-lo dum mínimo "necessário" a uma mulher de sua posição social. Embora, para viver, continuasse a depender de sua ocupação de arquiteto, voltava-se cada vez mais para a literatura como a tarefa essencial da sua vida. A instâncias de Ema, deixou a poesia pela prosa. "Jamais quis escrever romances em prosa. Fui obrigado a fabricá-los: as circunstâncias" (um enfermeiro; ele queria dizer — Ema). "Obrigaram-me a isso."

E assim, por instigação de uma mulher que não amava o marido, brotaram algumas das mais belas histórias de amor da literatura inglesa.

Os romances de Hardy são construídos em grande parte sobre a fórmula do amor mal empregado. Esta fórmula é descrita cômicamente por Christopher em *The Head of Ethelberta*: "Aprendi o amor unilateral, o amor recíproco e todas as espécies que existem, porém esta é a primeira vez que experimento o amor "concatenado". Você me acompanha, eu acompanho Ethelberta, esta acompanha sabe Deus quem!". Assim, toda a vida é uma comédia de erros no terreno da afeição. Quem é amado, ama alguém, mas sobre todos os amantes pesa a maldição de que jamais consigam amar aqueles que lhes dedicam esse sentimento.

Com essa atitude pessimista diante das emoções humanas, Hardy encontrou dificuldades, no princípio de sua carreira, com os editores e com os críticos. Sua reputação cresceu lentamente. Só depois de publicar vários romances — alguns por sua conta — foi que o mundo percebeu a existência de uma grande delicadeza de sentimentos surgida de uma grande tristeza. As duas notas predominantes em seus romances são ironia e piedade. A ironia do céu, a piedade do homem. Alguns críticos, mesmo os recentes, não reconheceram esse duplo aspecto da filosofia de Hardy. "Ele enxerga apenas o lado feio do mundo", comenta um crítico dos nossos dias. E outro, igualmente parcial, observa: "Alguns dos antepassados de Hardy deve ter-se casado com um salgueiro chorão". Mas a maioria dos críticos hodiernos reconhece na obra de Hardy um novo tipo de beleza negativa de tom trágico e ao mesmo tempo "uma beleza positiva que envolve ternura".

Uma nova beleza e uma nova filosofia.

(Continua na página 44)



Thomas Hardy

DENTRO da cidade inquieta e enorme teu corpo é um nada. Ninguém percebe a trágica vibração de tua garganta estrangulada, onde a voz morreu sem proferir a última impreciação.

Nada é hoje um mistério na cidade branca de sol, mas desesperada (terrivelmente desesperada!), talvez mais do que teu dolorido coração, que dentro de poucos instantes deixará de bater, imprevisivelmente, ante os olhos assombrados dos transeuntes.

E parecias tão tranquilo e feliz! Teus olhos absortos se fixavam, indiferentes, na fachada majestosa do Clube Militar — e quem te visse diria: "Certamente espera que o trânsito se interrompa a fim de atravessar". Teus olhos, suaves e calmos, pareciam repousar, ternamente líquidos.

Num dado momento ressoa o apito, a grande faixa negra do asfalto livra-se das rodas; homens e mulheres caminham apressados observando à direita, depois à esquerda. Entretanto, não te moves. Entretanto, teus pés não se mexem — e teus olhos quase imóveis abrangem a fachada brilhante. Mas tua boca se crispa quase imperceptivelmente — e, súbito (quem diria vendo a tua tranquilidade perfeita e a displicência do teu corpo lânguido entre tantos corpos aflitos e inquietos!), teus gestos se precipitam e teus olhos (que misteriosa côr têm teus olhos?) se dilatam, atônitos — derradeira visão do mundo. As mãos se erguem num inútil e incoerente gesto de desespero, numa impreciação anônima: — contra deus? o céu? o branco espaço rasgado de sol?

Ó desconhecido, ó louco! (Não, não serias louco. Apenas não poderias mais suportar tamanha pressão). Portador da angústia coletiva, síntese do mal do mundo, mensageiro da nossa miséria e dor, sentias apavorado a aproximação do momento fatal. Que força te arrastava, isto eu não sei. Mas senti que eras espinho, mistério e vislumbre ao mesmo tempo.

Teu coração desfaleceu no último instante, tomando-te de surpresa. Onde andaria a tua força de resistir?

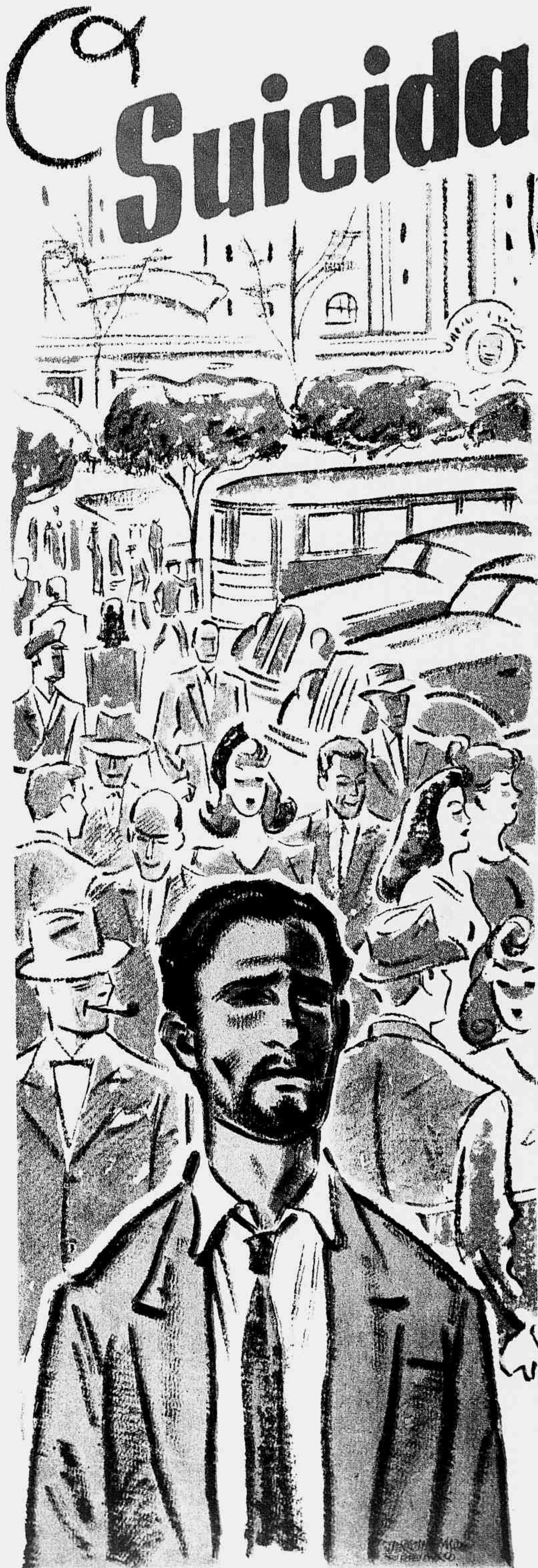
Devias ter pressentido a aflição, devias saber que vivias o último degrau da resistência humana. Mas por que não deste até à amurada e não olhaste a baía calma (a mais bela baía do mundo!), por que não pousaste os olhos nas águas plácidas? Tão serenas e repousantes! As ondas, a espuma, os barcos — o mar que se abre além da barra, os líquidos caminhos do mundo, a voz de outros povos no surdo rumor das ondas.

Afinal, que drama seria o teu? Um filho morto, a miséria? A dor de não suportar tanta indignidade e mentira? Por que não te lembraste das Nações Unidas, por que não recordaste que milhões morreram para te salvar, para salvar teu filho? E o pan-americanismo, e as promessas de recomposição, e a renovação diária dos propósitos honestos entre as notícias de escândalos, câmbio negro e industrialização da América Latina? E as eleições — aqui, na Grécia, na China e, sobretudo (oh! sobretudo!), o amor!

Sim, o puro amor que agora se retrai e não é mais que uma insinuação tímida através de sentimentos escusos. Contudo,

★

Conto de OSWALDO ALVES
Ilustração de J. RIBEIRO



o amor ainda é uma fonte de serenidade, embora escassa e momentânea.

Por que não olhaste então para as mulheres que passam (ou elas nunca passaram para os teus olhos cansados?). São tão fáceis as mulheres! São quadris que se movem, que ondeiam, tremem e atraem com uma força tão irresistível quanto a força que te arrastou para a morte.

Seios que palpitam, um gosto ao mesmo tempo amargo e suave de vida que se esvai violentamente. Cabelos esvoaçando ao vento, última presença do sentimento em sua pureza total, saias longas, o cheiro apaziguador de muitos canteiros cuidados.

Oh! Por que não pensaste nas mãos finas que um dia te poderiam acariciar os cabelos, compensando-te de toda angústia e sofrimento? E o corpo, o corpo que se desfaz arquejante no maravilhoso momento de amar, a maciez da carne translúcida que nos redime de qualquer derrota em face dos sacrifícios?

Ó pobre diabo de todos os minutos, incompreensível canto dos desesperados da terra; ó infeliz, que está a todo o instante em todos os pontos, como a ostensiva presença da nossa inquietude, fraqueza e humilhação, do nosso heroísmo e energia: por que não te lembraste das mulheres que passam? Teus ouvidos absorveriam a música alegre de sorrisos despreocupados e te devolveriam a ilusão da alegria perdida no mundo. Tua boca sentiria o gosto úmido do último beijo, do beijo ainda pendente; e tua mão se rejuvenesceria ao contacto da carne branca e macia. Sentirias também o perfume de mil virgens, a ternura de estranhos olhos oblíquos, rasgados e mornos. E tudo (oh! por certo!) tudo te compensaria de não sei quantas noites de insônia.

Que drama, afinal, seria o teu? A tristeza do corpo gasto após um dia entre as quatro paredes de um escritório medíocre? Seria a farça do salário mínimo, o arrastar do processo de um dissídio coletivo ou o desgosto da tua roupa lustrosa e puída? Ou quem sabe se teus olhos já não sabiam contemplar as montanhas — o Corcovado, onde os braços do Cristo se abrem para acolher a grandeza da tua miséria? Eu sei: é tudo isto, são todas essas pequeninas coisas que culminaram formando um único ponto de referência, mais alto, a que chamamos simplesmente: desespero. E' a mágoa, o sofrimento de tudo isto — e mais o resto, ou seja: o sofrimento de ti e de todos. Não és síntese? Não és um pouco de mim e de meus filhos, um pouco do amor de todas as mulheres, da vertigem daqueles que não comem há vários dias?

És o conjunto de mil martírios de toda hora. És o esforço de um dia de trabalho em condições adversas — dia após dia, ano após ano; o desassossêgo, o filho que quer um brinquedo, a luta para morar, a inflação, a falta de carne, de banha e leite, a falta de pão. Terias pensado: "Oh! certamente brincam comigo... Um país tão rico!"

Depois, todo o resto de esforço e energia necessário ao retorno, já noite, quando os escritórios se fecham e tua mulher te espera (levas sempre as mãos vazias!);

(Continua na página 44)

★

Especialmente para "REVISTA
DA SEMANA"

A Grande Safra

Conto de VASCONCELLOS MAIA



Ilustração de ARMANDO PACHECO

A claridade cinzenta titubeava, se tornava rósea, dum rosa muito pálido, mas já expressivo. O céu foi se tingindo com lentidão. As últimas estrelas se esvaíam, os contornos da terra tomavam mansamente suas formas exatas. Espessas nuvens de neblina rodeavam os sopés dos morros, estendendo-se pelo solo em rolos sucessivos, como uma plantação fantástica.

A madrugada sofria suaves mutações. Rubores mais quentes subiam ao rosto da manhãzinha, emprestando-lhe tonalidades fugidias, do laranja ao vermelho. A luz do sol depois de ferir o céu principiou a convergir sobre a caatinga. Os morros ganharam resplendentes auréolas de santos. E a garoa, esquentada de sol, horrificada pelo vento, mexia-se, dissipava-se, molhando o chão de sereno. Então, podia-se distinguir tocos de mandacarus furando a neblina já rasa. Touceiras de chique-chique, ajuntamentos de palmatórias, emergiam do envólucro gasoso. Matagais de jurema, no seu verde-terra, bosques de pau-de-rato, com seus ramalhetes de flores amarelas, surgiam, lavados, brilhantes, ondeando ao capricho do terreno. E os lajedos, calcários da antiga pedreira, encharcados de orvalho, lambusados de sol, tinham cintilações furta-côres que, refletidas na garoa esgarça, listrava-a de arco-íris em miniatura.

De súbito, a aragem matinal tomou fôlego, virou vento, um vento raivoso, começando a dar chicotadas pelo tabuleiro. Lufadas quentes derretiam o frio, desintegravam a neblina frouxa, jogavam flocos contra flocos e por fim, quando o sol apareceu de todo não viu senão uma camada muito tênue, sem cor, transparente, estirando-se pelo chão numa fuga servil.

Há muitos dias vinha soprando esse vento estranho e rude. Sua direção era

diferente, corria do sul para o norte e logo na alvorada castigava o sítio do velho Balbino, tomando conta da terra de parceria com o sol. Até os bichos o sentiam com surpresa. Como se os enrouquecessem, não havia aquela claridade agradável nos piados e trinados, nos soluços e cantos das aves matinais que agora riscavam a caatinga de sons. E os galos velhos que sabiam quando estava para chover ou trovejar, ao cocoricar, deixavam transparecer um temor que não era apenas de senilidade.



—Ti, ti, ti — chamou Nhá Guili, saindo da casa com os mocós que os galináceos conheciam de longe.

Houve um reboliço. Os frangos se esfoguearam, as galinhas que ciscavam à toa, resmungando, precipitaram-se numa balbúrdia esfaumada. O bando de saquês atroou com mais força o seu lamento angustiado, correndo também numa agitação de penas pedrezas.

O velho Balbino voltava do curralzinho com o balde transbordante de leite grosso. A sua Pintada dera cria, era uma fartura de leite que enjoava. O fogo na cozinha estalejava, a fumaçada negra se espalhava pela casa sem chaminé, e a rapaziada, depois de lavar as caras, comia o naco assado de carne-de-sol com pirão de água. Nhô Balbino também apanhou sua cuia cheia, jogou leite cru em cima da farinha, misturou-a com os dedos, sentando-se junto a Totônio.

— E' hoje mesmo? — perguntou o filho.

— Se Deus quiser.

— O feijão tá mesmo no ponto — tornou o rapaz.

— E o milho? Chega a rebentar, uma beleza — ajuntou o velho.

Calaram-se, mastigavam, engoliram a co-

mida, tornaram a encher a bôca:

— Nós devia ter pegado no feijão mais cedo — disse Totônio.

— Só aquela tarefa junto do cunpadre Berto tá assim de mais. O resto ainda tá verdinho.

Totônio largou a tigela de café, levantou-caram calados por algum tempo, comendo com apetite. Mas o velho roceiro queria falar. Seu coração transbordava. Comichões de excitação subiam-lhe à garganta. Parou de comer, amassando o bolo de pirão entre os dedos. Mas quando falou só conseguiu dizer uma frase, toda a sua emoção comprimida-se, presente, nas poucas palavras que pronunciou:

— Parece que a safrinha dêsse ano vai dar boa.

Todos o olharam com alegria, sentindo a profundidade da comoção do lavrador:

— E' — disse Nhá Guili. — Vai dar boa. Se Deus quiser.



A conversa àquela hora era sempre a mesma. Terra, feijão, milho, chuva pouca, sol de mais, cálculos de safra. Todo ano, todo ano, a conversa girava sobre o mesmo assunto, principiava na semente, desenvolvia-se em proporção ao crescimento da plantação, animava-se na época da colheita, para recomençar num ano novo, com novas esperanças, sempre esperanças.

A safra daquele ano, contudo, tinha uma significação muito maior para o velho Balbino e seus filhos. Era a grande aventura da família. Havia começado numa manhã igual a muitas, numa conversa, porém, mais movimentada.

— Entonce, pai, nós planta aquele pedaço de terra que beira o Lajedo Branco?

Balbino coçou a cabeça, imaginou pouco, respondeu logo:

— Milhor não. O terreno tá cansado.

Totônio insistiu:

— Mas nós podia deitar uma mamoni-nha pra disfarçar.

O pai assentiu:

— E'. Mamona não causa terra. E mamona tá dando bom preço. Mas porém deixa isso pros minino. O que nós precisa êsse ano é roçar aquelas tarefas lá da divisa do Funil.

Totônio se entusiasmou:

— O que, pai? Amode que é verdade?

O velho abaixou a cabeça, tímido, sorrindo:

— Tu não vai casar? E' presente que te faço.

O filho ficou fitando o pai, com um fogo no olhar, todo ele palpitando de mudo agradecimento. Era o melhor terreno do sítio, talvez por muitas léguas em redor não houvesse um pedaço como aquele. Jamais se plantara lá. Balbino nunca o consentira. A terra era fresca, guardava intacta uma virgindade radiosa, entumescida de seiva rica.

Totônio largou a tigeja de café, levantou-se, foi ao canto das ferramentas, apanhou o seu machado, pondo-se incontinenti a amolá-lo na pedra. Seus músculos vibravam, de seus olhos fuzilavam uma alegria e uma disposição inéditas.



A derrubada teve início logo na manhã seguinte. Alugaram três caboclos maneiros e de sol a sol os machados pipocavam na encosta da serra do Funil. A mata era cerrada, a galharia se entrançava em poses desesperadas, foi um longo e penoso batalhar. Mas puseram boas tarefas abaixo, a queimada cantou. Durante dias e noites o fogo subiu ao céu, crepitante e furibundo. Rolos espessos de fumo negro, rubras labaredas endoidecidas, tornavam até uma boa distância, o ar quente e irrespirável. E a mata caiu, vencida, morta, só ficou cinza. A cinza ainda fumegava mas não lhes ardia nos pés cabeados. Os lavradores espalharam-na sobre a terra, a terra que recebia o seu primeiro adubo. Depois de semeá-la, o velho perscrutava o céu, cismando:

— Amode que a chuva não vem?



E Totônio cismava, preocupado:

— Já tá em tempo.

Desvirginada de pouco, fresca e feliz, a terra guardava no ventre o embrião latente. As trovoadas se foram. O sol esparramava fogo sobre a caatinga. Mas o vento mudou, todo o fim de tarde corria uma brisa que não enganava aos sertanejos. Nuvens se acumulavam no horizonte, vinham vindo, vinham vindo, sombreavam o sítio, mas passavam, agonizando os lavradores, indo desaguar adiante, simples chuvas de caju. Não tardou, contudo, em beneficiar a roça de Barbino. Chuviscadas bruscas, pequenas mas constantes, vieram anunciando um inverno pródigo.

— A outra vem — dizia apenas o roceiro.

E todos sentiam na própria carne, na própria alma, o contentamento do velho. A alegria de Totônio superava-os:

— E tá caindo maneira, sem zuada, sem estragar semente — comentava ele.

Foi como eles desejavam. Depois dos chuviscos brandos que caíam como preparando a terra, o inverno se casou com a caatinga. As nuvens se fecharam, esconderam o sol. Correntes aéreas, úmidas e cheirosas, desembestavam assobiando. A água correu. Riachos bemaventurados jorravam do céu, vinham enriquecer a terra ávida. Não eram quedas bruscas de água que mal davam para matar a sede selvagem da caatinga sófrega. Dias e semanas as chuvas caíam, as chuvas penetravam no solo, iam até as suas profundezas, acordando-lhe as entranhas em contínua e fremente posse. E cacimbas se engravidavam de novo, poços cresciam, represas sangravam, rios transbordavam, ao passo que as sementes rebentavam de vida e viço.

Todas as manhãs, após o café, Nhô Barbino ia para o ceto acompanhado dos filhos. Fiscalizavam atentamente a gleba, faziam regos, desviavam torrentes. As raízes tão tenras poderiam afogar-se no excesso d'água, ao menor descuido. Cavavam poços o mais profundamente possível, sabendo que o precioso líquido não cairia assim farto todo o ano. A família voltava encharcada, suja, cansada. Mas feliz. A comida feita por Nhá Guili era devorada com gula. E enquanto os outros se jogavam, tontos de sono, nas tarimbadas, Barbino e Totônio permaneciam na sala, pitando, sem muito conversar, soltando uma palavrinha de quando em quando; alumia-dos pela luzinha anêmica do fitô, acompanhados dum Coração de Jesus, doce e colorido, que os fitava da folhinha Melhor-al, ambos ouvindo como se fôra uma música deliciosa, o chuí vigoroso dos aguaceiros.

★

Pouco a pouco a aguada se esvaneceu. A invernoada passou. Dum golpe, num milagre violento, a caatinga rebentava num verde vibrante, numa mudança radical à paisagem parda habitual. A vida nova, a vida verde, transbordava do bojo molhado da terra. Perfumes penetrantes, entontecedores, exalavam do solo encharcado. Eram perfumes gratos da terra boa, da terra pura, da terra que dava à luz.

As plantações despontavam. O milho surgiu, indeciso, franzino, num verde cana lanhado de barro, sujinho como criança recém-nascida. O feijão também apontou medroso, mole como minhoca, procurando sombra e apoio para sua fragilidade. Mas gloriosa e viril era já a rápida adolescência da mamona e do capim-manteiga, num apressado e robusto desenvolvimento, numa ousadia muscular que dava frêmitos de prazer a quem soubesse vê-los. E os lavradores se enterneciam nesse gozo, eles também eram filhos da terra, as plantações eram suas irmãs amadas.

— A safrinha desse ano parece que vai dar boa — bem augurava Nhô Barbino.

Totônio concordava, todos concordavam, com lampejos de esperança nos olhos, com uma quentura de esperança no sangue, firmes no trabalho, com vontade crescente de trabalhar mais, esperanças da recompensa que viria, sempre movidos pela esperança.

Não tinham tréguas. Os cuidados não lhes davam descanso. Havia a limpeza permanente da roça, a vigilância constante aos ataques dos parasitas, o combate cerrado aos lagartos daninhos, a grande batalha sem vitória contra as formigas, a conservação das cercas. E a família toda

excetuando-se Nhá Guili, que não aguentava mais aquele rojão, ficando contido na cozinha, toda a família, homens, mulheres e crianças, iam para o ceto, voltando na boca da noite. E o milharal crescia, ganhava pujança e beleza, a seiva palpitava como sangue, golfando da raiz, galgando o caule, espalhando-se pelas folhas, virando em flor, explodindo em frutos. Rastejando à sua sombra, o feijão também adolescía, se enrijava, se não com idêntico esplendor e esbeltez, mas com a mesma emoção de vida. Os lavradores sentiam essa suficiência de força e formosura, embora as mutações fossem lentíssimas, quase imperceptíveis. E lhes crescia o amor e a dedicação, sempre ligados à esperança, naturalmente, paternalmente.

As épocas de chuva e de sol foram as mais propícias. Choveu muito, o sol depois imperou quando seu calor era imprescindível. As plantações chegaram por fim ao seu desenvolvimento máximo. Urgia a colheita. Era a festa ansiada, a coroação de todos os cálculos. E inquietos, certos já de bom sucesso, planos sem dúvidas fixando-se na alma de cada, todos esperavam o dia do início da colheita.

★

— Os alugado tá aí, Barbino — disse Nhá Guili, entrando com o mocó vazio.

— Manda entrar — acudiu o velho.

Eram quatro caboclos, e depois de fazê-los comer, todos se puseram a caminho. Barbino caminhava na frente, emparelhado com Totônio. Em seguida vinham os trabalhadores e por fim, numa algazarra, a filharada sertaneja, com sacos e mocós, João, Mundico, Ernestina, Fernandinha, Chico, Pedrinho, Manuca, Quincas e Felipe, tendo ficado em casa apenas Faral-des, de olhos invejosos, gritando que à tarde iria ter com eles, e Nhá Guili, coração saudosos das colheitas em que tomara parte, maldizendo o reumatismo danado que a impedia de trabalhar no campo.

Embora ainda fosse manhazinha, o sol fazia suar. O céu estava sem um fiapo de nuvem, dum brilho ofuscante, dum azul cruel. O vento continuava a soprar com força, esbrazeado. Mas a terra estava verde, era o que importava mais do que tudo.

As plantações começavam a um bom quilômetro da casa, além do morro. A terra próxima à estrada era árida e pedruda, só a palmatória e a tiririca ruim conseguiam viver aqui. Os lavradores encetaram a subida. Um dos alugados comentou sobre o vento esquisito que vinha varrendo a caatinga, os outros também se manifestaram. Nhô Barbino disse somente:

— É. A quentura tá de rachar.

Mas o calor que lhe ia no corpo não vinha unicamente dos elementos exteriores. A sua grande alegria marejava-o de ondas tão quentes quanto as que o vento trazia no lombo. Olhava para os lados, para a frente, como tentando calcular a extensão de suas terras. Quanto não trabalhara e não sofrera para consegui-las! O pai lhe deixara apenas duas tarefas cansadas, com a casa de taipa, um burro, um milhozinho raquitico. Ele metera a enxada no chão duro, revirara toda a terra, enriquecia-a sempre de estrume. E às custas da enxada e dos músculos foi conseguindo que a terra lhe desse safras que cresciam de ano para ano, não muito, é verdade, mas lhe deixava um lucrozinho, permitindo-lhe avançar. E nada o impediu de ir para diante. Era homem de tutano, tinha saúde de ferro e uma enxada das boas. Regou seu progresso com suor amargo, brigou para garantir o que conquistava à custa do trabalho, muitas vezes seu sangue misturara-se à seiva que alimentava a árvore. E jamais desistira, nunca pensou em desistir, sempre estava a cavar e revolver a terra. Na maioria das ocasiões as coisas não corriam bem. Havia todo ano, inexoravelmente, um entrave que cortava sua expectativa. As formigas eram inimigas ferozes, indestrutíveis, não havia rosigar que as matasse. Lagartos que apareciam da noite para o dia, boiadas que estouravam na estrada e derrubavam a cerca, tempestades violentas cuja eletricidade esturricava como o sol, a seca demorada e a chuva demasiada. Nhô Barbino lutava contra todos os elementos

(Continua na página 46)



PACHECO

Ana parece cansada



Ilustração de **ARMANDO MOURA**

ANA está a meu lado, silenciosa, aparentando uma calma que não é sua. Procura se mostrar confiante, olha-me e faz uma carícia nos meus ombros, por cima do pijama. Está a meu lado há uns quinze minutos, nada disse ainda a respeito de nossa casa nem de nossa filha. Por várias vezes já abri a boca para lhe fazer uma pergunta, mas não tenho coragem. Quisera que Ana me contasse tudo, sem nada esconder, absolutamente nada. Ela, porém, continua muda, sorrindo, fazendo uma carícia, ajeitando o lençol. Emagrecera um pouco, parece cansada, uma grande tristeza em toda a fisionomia, um desânimo que procura esconder, mas que

não me passa despercebido. Parece-me ter ela, também, medo de falar, receia que contando o que vem passando, as aperturas e dificuldades de viver sem mim, não consiga continuar fingindo esta calma tão grande. Sinto então uma vontade imensa de abraçá-la, de deitar a sua cabeça ao lado da minha. Tento me erguer, faço força com os cotovelos contra o colchão, mas disso não passa. Melhor deixar-me quieto, para não piorar meu estado. Ana acompanhou meus movimentos e agora está me observando, revelando um desespero surdo no simples gesto de morder os lábios. Para disfarçar, fugindo da fraqueza

que a invade, ela me pergunta, numa voz abafada:

— Mário, eles lhe tratam bem?

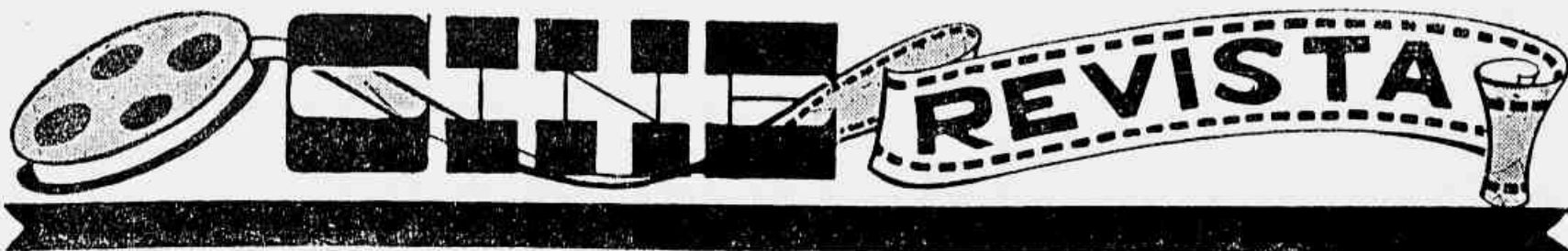
Não espera uma resposta minha, torna a ajeitar o lençol, na tentativa de continuar calma. Vou reparando melhor em seu rosto, em seus olhos — em toda ela. Emagrecceu sim, tem sofrido muito, passado maus bocados. E nossa filha, ainda continuará com o costume de acender o fogo todas as manhãs, para o café de papai? Revejo-me em casa, pelos cantos, a brincar com a menina, jogando-a no ar, fazendo bichinho. Julgo agora escutar o seu risinho estridente, seus gritinhos agudos e é como se a visse agitando os braços, chamando por mim, de sua minúscula cama. Dormindo, nossa filhinha parecia-se muito com meu pai, o fungar, o jeitinho de pender a cabeça para o lado esquerdo. Arrependo-me, pensando em tudo isso, de ter-me casado com Ana, há cinco anos passados. Se não a tivesse conhecido, hoje ela estaria livre, levaria uma vida despreocupada, sem um futuro incerto pairando como uma ameaça. Procuro as suas mãos, toco-as, uma vontade imensa de senti-las

contra o peito me invade e parece que esta é a última oportunidade.

— Ana, eu...

Ela balança a cabeça, fazendo um sinal para não continuar. Teria adivinhado o que lhe ia dizer? Procuro suas mãos novamente e não as encontro. Impossível continuar em silêncio, em semelhante tensão. Ela virou o rosto para o lado, assim de perfil traz-me uma recordação, lembro-me como a conheci. Isso já vai longe. Ana ainda estudava, ambos éramos muito jovens. Conhecia-a na sala de espera de um dentista, quieta, encolhida, como se não quisesse se fazer notar. Parecia assustada, assustada diante de tudo e de todos, mostrava-se indefesa, pedia apoio com os olhos e com os gestos — foi a primeira impressão que tive e que ainda subsiste. Não poderia imaginar que viesse a ser minha esposa, que chegássemos a ter uma filha, para depois acontecer aquele desastre. Casamo-nos contra a vontade de todos, os dois resolvemos enfrentar tudo, aperturas e dificuldades. As coisas corriam bem, até aparecer a enfermidade que me está

(Continua na página 47)



A preocupação da plástica no cinema francês

Por HENRI AGEL

PARIS (Por Henri Agel — Copyright do S.F.I., especial para "REVISTA DA SEMANA") — Na França como em toda parte, opõem-se duas correntes no domínio do cinema: a preocupação da realidade e o cuidado da beleza plástica. Parece que este último experimentou nos últimos anos, no mundo inteiro, um rejuvenescimento. Foi efetivamente, o desejo de criar belas imagens, de uma grandeza hierática que inspirou: "Dias Irae" de Dreyer; "Ivan, o terrível", de Eisenstein; "Maria Candelária", de Fernandez; "A longa viagem de volta", de John Ford; "Henrique V", de Laurence Olivier. Em todas essas obras, a realidade cotidiana ou os acontecimentos históricos são transpostos num plano estético, de maneira a suscitar, entre os espectadores, sentimentos análogos aos produzidos por uma epopéia, um afresco, um oratório. Acrescentou-se um cuidado meticuloso à composição dos quadros, ao jogo das luzes, à lentidão dos gestos. Uma espécie de dignidade litúrgica se desprende dessas evocações.

Na França, esta corrente aparece em vários graus de intensidade. Na maioria dos grandes "metteurs en scène" franceses, sente-se esta preocupação, mas frequentemente ela se integra no desenrolar da história e não apresenta, em seu conjunto, um estilo característico. Entre alguns, em compensação, esta corrente se manifesta com mais nitidez. E, antes de tudo, em Jean Delanois. Graças à magnífica contribuição de seus operadores Roger Hubert em "L'Eternel Retour" e Christian Matras em "La Symphonie Pastorale" chegou ele a mostrar, em certas cenas, um coeficiente plástico tão intenso quanto possível. Nada mais belo que as últimas imagens de "L'Eternel Retour": o barco a vogar numa iluminação irreal, o par prostrado, envolvido num ambiente grandioso. Nada mais impressionante que os contrastes de negro e branco, no princípio da "Symphonie Pastorale"

a luminosidade da neve e o semblante da afogada de um esplendor anti-natural. Se Jean Delanois filmar uma "Princesse de Cleves" e uma "Jeanne d'Arc" intenção que lhe é atribuída — é fácil imaginar a bela e suntuosa matéria que se oferecerá a seu gosto da plasticidade.

Frizemos, entretanto, que, em seu caso, a preocupação da suntuosidade visual não se exerce em detrimento do ritmo. E', efetivamente, a crítica que se faz frequentemente aos filmes estéticos: paralisar o desenrolar da ação, prendendo a atenção em certos pormenores. "La Symphonie Pastorale", pelo contrário, como "L'Eternel Retour", se apóiam em uma espécie de movimento interno e se orientam, em um crescendo dramático, para a catástrofe final.

Infinidamente sensível na obra de Jean Cocteau, "La Belle et la Bête" (A bela e a fera), parece-nos o sacrifício da duração dinâmica à estática de magníficos quadros. Reencontram-se aí, evocados com extraordinária e alucinante precisão, quadros de Watteau (A descida da escada do Parque), de Vermeer de Delft (O quarto das filhas do comerciante), de Rubens (O voo final das nuvens). A suntuosidade fúnebre do costume da Bête e das salas do castelo é, como foi frequentemente observado, admirável concessão à mais pura tradição da arte barroca. O hieratismo das atitudes, a acentuação pelo brilho das formas e dos contornos, os contrastes impressionantes entre a luz do mundo real e as trevas do castelo: são outros tantos elementos de transposição plástica que atinge aí o mais alto grau de significação, pois estamos no mundo do conto e da magia.

As próprias cenas realistas são tratadas em estilo barroco, para conservar ao filme sua unidade e deixar-nos desambientados.

Copyright do S. F. I. (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

"FALTA ALGUÉM NO MANICÔMIO"

A Atlântida está preparando mais um filme com Oscarito. Trata-se de "Falta Alguém no Manicômio", que José Carlos Burle está dirigindo. Com Oscarito aparecem no elenco do filme Modesto de Sousa, Vera Nunes, Cecy Medina e outros.

JOHN HUSTON, GRANDE DIRETOR

John Huston, um dos mais jovens profissionais de Hollywood, foi considerado, através de um inquérito realizado em Nova York como o melhor diretor de 1947-1948 pelo seu trabalho em "O tesouro de Sierra Madre". Dizem que o seguinte filme de Huston, "Key

Largo", e mais importante que o "Sierra Madre". Vamos ver o homem...

BOGART NA COLUMBIA

Humphrey Bogart voltará mais uma vez aos estúdios da Columbia, onde tantos louros colheu com "Sahara" e "Confissão". Agora para estrear "Knock on Any Door", que será dirigido por Nicholas Ray.

Ray tornou-se famoso pelos seus "hits" na Broadway, entre os quais "Luto Song" e "Beggars Holiday". Destacou-se também como escritor, diretor e produtor para rádio. Indo para Hollywood, lá dirigiu "Your Red Wagon" e "The Long Denial" para a RKO-Rádio.



UM FILME BRITÂNICO

Durante as filmagens de "Brighton Rock" ("O pior dos pecados"), o fotógrafo apanhou este flagrante de Richard Attenborough e Carol Marsh (sentados atrás) quando os dois principais intérpretes do filme se dirigiam de automóvel para Brighton, onde foram feitas cenas "on location". Richard Attenborough, com este seu trabalho, recebeu amplos elogios da crítica britânica



TAL PAI, TAL FILHO

Mickey Rooney e Mickey Junior, garotinho com seus 2 anos e meio, aparecem juntos durante um intervalo de filmagens na Metro. Mickey Junior canta e dança tal qual o pai, e se pensa que estamos inventando histórias esperem e vejam "Words and Music", o primeiro trabalho de Mickey Junior no cinema



"OS ANJOS DO INFERNO" NO CINEMA

Na película mexicana "Pecadora", uma produção de Calderon, que a Columbia lançará na Brasil, o conjunto brasileiro "Anjos do Inferno" canta os dois famosos números "Boogie-Woogie na Favela" e "Dezessete e Setecentos". Os "Anjos" merecem o sucesso. São um grande conjunto.

UM BRASILEIRO EM HOLLYWOOD

"Rough Sketch" é o título do primeiro filme da Horizon Pictures para a Columbia. Será ele estrelado por Jennifer Jones e John Garfield e dirigido por John Houston. Trata-se de um filme que será especialmente grato aos brasileiros, pois nele estréia o nosso patricio Paulo Monte, ator de tão apreciáveis qualidades que mereceu um contrato de longo-térmo.

A CADEIRA DE SUSIE

A cadeira de rodas em que Susan Peters, inválida, aparece em "O signo de Arles", foi especialmente construída para o filme, visto que os reflexos da luz no metal da cadeira podiam prejudicar a fotografia

VENENOS DE BILHETERIA



PARA a nossa galeria escolhemos hoje uma dama, pois não somente os cavalheiros serão espinhafrados aqui. Pela fotografia acima vocês já sabem quem é a vítima deste número.

Ora, caro leitores, ela é Maria Montez, um super-abacaxi, capaz de massacar a paciência do mais complacente sujeito, que a Universal-International teima em empurrar no pobre público. Graças aos céus a Montez quase não apareceu no seu mais recente filme lançado no Rio, aquele bôbo "O Exilado".



Jean Marais e Danielle Darrieux, em uma cena de "Ruy Blas" de Jean Cocteau

JEAN MARAIS --- O novo ídolo do cinema francês

Por GUIO PALMISANO



Em "A Bela e a Fera" de Jean Cocteau, Jean Marais aparece com esta impressionante caracterização

HAVERÁ coisa mais difícil que falar a respeito de um amigo? Falar de dois amigos, responder-me-la um humorista amador.

Sem querer, talvez, este humorista em escala reduzida, dizendo esta pequena tolice, tenha enunciado uma grande verdade.

"Jeannot", como se faz chamar intimamente pelos amigos, Jean Marais, é-me duas vezes caro, pois que, além de ser meu amigo, foi também meu companheiro de trabalho.

Conheci-o há alguns anos em Paris, de um modo estranhíssimo, como de resto acontece com tantas coisas importantes na vida (no meu caso, neste instante, perceber alguma coisa, especulando sobre a vida de um amigo).

Passeava pelas ruas e pelos jardins públicos em busca de garotos que me seriam necessários num filme de que eu seria (como de costume) o assistente de direção. Os jardins públicos e as ruas são os melhores centros onde se podem descobrir os Freddy Bartholomew, os Jackie Cooper, os Mickey Rooney e outros.

Foi, de fato, num desses jardins e, precisamente no jardim de Palais Royal que encontrei em meio a simpaticíssimo grupo de garotos, todo concentrado a jogar futebol, a figura garbosa de um jovem louríssimo, despenteado e de rosto excitado. A sombra das árvores, um cão siberiano aprovava, ladrando, os movimentos do louríssimo jovem até que este lhe impusesse silêncio.

E' necessário dizer que não era senão Jean Marais, e o cão, o seu inseparável companheiro Moulouk.

Depois de fitá-lo com um pouco de admiração e também de estupefação, dirigiu-me a palavra. Foi o início de uma leal amizade.

Jean Marais é originário de Loire e nasceu em Cherbourg, no dia 11 de dezembro do ano de 1917. (As leitoras gostariam de saber).

Desde a sua juventude tinha decidido ser ator. Entretanto o seu talento e queria manifestá-lo. Em busca de uma oportunidade foi a Paris onde ocupou primeiramente um emprégo de retocador de fotógrafo. Tendo sido apresentado sem sucesso a diversos diretores, Jean

Marais tenta o Conservatório mas, foi expulso. Não o desencorajou, porém, o fato. Apresenta-se a Dullin para interpretar papéis de extra. Assim, conheceu Jean Cocteau com o qual encenou pouco depois "Les Parents Terribles". A execução do trabalho colocou Jean Marais em condições de mostrar as suas qualidades de ator; a guerra, porém, que pouco depois irrompia, matou no nascedouro a carreira do jovem ator que foi mobilizado.

Em 1946, Jean Marais retornou à vida civil. Tenta, então, em vão, representar uma nova versão de "Britannicus", que havia preparado durante a guerra. Somente, porém, um ano depois lhe foi dada a sorte de debutar nas telas num filme de Jacques de Baroncelli "Pavillon Brûlé". Em seguida à boa estréia, Rolland Tuale propõe-lhe o seu segundo trabalho "Le lit à Colonne" que ele filma em 1942. Jean Marais é perfeito na sua personagem que ele interpreta com grande emoção e que lhe traz o seu primeiro êxito no cinema.

Alguns meses depois parte para a Itália com Christian Jacque para interpretar a parte de "D. José" em "Carmen". Muitos jornais ocuparam-se da realização do filme que se anunciou como uma produção de alto e, portanto, o nome de Jean Marais torna-se dia a dia mais popular; e quando volta à França empreende "L'Eternelle Retour" que o consagra definitivamente.

O filme de Jean Dellannois e Jean Cocteau sai logo e revela-se como uma das maiores realizações da cinematografia. A dupla de heróis encarnados por Madeleine Solonane e Jean Marais, é uma verdadeira revelação. De um dia para outro os dois atores tornam-se célebres.

Christian Jacque contrata-o novamente para confiá-lhe a parte de galã no filme "Voyages Sans Espoir" ao lado de Simone Renant. Jean Marais dá tudo o que se lhe pede. E' excelente.

Chegada a liberação Jean Marais engaja-se na segunda divisão blindada, combate na Alsácia e recebe a Cruz de Guerra, em Strasbourg. Depois da desmobilização volta a Paris, onde "Carmen", projetada, produz um êxito estrondoso, afirmando mais uma vez o valor de Christian Jacque, Violette Romance e Jean Marais.

(continua na página 18)



EM CIMA, à esquerda: o novo galã francês na outra caracterização com que aparece em "A Bela e a Fera". À DIREITA — Jean Marais como o apaixonado de Viviane Romance em "Carmen" e finalmente, em baixo, uma cena de "Além da vida" (L'Eternelle Retour)



O LUGAR DO PRE-RAFAELISMO NA ARTE INGLÊSA

O CENTENÁRIO DUMA ESTRANHA IRMANDADE ★ INSPIRAÇÃO NA IDADE MÉDIA E NA DIVINA COMÉDIA ★ POETAS E VISIONÁRIOS ★ A LUTA DO PRE-RAFAELITISMO E DO IMPRESSIONISMO

Traduzido especialmente por HERMAN LIMA

★

Por ERIC NEWTON
(Crítico de arte do "Sunday Times")

FAZ justamente um século, um pequeno grupo de ingleses, andando pelos vinte anos, decidiu chamar-se a Irmandade Pre-Rafaelita. Nem todos eram gênios; nem todos eram mesmo artistas. E, a despeito de muitas discussões na casa de um e de outro, não conseguiram nunca formular um credo definido. Contudo, mantiveram-se unidos por um breve período, animados por um entusiasmo comum e por uma comum dissatisfação perante a espécie de arte que era grandemente admirada por seus contemporâneos. Mas o que foi mais importante do que sua imediata realização foi o ímpeto que eles transmitiram a amigos e admiradores. Muito depois da Irmandade Pre-Rafaelita ter se desintegrado, o espírito do Pre-Rafaelismo desabrochava em lugares inesperados e em formas inesperadas. As publicações na Kelmscott Press e os primeiros desenhos a bico de pena de Aubrey Beardsley por volta de 1890 eram de inspiração Pre-Rafaelita. Nunca eles teriam surgido se Millais, Holman Hunt e Rossetti não se tivessem reunido, discutido e se animado mutuamente a pintar em 1848.

Era muito fácil para eles ter a certeza do que queriam realizar como daquilo contra que queriam rebelar-se. Mas, pelo começo do século XX, sua reputação esvaiu-se. A geração

que surgira sob a influência de Whistler e dos impressionistas franceses não os compreendia, chamando-os de sentimentistas e de tráfuga. Somente agora, depois de um século justo, é que começamos a medir-lhes a verdadeira estatura e a distinguir entre o que era legítimo na sua obra e o que era fraco e espúrio.

No entanto, se o espírito que norteara o movimento é complexo e elusivo, sua história é simples. Seus chefes foram John Everett Millais, o brilhante e jovem discípulo da Escola Acadêmica; William Holman Hunt, mais velho do que ele doze meses, mais paciente e mais persistente no seu entusiasmo, e Dante Gabriel Rossetti, poeta de natureza, filho dum político feroz, emigrado da Itália. A esses tinham se reunido mais quatro: o irmão de Rossetti, William Michael, destinado a tornar-se o historiador do grupo, Wollner, escultor, James Collinson e Frederick Stephens.

A legenda "Pre-Rafaelita" não era mais do que uma indicação do que eles sentiam a respeito de Rafael, que este, com sua insistência pela graça e pela suavidade, havia despojado a arte de sua primitiva força e

sinceridade. Voltar à Natureza, mas especialmente à minuciosa claridade da Natureza, era seu intuito, porém não o único. Ser metódico, embora não escravizado, era o seu método. Mas, além disso, seus quadros deveriam ser vívidos, sinceros e imaginativos no sentido de que deveriam ser apaixonadas reconstruções e não idealizações sentimentais do tema escolhido. O próprio tema deveria ser digno, livre de todo toque de trivialidade. E um amor natural pelas cores brilhantes e pela pintura semelhante a esmalte lhes deu uma genuína simpatia pela arte medieval, levando-os em certas ocasiões a uma espécie de arcaísmo gótico, uma deliberada tranquilidade de forma ou de gesto.

Foi nesse espírito que os chefes da Irmandade pintaram seus primeiros quadros e os mandaram à Academia de 1849, onde mal foram notados. Outros três quadros do trio seguiram-se no Salão de 1850. Esses contavam-se entre o melhor que os Pre-Rafaelitas chegaram a pintar — a "Anunciação", de Rossetti, "O Cristo na loja do carpinteiro", de Millais, violentamente atacado por Dickens, e "Os sacerdotes cristãos fugindo aos Druidas", de Hunt. O ataque de Dickens foi seguido pela defesa de Ruskin, e os jovens artistas se acharam na posição de tropas de

"O PASTOR" — Óleo de Holman Hunt, um dos mais fiéis ao credo pre-rafaelita



"A CEGUINHA" — Óleo de Edward E. Millais, que foi um dos fundadores da escola de pintura inglesa de 1848



um homem de ação e seu temperamento o levou às tropas de choque do socialismo do século XIX, transformando-o, por outro lado, num artesão. Fundou uma firma para fabricação de móveis, têxteis e tapeçarias. O que ele compartilhava com os outros membros do grupo era uma admiração romântica pela Idade Média, mas, ao contrário deles, era essencialmente um artesão. Teve uma enorme influência no desenho de tecidos e de vitrais e os livros notáveis, editados por sua Kelm-scott Press (alguns dos quais ilustrados por xilogravias de Burne-Jones), figuram entre os mais importantes produtos do Pre-Rafaelismo.

Hoje é possível ver o movimento Pre-Rafaelita em sua verdadeira perspectiva. A estranha mistura de romantismo, entusiasmo e vitalidade que era típica do movimento, não poderia deixar de produzir um trabalho memorável. Mas era igualmente inevitável que o movimento perdesse o ímpeto, pois era muito escassamente ligado com a vida contemporânea. Em Paris, o impressionismo era um poder crescente, e quando Whistler chegou a Londres, com sua visão impressionista e sua teoria da arte pela arte, o Pre-Rafaelismo estava condenado.

Ruskin, que defendera Millais e Rossetti por volta de 1850, atacou Whistler cerca de 1870, e no famoso processo por injúria que se seguiu, Burne-Jones depôs com muito calor em favor de Ruskin. Legalmente, Whistler foi quem venceu. Mas sua vitória não era pessoal. Era o símbolo da derrota dos Pre-Rafaelitas pelos Impressionistas.



"A ANUNCIAÇÃO" — De Dante Gabriel Rossetti uma das mais famosas obras da escola



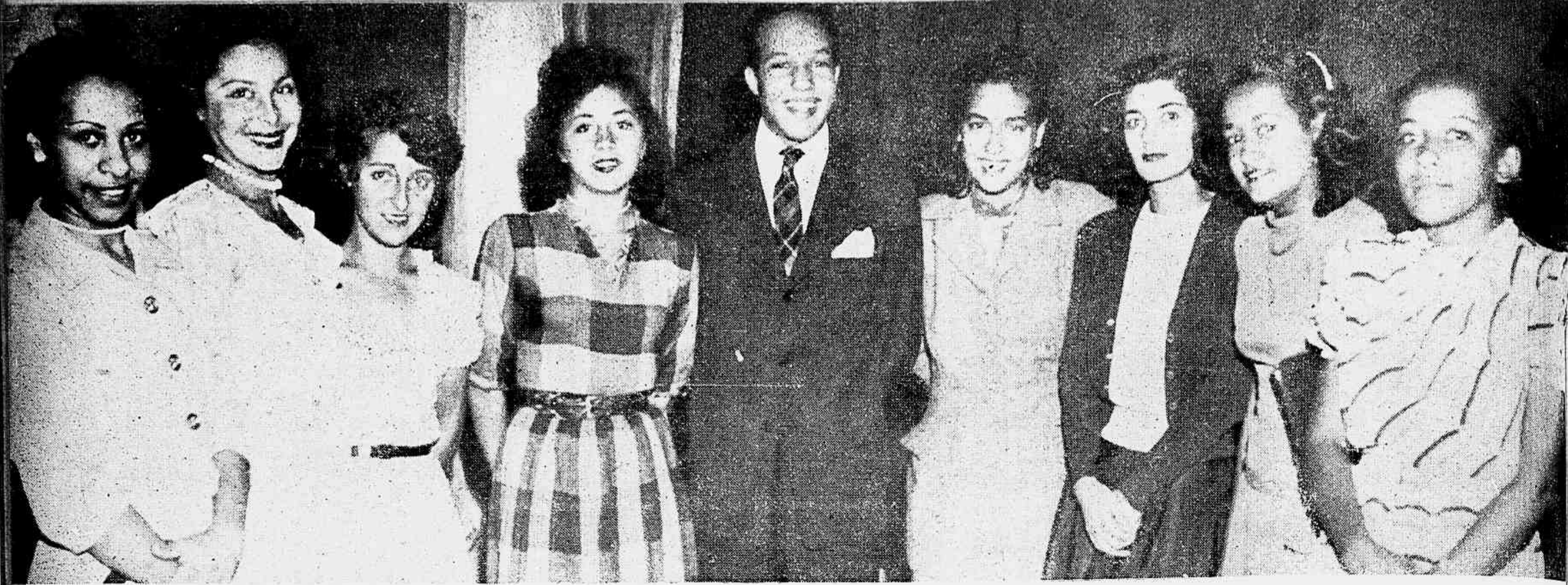
vanguarda, inesperadamente bombardeados e mantidos por artilharia pesada.

Quatro anos mais tarde, a Irmandade estava, tecnicamente, a termo, embora sua influência apenas estivesse principiando a se fazer sentir. Os três protagonistas, aos quais um mesmo entusiasmo tinha dado até então um mesmo estilo, começaram a firmar suas próprias individualidades. Millais pintou um punhado de quadros brilhantemente sinceros e comoventes e de modo gradual passou para um estilo mais popular e mais fácil que eventualmente lhe trouxe uma grande renda e a Presidência da Academia Real. Holman Hunt teimosamente se recusou a abandonar a meticulosa maneira de pintar, polegada a polegada, com que havia começado, mas, como os anos passassem, perdeu o ardor e a frescura da mocidade. Rossetti, que nada tinha da paciência determinada dos outros dois, evoluiu para um aquarelista de extraordinário poder, um colorista de estranha intensidade. Em suas primeiras aquarelas seu romantismo achou a expressão mais completa. Assuntos de Dante lhe forneceram uma inspiração externa; mas atrás dessa fachada medieval a inspiração íntima lhe vinha da esposa, Elizabeth Siddall, que morreu em 1862 e o deixou um romântico obsessivo, dividido entre a poesia e a pintura. Enquanto os anos passavam, sua pintura se tornava cada vez mais nostálgica. O mistério e a beleza da mulher eram quase que seu tema único.

Nesse entretanto, os primeiros quadros da

Irmandade, com seus detalhes duros e brilhantes e sua curiosa intensidade emocional, tinham fascinado jovens pintores que nunca tinham sido membros da corporação mas que descobriram nela uma inspiração temporária e, sob sua influência, produziram algumas pinturas notáveis, das quais "Amor primaveril", de Arthur Hughes, é um exemplo admirável. E um artista mais velho, Ford Madox Brow, caiu sob o influxo Pre-Rafaelita e pintou algumas obras primas que figuram entre as mais vivas e perduráveis obras que o Movimento produziu. Entre essas há uma tela cheia de movimento e de figuras, chamada "Trabalho", um *simposium* em pintura, da atividade humana, intelectual e manual, e a grande série de frescos da Prefeitura de Manchester.

Foi, contudo, Rossetti, poeta e visionário, cuja influência durou por mais tempo e que estimulou o que pode ser chamado a segunda geração de Pre-Rafaelitas, cujos chefes eram William Morris e Edward Burne-Jones. Burne-Jones era, em essência, uma versão mais fraca do próprio Rossetti, e, durante uma longa vida, pintou quadros românticos baseados num mundo de lenda e de medievalismo. O que Dante foi para Rossetti, Malory foi para Burne-Jones e as lendas do Rei Arthur lhe forneceram abundante material. Com o correr dos anos, o lado puramente decorativo de sua arte firmou-se cada vez mais. No fim da vida seus quadros tinham perdido todo ardor e intensidade dos primeiros anos da Irmandade. William Morris era de caráter muito diverso. Como Rossetti, era poeta, mas era também



Gerdal dos Santos e algumas das candidatas ao concurso da Rádio Globo, posando para a "REVISTA DA SEMANA"

GERDAL PROCURA UMA PARTENAIRE



Gerdal dos Santos, rádio-ator do "cast" dirigido por Amaral Gurgel na Rádio Globo

CONVITE ÀS GAROTAS DA CIDADE MARAVILHOSA QUE TÊM PRETENSÃO AO ESTRELATO ★ DISCÍPULO DE SÍLVIA AUTUORI, APRENDEU MUITO COM AMARAL GURGEL ★ O MENINO DE ONTEM MOSTRA SUAS QUALIDADES ARTÍSTICAS

GERDAL DOS SANTOS, aquele menino que vimos em "Goal da vitória", já completou dezoito anos. Com um punhado de garotas a disputar-lhe a simpatia, o menino de ontem é a figura central de algumas atrações que a Rádio Globo está apresentando, inclusive das novelas, em que seu talento artístico tem sido pôsto à prova, através de diferentes interpretações. Aliás, sua "performance" nos diferentes trabalhos que lhe foram confiados, abriu margem para que Amaral Gurgel lhe reserve bons papéis em suas novelas. Dêsse modo, seu cartaz está alto.

A história de Gerdal data dos tempos da "Hora do Guri". Foi nesse programa, conduzido pela mão amiga de Sílvia Autuori, que nosso focalizado veio a travar contacto com o microfone. Começou vivendo papéis adequados à sua idade. Nesse período, Gerdal contava doze anos. Porém, já revelava forte inclinação para a arte de dizer ao microfone, a ponto de ser escolhido para os papéis de maior responsabilidade. Com a prática adquirida nas "emissoras associadas", tornou-se

fácil cruzar a estrada radiofônica. Seu novo ponto de pouso foi a Cruzeiro do Sul. Abri-gou-se à sômbra amiga do prefixo P.R.D-2, participando dos espetáculos do "Programa do Garoto", que a inteligência de Sílvia Regina criou para gáudio de milhares de crianças. Estava escrito, porém, que Gerdal bateria à outra porta, a fim de melhor expandir sua vocação. Esta foi a da Globo. Na P.R.E-3, o jovem artista encontrou Amaral Gurgel, uma sumidade em matéria de teatro cego. Gurgel, com aquele jeitão de paulista desconfiado, foi ensinando uma porção de coisas ao garoto artista. Revelou-lhe, mesmo, diversos segredos da técnica rádio-teatral. Foi o bastante para que Gerdal subisse, alcançando o lugarzinho cobijado por todos.

Agora, Gerdal dos Santos está envolvido numa aventura. Anda à procura de uma "partenaire". Sabem lá o que é isso?... O "Maldestino", da novela "Paulo e Francesca", deseja encontrar uma rádio-atriz. Daí, convidar todas as garotas da Cidade Maravilhosa para um teste. Uma será a revelação. Irá

(Continua na pág. 48)



A ESQUERDA — Flagrante colhido quando Gerdal dos Santos, cercado por algumas concorrentes, preparava o "test" para uma das provas. A DIREITA — Do palco do Teatro Carlos Gomes, ao microfone da Rádio Globo, Gerdal dos Santos e Nena Sales, uma das candidatas ao concurso promovido pela PRE-3



Também nos trajes esportivos as listras ocupam importante papel. Aqui, por exemplo, Ann Miller, usa uma blusa de listras verdes e brancas, com um "short" de linho verde

ENTRE todos os fatores que possam influir na sua "chance" de ser feliz no casamento, um dos mais importantes está na espécie de vida conjugal vivida por seus pais. Se eles são felizes, você, por percepção e por exemplos colhidos, estará preparada para um casamento feliz. Tendo feito parte de uma família feliz, desde a infância, você, naturalmente, tudo fará para que essa felicidade o acompanhe o resto da vida. Muitas são as razões que confirmam o que dizemos, isto é, que a sua "chance" de ser feliz no casamento depende, em grande parte da vida conjugal de seus pais, como passamos a explicar. Em primeiro lugar, por um processo de imitação inconsciente, você aprenderá dos seus pais hábitos e atitudes que dificilmente deixarão de fazer parte da sua própria vida. Se eles são moderados, compreensivos, amorosos, costumam resolver com discrição e ponderação as suas divergências, se têm confiança um no outro, estarão dando a você exemplos dignificantes que você absorverá e empregará na sua vida futura. Mas, se pelo contrário, eles tiverem o hábito de discutir sem se respeitarem, se um procurar sempre dominar o outro, se a atmosfera for de desconfiança e suspeita, todas essas coisas passarão a ser encaradas por você, depois de

um certo tempo, como naturais e normais e, dificilmente poderá proceder de forma diferente. Em segundo lugar, se você vem de um lar feliz e tem por hábito acatar a opinião dos seus pais, naturalmente então você estará inclinada a aceitar um candidato por eles aprovados. E, por muito que se queira negar, a aprovação dos pais é importante e pode trazer alegrias ou aborrecimentos em seu novo lar. Esteja certa de que eles saberão escolher para você o homem adequado, pois a sua própria felicidade é uma prova da sua aptidão para isso. Quanto a você, irá para o casamento não para fugir de um ambiente que a desagrada, mas com a intenção de promover um prolongamento de um ambiente feliz.

Duas são as atitudes que em geral tomam, com referência ao casamento os filhos dos lares infelizes. De um lado, sentem que o casamento deverá compensar a infelicidade do lar em que nasceram e daí passam a esperar demais do casamento. Esforçam-se muito e acabam se decepcionando e desiludindo. Doutro lado, baseados na infelicidade dos pais, julgam que também nunca serão felizes e então, casam — quando chegam a casar — com a certeza de que fracassarão e, com isso nada farão que os livre de tal fracasso. Nenhuma dessas atitudes poderá

fornecer uma base favorável para a felicidade conjugal. Por isto, achamos importante que uma pessoa que tenha presenciado a infelicidade dos seus pais, escolha, para casar, um companheiro que tenha tido uma vida normal e feliz. Pelo menos assim, um dos conjugues terá uma formação melhor e maior capacitada para evitar um fracasso. É possível que, com paciência e tolerância, de ambos os lados, se possa chegar a um resultado satisfatório. Se você já está casada, faça todo o possível, tudo o que estiver ao seu alcance para tornar o seu lar um lar feliz, não só para o seu próprio bem, como para o bem dos seus filhos, porque, com o seu exemplo, você lhes estará passando uma herança que lhes assegure a felicidade futura.

**Nos bastidores
femininos**



POR ONDE MORRE O PEIXE

O peixe morre pela boca, todo o mundo sabe disso. E o homem também, muitas vezes. O peixe morre pela boca, segundo o sentido do ditado, por causa do anzol escondido na isca vorazmente engulida. O homem, se morre algumas vezes por excesso de comida, morre mais frequentemente pelo outro uso peculiar ao orifício bucal: a fala. O peixe morre pelo que come, e o homem pelo que diz.

Ah! se pudessemos, nós todos, engulir de novo todas as palavras desnecessárias, inúteis e daninhas que pronunciamos em nossa vida! Que bem não fariamos aos semelhantes! E que bem não fariamos a nós mesmos!

Bernard Shaw, em "César e Cleopatra", faz o herói romano proferir esta imensa verdade: "Quando um homem tem algo a dizer neste mundo, a dificuldade não está em fazer com que ele o diga, mas em evitar que o repita demasiado".

Assim acontece com os nossos segredos, prontamente entregues ao consumo público pela nossa afobação e levandade; e assim acontece também com os segredos alheios que nos foram confiados, e que costumamos transmitir com a habitual recomendação, a mesma que havíamos recebido: "Mas não conte isto a ninguém"...

Causamos, desse modo, os piores danos a nós mesmos e aos outros. Tornamo-nos inconsequentes, linguarudos, perniciosos, fatigantes. Prejudicamos a nossa felicidade e a felicidade alheia, fazemos da vida um rosário de pequenas misérias e de monótonas repetições. Articulamos vinte, trinta vezes, aquilo que deveria ser dito apenas uma vez, ou talvez nem uma.

Precisamos prestar muita atenção às palavras. Perder a mania de falar, falar, falar sem nada ter a dizer de útil ou de agradável, quando forçosamente acabaremos recorrendo ao estoque de inconveniências, já que os assuntos esgotam depressa. As palavras, embora de momento não pareça, têm uma extraordinária força dentro de si próprias. Depois de expelidas caminham por si, criam brotos, raízes, frutos doces e amargos. São elas que, depois de lançadas, muitas vezes geram pela sua própria força, desligadas por completo da realidade que deveriam representar, reputações, renomes, e lendas.

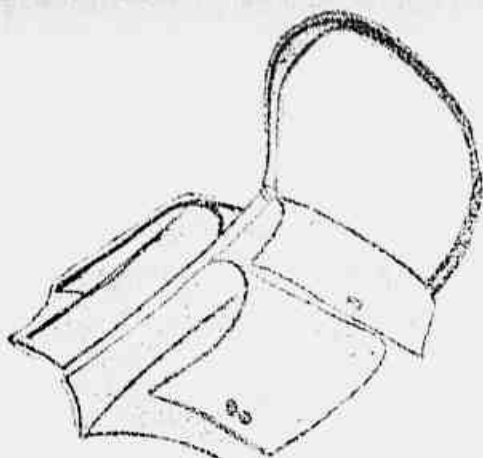
A moderna psicologia conhece a sua capacidade dinâmica, e emprega-a em tratamentos de auto-sugestão, alguns bastante eficientes. A religião presta-lhe reverência, segura de seu efeito sobre as almas, existindo mesmo uma seita, a "Christian Science", quase que exclusivamente baseada na força das preces — isto é, na força de palavras reunidas com fim determinado. Todo o sistema da moderna propaganda se inspira no seu poder de sugestão sobre o público — capaz até, quem sabe? — de se atirar de um precipício abaixo se uma ordem nesse sentido lhe for dada mil vezes, em tom imperativo...

Vamos, porisso, cuidar mais daquilo que dizemos. Antes que as palavras nos saiam irrefletidamente da boca, pensemos bem o resultado que poderão produzir, o caminho que irão percorrer em sua viagem pelo mundo. Será uma contribuição valiosa que faremos à felicidade alheia, e, também, à nossa.

CONFIDENTE

Correspondência;

Responderemos, no próximo número, algumas das consultas que nos foram dirigidas.

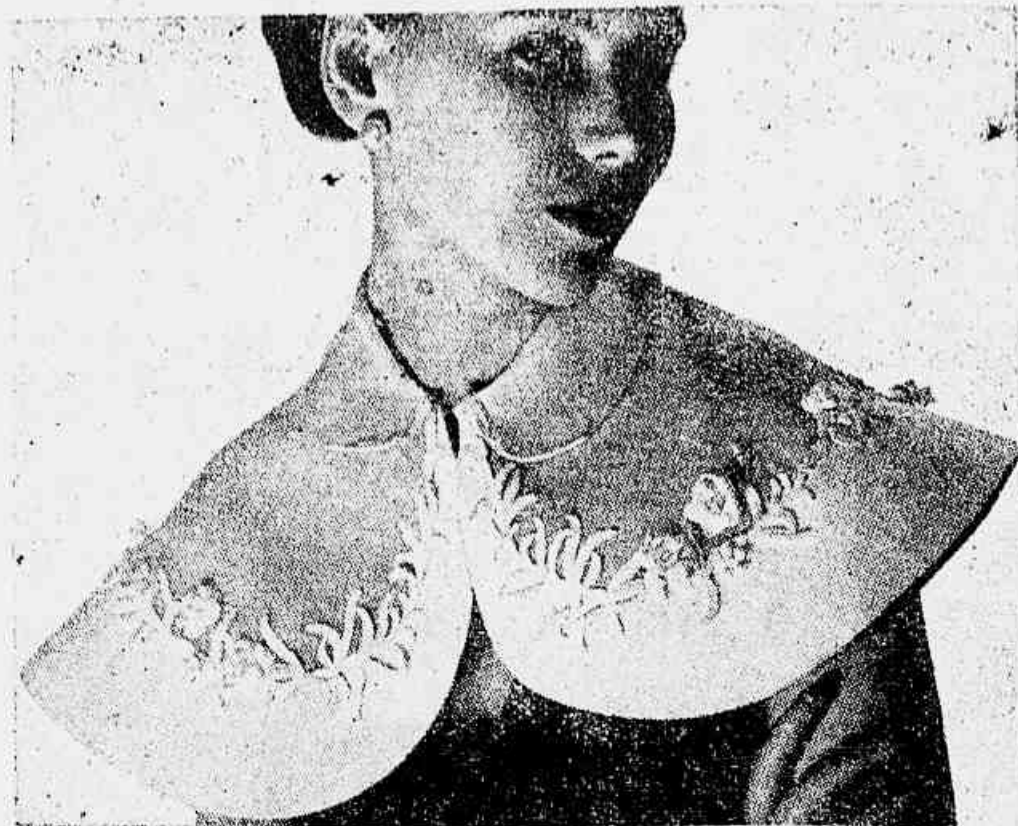


DETALHES E NOVIDADES

Um lindo modelo de bolsa esportiva em couro amarelo, guarnecida com 3 botões



Um vestido preto é enfeitado por duas carreiras de pérolas rosas presas dos lados por dois "clips"



Para o seu vestido preto, esta grande gola de organdi branco com barra e aplicações em "piqué"



Penteado original para noite criado por Louis Gervais, grande caixó e trança, no alto da cabeça



AO ALTO — Sapato esportivo em búfalo branco; à esquerda: "breton" em falha com motivos chineses



A esquerda: Blusa em tafetá listrado, gola alta, viez branco; botões colocados na lapela. Ao alto — grande laço arrematado uma gola simples, e, à direita: jaqueta, criada por Lucien Lelong, com "basque" em pontas viradas



BLUSAS PARA A NOITE

TAMBÉM os seus vestidos de baile poderão ter aparências diversas quando você usar um pouco da sua inteligência. Uma bonita saia de tafetá, "godet", ou em "plissé soleil", poderá servir de base a diversos trajes. Aqui, sugerimos a você três blusas encantadoras. A primeira, de corpo mais longo, termina em "V" sobre a saia. Decote idêntico. Grandes laços nas mangas. A segunda, pode ser feita em organdi com nervuras e babados plissados. Fita de veludo negro, enfiada em casas bordadas e terminando em laço na frente. Finalmente, blusa de tafetá quadriculado rosa e preto. Franzidos sobre o busto formando manga. Babado franzido ao redor do decote. Na foto ao lado, uma elegantíssima blusa em lamé listrado cinza e prata, compõe com uma saia de "faïlle" preta uma belíssima "toilette" para a noite.



Praia



A nossa primavera se caracteriza por belíssimos dias de sol, dias quase idênticos àqueles que vivemos de janeiro a março, e nesta primavera, principalmente, a mulher brasileira aparecerá mais bela do que nunca, pois esta será a primeira primavera do "new look" no Brasil. Nestas páginas, algumas sugestões bem parisienses, para praia e para passeio. São modelos de Jean Patou, Jacques Heim, Raphael, Bruyère e Jacques Fath, Nina Ricci, Lucien Lelong e Schiaparelli. Todos eles moderníssimos, alegres e de grande efeito.

INTIMIDADE



Aqui estão alguns encantadores modelos para a sua elegância íntima: Camisola de noite, em cetim "lingerie". Monogramas aplicados com ponto turco, do lado liso do mesmo tecido ou noutra cor. ★ Camisola de noite, em crepe da China, com nervuras que se prolongam até a saia ★ Camisola em cetim "lingerie", guarnecida de nervuras ★ Pijama em seda estampada "Basque" "godet" ★ "Robe" em linho ou cambraia estampada ★ "Robe" em tafetá riscado em rosa e branco



ANGELA LANSBURY, "estrela" da Metro Goldwyn Mayer, oferece às nossas leitoras, três encantadoras sugestões para a nova estação: EM BAIXO — Um "duas-peças" de muita originalidade, em tafetá vermelho, com gola e colete em tafetá

listrado vermelho e branco. Jaqueta justa, mangas sem cava. Em seda marinho com pastilhas brancas de diversos tamanhos, saia godet, blusa transpassada na frente, prendendo ao redor do pescoço. Cintura larga de jersey vermelho

AO ALTO — Vocês sem dúvida ficarão encantadas com este modelinho em tecido listrado branco e rosa. Decote muito original formado por echarpe que cai em ponta na frente. Saia franzida, com grandes festões



SUGESTÕES DE ÂNGELA LANSBURY



TUBERCULOSE DA CRIANÇA

Como reconhecer a Tuberculose na Criança?

Problema sempre para médico, e cuja investigação deverá sempre ser por ele feita em todos os casos de simples suspeita de herança tuberculosa, contágio ou meros fenômenos asmáticos, parada do peso, anemia ou febrícula sem causa aparente.

Aliás, o diagnóstico precoce é de suma importância, pois quanto mais cedo iniciado o tratamento, mais cresce a possibilidade de cura integral, evitando-se, ao mesmo tempo, certas complicações no decurso de comuns doenças da infância, como o sarampo e a coqueluche, as quais sobreveem mais frequentemente quando existe uma infecção tuberculosa mais ou menos latente, da criança. Nas crianças pastosas, de gordura mole, e anêmicas, há muitas vezes lugar para um exame que tudo esclarece, com vantagens reais para as mesmas. Assim, também, nas que têm seu peso parado, a despeito de uma alimentação sadia e vigorosa.

Até os nove anos, a Tuberculose da criança é bastante diversa da do adulto. Só por volta da puberdade, aos doze, é que ela se torna idêntica, tomando as feições clínicas habituais encontradas no último, com marcha em regra crônica.

Na criança, antes dessa idade, o processo é geralmente septicêmico, em vez de pulmonar. Além disso, quando se localiza nos pulmões, não existem as habituais lesões destrutivas do adulto, as manifestações catarrais mais ou menos abundantes, deste. O processo é meramente infiltrativo e não caseiforme, como no adulto. As hemoptises faltam, e se existem cavernas, somente encontradas nas crianças mais crescidas, estas estão localizadas, não nos verticais, como no adulto, porém nas bases dos pulmões. As formas algidas revestem o tipo de uma bronco-pneumonia, pneumonia e, não raro, da miliar, que é o equivalente, já, de uma infecção já disseminada a todo o organismo infantil. A meningite é a complicação frequente da tuberculose ativa da criança, o que não se verifica, porém, no adulto. A generalização da tuberculose é assim fácil na criança, porque suas defesas são muito limitadas, e só depois dos 3 anos é que se passam certas reações no seu organismo que o vacinam progressivamente, diminuindo aquela tendência.

Os Raios X são o mais prestimoso recurso no diagnóstico da tuberculose da criança, mas em certos casos é necessário recorrer também às provas da tuberculina para melhor esclarecimento de algumas situações.

De um modo prático, não raro é possível fazer esse diagnóstico por certos sinais que não enganam o médico experientado.

Existe, mesmo, um tipo de criança que leva logo a essa suspeita. Apresenta-se a mesma com conjuntivite e fotofobia (a criança não pode enfrentar a luz), com as mãos por cima dos olhos, defendendo-se dos raios luminosos. O nariz está sempre escorrendo, e as narinas estão maceradas e o lábio superior eczematizado. No ouvido há supuração fétida, e os respectivos gânglios, muita vez, supurados.

E' a chamada "face escrofulosa".

Ajuda o diagnóstico a existência de gânglios sub-maxilares, indolores, crescendo a pouco e pouco, e outros, ao longo do esterno-cleido, o que, assim pelos nomes, logo se vê que é para ser investigado por médico.

Há uma tosse semelhante à coqueluche que deve ser observada com cuidado, encontrada nas crianças passando dos 3 anos, e que pode ser o equivalente de uma tuberculose infantil. E' uma tosse seca, em dois tons, prolongada como na coqueluche, e que produz *pieira* durante o sono. Os Raios X descobrem gânglios aumentados de volume em torno à traquéia e, não raro, a comprimindo, o que faz a dificuldade respiratória no sono. O "eritema nodoso" são pequenas infiltrações na face anterior das pernas e de extensão dos braços, lisas e avermelhadas, que surgem precedidas de frio e febre, na criança por volta ou acima dos 3 anos, e que são também expressão de uma tuberculose infantil.

E' um erro comum pensar que a tuberculose não alcança senão os filhos de pais tuberculosos ou taras de família.

De fato, além do contágio familiar, ou dentro do lar, é preciso suspeitar em muitos casos do contágio fora do ambiente doméstico.

Conheço o caso de uma criança, de 2 para 3 anos, filho de um casal perfeitamente imune à doença, que apresentou manifestações da infecção. Acabou-se apurando que essa criança vinha sendo nos passeios diários em companhia da ama, afagada e beijada por um carpinteiro que era tuberculoso.

Como precaver a criança da tuberculose?

Nas crianças nascidas de pais sadios, a vacinação pelo B. C. G. é o ideal. Nos outros casos, é tratá-las sob cuidados médicos, notadamente pela vida ao ar livre e puro, um regime alimentar vigoroso e rico de vitaminas, uma ambiência perfeitamente higiênica, que constituem as medidas que é necessário adotar desde logo.

De qualquer sorte, se a fonte do contágio está dentro de casa, ou são mesmo os pais ou um deles a fonte desse contágio, a verdadeira medida é separar com urgência, porque necessário, a criança.

Dr. SABOIA RIBEIRO

AS ÚLTIMAS CRIAÇÕES DE PARIS

Os modelos apresentados nestas páginas, representam as mais recentes criações de Paris, já dentro do novo aspecto do **new look**. Como vêm não foram grandes as reformas introduzidas, o que, sem dúvida, é uma boa notícia, pois nos possibilita a aproveitar durante mais tempo o nosso atual guarda-roupa.



NINA RICCI



CARVEN

JEANNE LAFAURIE



SCHIAPARELLI



LUCIEN LELONG



MARCEL ROCHAS



PIERRE BALMAIN

Algumas saias mais estreitas e tôdas mais curtas para o dia, são as principais características.



Na página ao lado, ao alto: Modelo em lã, de Nina Ricci. Na frente nervuras que se prolongam na saia. Bolsos grandes. Em baixo: De Jeanne Lafaurie, em linho amarelo. Muito original a maneira de abotoar do lado. Sala com pregas soltas na frente. 2) - Modelo de Carven. Gola alta, decote profundo. Plisados e recortes dos lados da sala



Nesta página, ao alto: Em sêda pesada é este modelo de Schiaparelli. Sala plissada, abotoando do lado até os quadris. Conjunto de Lucien Lelong, em dois tons. De Marcel Rochas, conjunto em duas côres. Saia reta. Blusa com recortes e enfeites brancos. Finalmente, em baixo: De Pierre Balmain, modelo em linho azul. Blusa chemisier. Sala com pregas soltas. Faixa em tom contrastante

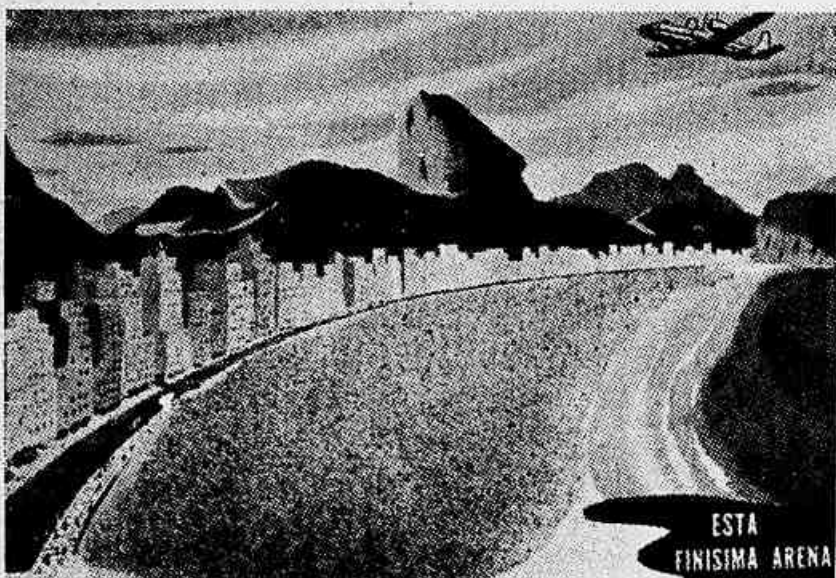




ANDRE' MAX

Informações detalhadas são, agora, divulgadas acerca do caça de treinamento a jato "Lockheed" TF-80C, que desenvolve a velocidade de 600 milhas horárias. De acordo com as últimas experiências, tais aparelhos já podem ser pilotados por duas pessoas, o que antes parecia impossível devido à sua extraordinária velocidade, tanto assim que em vários países a dificuldade não consistia em adquirir aviões a jato, mas em treinar pilotos para essas aeronaves. E agora o milagre operou-se. Graças às últimas experiências, o piloto praticante pode aprender tudo o que precisa saber para dirigir um caça, a 600 milhas por hora, e isto em pleno voo. A capota do aparelho, que consistia o problema principal, é segura por cinco ganchos de aço temperado, que provas exaustivas mostraram ser perfeitamente adequadas. Por outro lado, na fábrica de Lockheed está instalada uma carlinga que permite o treinamento de membros da tripulação de um "Constellation" como se estivessem em voo! Trata-se, como se vê, de um aparelhamento de treino da maior importância, uma vez que permite um treinamento intensivo de situações de emergência sem que o aparelho necessite correr os riscos de experiências similares feitas em pleno voo. De Nova York nos dão conta das experiências que estão se realizando do topo do Empire State Building, onde se encontra instalado complicadíssimo mecanismo para determinar com exatidão as correntes em cada impacto do ralo, o seu tempo de duração, a intensidade da luz produzida pela faísca e a forma física do traço por ela feito. Depois de isto conseguido, vamos tentar eliminar os efeitos terríveis desse filho da natureza sobre a aviação. O instrutor e seu aluno, em Stockolmo, realizavam um voo experimental num helicóptero quando, de uma baía gelada, lá em baixo, notaram que de um agrupamento de pessoas lhes faziam sinais. O "taxi voador" foi logo baixando até o local, onde apanhou um pobre homem rígido de frio, semi-morto. Em três tempos o moribundo foi transportado para um hospital, em Stockolmo, sendo socorrido convenientemente. Muita gente que olhava o helicóptero com expressão de zombaria, passou a ter mais respeito ao esquisito carro aéreo... Entrementes, a Suécia reforça sua Força Aérea. Agora mesmo acaba de fazer um pedido, à Inglaterra, de uma grande quantidade de aparelhos de caça "De Havilland Vampire Mark VII", de propulsão a jato. Enquanto isto, os técnicos americanos trabalham intensivamente para imprimir a maior segurança possível à aviação. Tanto que as recentes estatísticas denunciavam os trens de aterrissagem como os principais culpados dos desastres de avião. E agora acaba de ser posto em ação um novo aparelho hidráulico para amortecer as excessivas vibrações do trem de aterrissagem que podem resultar em sobrecarga dinâmica na estrutura deste — evitando, assim, a perda de muitas vidas. E por último vem a notícia da criação de um admirável sistema de controle de navegação e tráfego para orientação das rotas aéreas. O referido sistema permitirá aos aparelhos voarem em cinco ou dez vias paralelas ao longo dessas estradas invisíveis, do mesmo modo que locomotivas correndo nas ferrovias de várias linhas...

AREIA DE COPACABANA NAS RUAS DE BUENOS AIRES



Neste momento, os habitantes de Buenos Aires têm oportunidade, sem sair de suas "calles", de travar conhecimento direto com a areia da famosa praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. A fim de demonstrar aos portenhos o agrado de uma visita à célebre praia, internacionalmente conhecida e que está absorvendo, na toponímia mundial, a designação da própria capital brasileira, de que é um dos bairros mais novos, a Pan American World Airways realizou a impressão, na Argentina, de uma gravura colorida da orla da Av. Atlântica, aplicando em cada cartão porção de areia colhida em Copacabana e enviada por cliper até Buenos Aires. O singular cartão de propaganda das belezas brasileiras, entre outros conceitos, diz que "esta finisima arena há sido traída em cliper diretamente de la formosa playa de Copacabana, en Rio de Janeiro" e "usted puede disfrutar de las delicias del sol y de las playas cariocas, en pleno invierno, volando allí en solo 7 horas de placentero viaje".



PARA um jantar elegante, um teatro, um baile ou simplesmente um passeio à tarde, apresentamos nesta página o que de mais moderno e elegante nos apresenta a moda atual. São modelos em tafetá, tule, sêda estampada etc., muito elegantes e distintos.

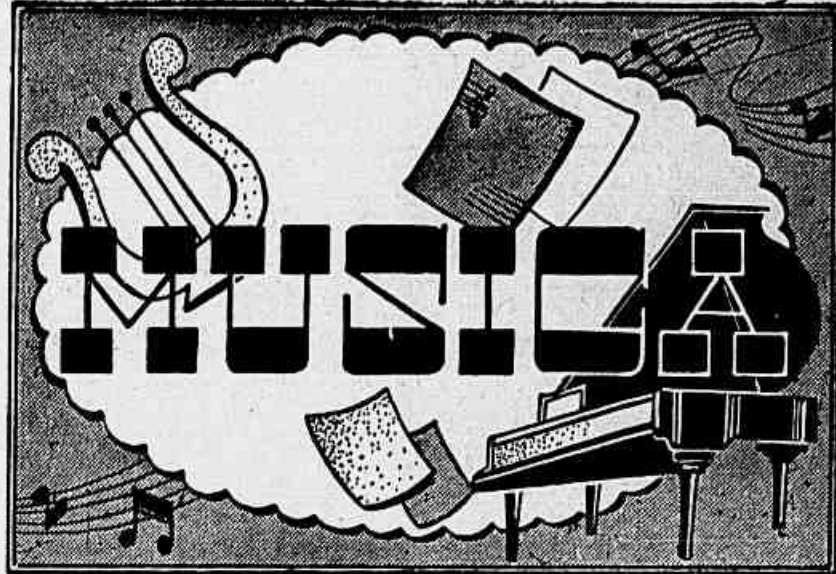


MODELOS

variados



Em cima, da esquerda para a direita: modelo em **tulle** negra salpicada de pequenos bordados em prata, fundo de tafetá branco; gracioso modelo em tafetá verde musgo com blusa de renda preta; em finíssimo **crepe georgette** preto e fundo de tafetá da mesma cor foi executado este moderníssimo traje de noite; finalmente para passeio, um alegre "duas-peças" de Jean Lanvin, fundo azul céu estampado em branco. Em baixo: Na página ao lado, alegre modelo em tafetá azul marinho, e à direita, para noite, modelo branco em bordado inglês, alças de veludo negro



FESTIVAL EM EDIMBURGO — A ÁUSTRIA TRANSPORTADA PARA A INGLATERRA — 60.000 LIBRAS PARA A ARTE — ÓPERA, DRAMA, SINFONIA — HOMENAGEM — LORENZO FERNANDEZ

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A imprensa inglesa registrou, com entusiasmo, o sucesso do festival artístico realizado em Edimburgo. «E' a Áustria transportada para a Inglaterra», disse um jornalista, aludindo aos famosos festivais de Salzburg. E foi precisamente um austríaco, o dinâmico Rudolf Bing, quem planejou e dirigiu a série de espetáculos.

Bing, que foi empresário em sua pátria, há muito tempo vive na Inglaterra. Antes da guerra, foi diretor da Companhia Glyndebourne e, quando esta interrompeu suas atividades, em virtude da situação, Bing empregou-se como gerente numa companhia proprietária de uma série de lojas. Porém não abandonou os velhos projetos. Há dois anos, ele procurou o Lord Provost de Edimburgo e explicou-lhe que pretendia realizar, naquela cidade, um gigantesco festival, à maneira dos de Salzburg.

60.000 LIBRAS PARA A ARTE

Vencedora a idéia de Bing, várias instituições contribuíram, atingindo a 60.000 libras a soma reunida.

Quando foi divulgada a notícia, Sir Thomas Beecham, o regente inglês mais temperamental, comentou, publicamente:

— São uns idiotas! Imaginem só: gastar 60.000 libras com um festival!

Porém, apesar dessa observação, Sir Thomas aceitou um convite para participar do próximo festival...

Já estão programados mais cinco festivais e Bing tem contrato que lhe garante a direção de, pelo menos, os três próximos.

ÓPERA, ORQUESTRA, DRAMA

A lista de atrações reunidas nas três semanas de arte impressiona. Orquestras de Roma e Amsterdã vieram especialmente para a ocasião. Bruno Walter regeu a Filarmônica de Viena.

Um jornalista observou que, em matéria musical, o festival foi de um B — Bach — a outro B — Bartok, compositor contemporâneo, recentemente falecido. Entre esses dois extremos, que assinalam os limites cronológicos da lista de compositores que figuram nos programas, convém citar Mozart, cujos concertos para piano foram interpretados por Arthur Schnabel, um de seus maiores intérpretes. Porém não ficou nisso o festival. As óperas Don Giovanni e Così Fan Tutte, também de Mozart, foram apresentadas pela Companhia Glyndebourne, a mais famosa na Inglaterra, atualmente. A Missa de Bach ficou a cargo da Sociedade Coral de Huddersfield.

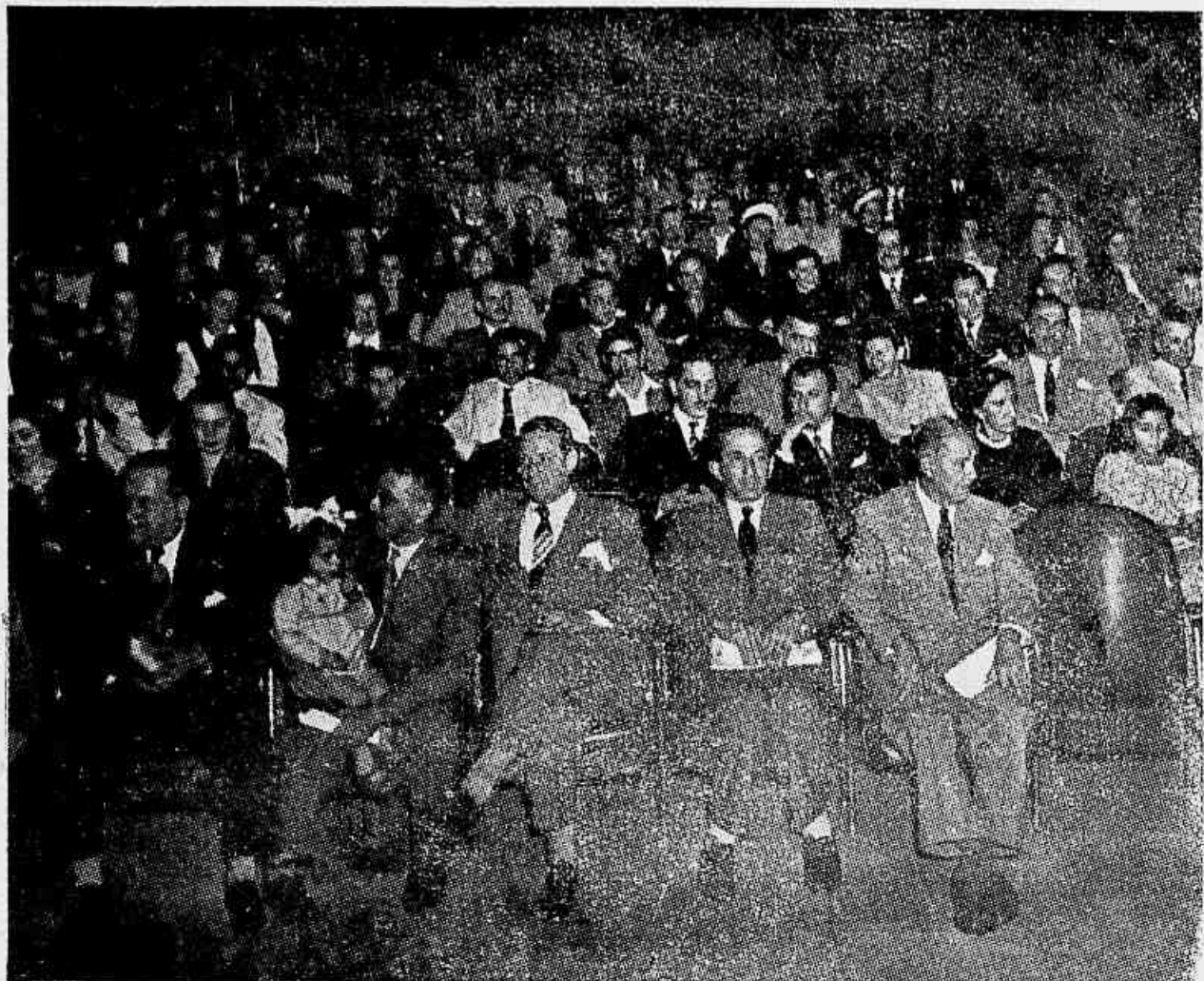
HAMLET, EM FRANCÊS

Outro ponto alto foi a versão francesa de Hamlet, apresentada na parte dramática, em francês, na famosa tradução de André Gide, por Jean Louis Barrault, ator e bailarino.

Uma campanha escocesa ressuscitou uma peça de 1540 e que, desde 1554 não era representada.

As fotografias mostram o Castelo de Edimburgo iluminado, com suas paredes centenárias refletindo as luzes que deram nova vida à cidade, invadida pelos turistas de todos os recantos da Inglaterra e da Europa, que, atraídos pelas novidades prometidas, vieram formar a assistência entusiástica que transformou o Festival de Edimburgo em uma realização não somente culturalmente notável como comercialmente rendosa.

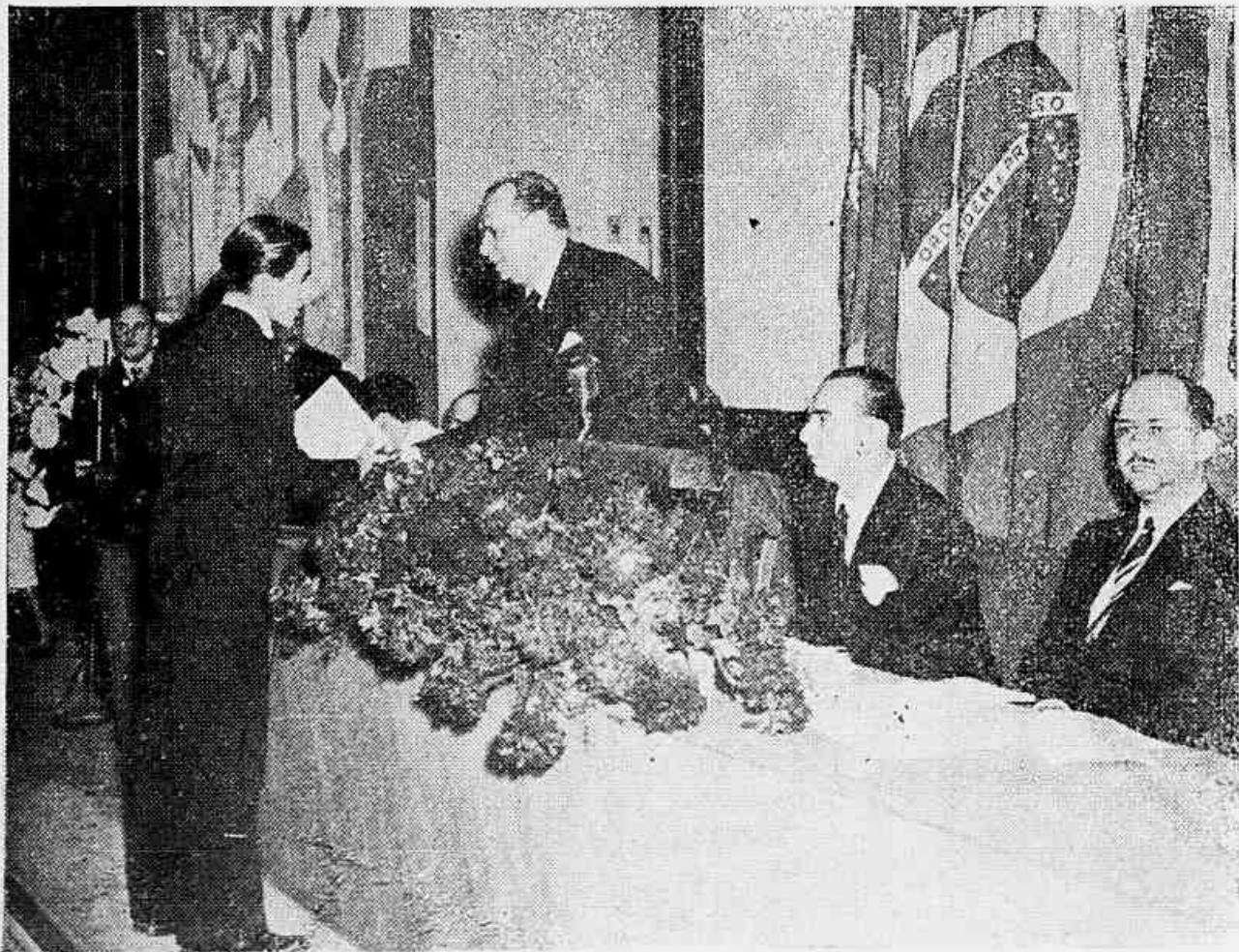
(Continua na pág. 48)



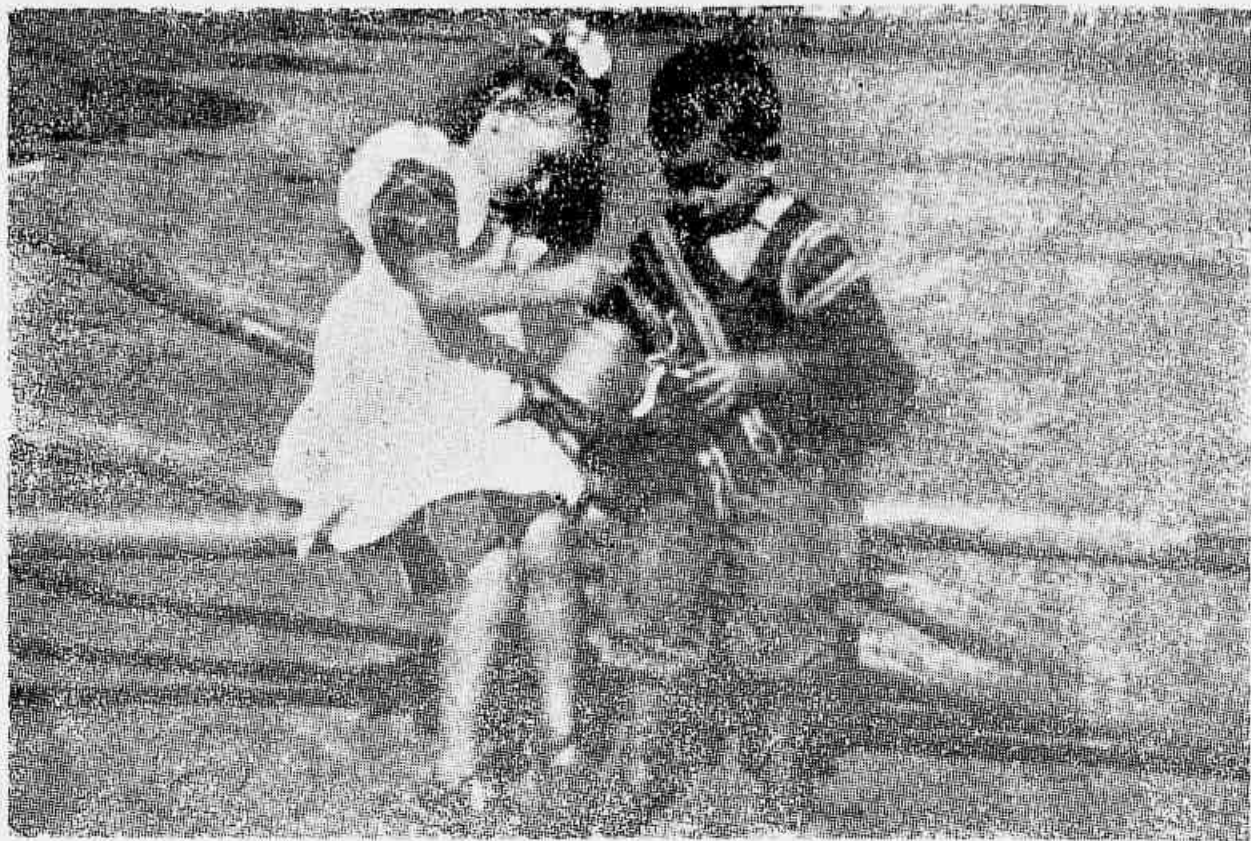
APRIMORANDO A INSTRUÇÃO DOS COMERCIÁRIOS CARIOCAS

O SENAC REGIONAL DO DISTRITO FEDERAL ENTREGA OS CERTIFICADOS A NUMEROSA TURMA DE ALUNOS

O SENAC Regional do Distrito Federal realizou, a 1.º de setembro, a solenidade de entrega dos certificados aos alunos que terminaram os Cursos de Aprendizagem Comercial. A cerimônia teve por local o auditório do Ministério da Educação, que se achava literalmente cheio, constituindo um acontecimento marcante na história daquela conhecida entidade de ensino mercantil. Cerca de cem jovens receberam o diploma a que fizeram jús, pela terminação brilhante do Curso para Praticantes ou do Curso de Preparação Funcional, que os habilitam a um melhor desempenho das funções junto aos estabelecimentos em que trabalham. A um tempo simples e admirável, pelo que encerrava, foi o ato assistido por numerosas autoridades, tendo o presidente da instituição, ministro Waldemar Ferreira Marques, paraninfado a luzidia turma de comerciários. Dirigiu-lhes a palavra em feliz discurso cuja parte final foi uma bela exortação aos jovens. Falaram ainda, sobre a transcendência da solenidade, o prof. Francisco de Paiva Cortes, o prof. Floriano Queiroz e o sr. Calixto Ribeiro Duarte. A cerimônia da noite de 1.º de setembro, quando o SENAC Regional comemorava o seu segundo ano de instalação, foi um evento. Constituiu, no seu todo, um fato decisivo, uma afirmação do quanto vem realizando e do quanto poderá realizar em prol da laboriosa família comerciária o SENAC Regional do Distrito Federal. Nas gravuras têm os leitores diferentes aspectos da brilhante solenidade.



VIDA INFANTIL



FLAGRANTE GAÚCHO — Neste aspecto, nitidamente das pampas, aparecem Nelgia Maria, filha do sr. Arlindo Pinto de Oliveira, e Fernando, filho do sr. Carlos Alberto Ribas, na Estância de Nossa Senhora da Glória, no Rio Grande do sul



Vera Lúcia, filha de Aderval Gonçalves do Couto e d. Hilda Corrêa do Couto, aos cinco meses de idade



Márcio Fernando, filho do saudoso médico dr. Manoel da Silva Praça e de d. Marina de Carvalho Netto Praça, neto do sr. Carvalho Netto, redator-chefe de "A Noite"

VIDA LITERÁRIA

Por HERMAN LIMA

AUTOBIOGRAFIAS

O gênero continua ainda escasso, entre nós. Durante três décadas ou mais, "Minha formação", de Joaquim Nabuco, figurou como índice solar das nossas letras, em semelhança solar. Excesso de pudor e de respeito humano, ou será que os nossos escritores, como os pássaros felizes, não têm história? O certo é que o capítulo autobiográfico na literatura brasileira tem de ser pesquisado — com os inevitáveis enganos e idealizações da realidade, inerentes a toda obra de ficção — nas páginas de contos e de romances, quando não, mais raramente, até mesmo no corpo de certos poemas do passado. Foi Humberto de Campos quem iniciou verdadeiramente a literatura das "Memórias", desvendando aos olhos alheios a sua triste infância e a sua ardente e inquieta adolescência, numa maneira ainda desconhecida para nós, desde que o auto-retrato de Nabuco tem muito de posado para a posteridade, muito retico indistigado, aquele inseparável "cachet" de aristocracia natural de toda sua obra social, política, humana e literária; ao passo que o rapazinho de Meritiba entrou como Deus o fez, de mãos vazias e de meninice mesquinha, nas páginas do seu livro de recordações. Outro que deve ser lembrado também é o velho Rodrigo Otávio, com as suas memórias "dos outros", o que revela, pelo próprio título, ter se ocupado menos de si do que dos eventuais companheiros de sua vida. Graça Aranha deixou uma admirável amostra do que seria o seu próprio romance, mas infelizmente não foi além de meia dúzia de capítulos. Citemos ainda as páginas do "Confiteor", de Paulo Setubal, muito belas pelo cunho espiritual, três excelentes livros de memórias de Gustavo Barroso, e restaria apenas, salvo melhor juízo, o grande livro de Graciliano Ramos, "Infância" marca, de fato, o padrão máximo da que se fez até agora no Brasil, em matéria de dissecação — antes diríamos melhor de viviseção da própria história. Despidendo-se totalmente de qualquer escaupito convencional, com um impudor que tem tudo de um Dostoiévsky, para se pôr a nu na mesa da análise, com tanta frequência exorcizante, da sua história medieval, o nosso maior romancista é um exegeta cruel e frio dos seus sentimentos, como dos seus atos, tão bem como daqueles que mais de perto lhe andavam do coração, donde seu livro achar facilmente um símile futuro em nossas letras. Todavia, por mais distantes que sejam nos processos, o de Graciliano, de descer a prumo no limbo das reminiscências, para a fixação de atos e de sentimentos, em plena nudez de europeus, o seu de se adereçar de toda a pompa íntima e exterior numa época de euforia universal, como a da pré-guerra de 14 na Europa, nem por isso deixa de achar uma flagrante analogia, muitas vezes mesmo de profundo sentido na sua amargura e no seu ceticismo, entre "In-



A famosa trindade familiar da literatura inglesa contemporânea, os irmãos Sitwell. — Edith, Sacheverell e Osbert. — que a cada livro publicado põem em reboliço os críticos de todo o mundo

fância" e este livro de Osbert Sitwell, "Great Morning", tão esplendidamente editado por Macmillan & Co., de Londres. Vida, problemas morais, paisagens, clima humano, é claro que separam antipodamente o menino judiado do sertão das Alagoas e o fidalguinho de antepassados lutando nas Cruzadas, mas nem por isso é menos sombria e desolada a "terra de ninguém" que faz de um e de outro juizes terrivelmente imparciais do mesmo pai áspero e hostil, a batalhar do alto de suas torres sem pontes para o coração do filho. O capítulo em que se marcam essas idiossincrasias, a fúria incompreensão, o infatigável sadismo moral de Sir George Sitwell, que ia ao ponto de obrigar o filho, aos vinte e um anos, a estudar, de público, no pátio dum castelo de sonho, em pleno coração da Itália, os rudimentos da caligrafia, grafando horas e horas sinais de interrogação, porque sua letra era "tão incerta e infantil que ele tinha que aprender a escrever", é de uma límpida cruz e dam, tão direto vigor psicológico que em tudo revemos o mestre de "Angústia", daquele espantoso capítulo do "Vento-Romba". Mas o livro do terceiro Sitwell, que forma com os irmãos, Sacheverell e Edith, a mais ilustre trindade familiar da Inglaterra, dos quais se diz que "they have consistently shocked their critics", não é apenas um rosário de negros ressentimentos. Ao contrário, há mesmo nessa admirável crônica dum fim de época, de que ele mesmo diz ser impossível "capturar a doce e desolada atmosfera", uma inescutível sucessão de ágeis e brilhantes episódios mundanos, de gloriosos momentos de uma vida ao mesmo tempo cheia de densidade e de sutileza, como a de certos príncipes florentinos. Escritores famosos, pintores, grandes arquitetos, aventureiros e "parvenus", até mesmo um contista do vigário, o Barone Pavolino, que vem gozar no Rio de Janeiro o fruto das espertezas com que faz sangrar a bolsa do velho Sitwell, desfilam incessantemente nas páginas deste livro

fascinante, com um ardor vital, um colorido de imagens e uma agudeza de epigramas, que o tornam um incomparável espelho da vida europeia às vésperas da primeira guerra mundial. O estilo de Osbert Sitwell, a originalidade dos seus conceitos, dão-lhe à prosa uma coruscante vivacidade, um frêmito de beleza e de graça transfiguradora que colocam "Great Morning" (terceiro volume de sua autobiografia que tem o título geral e singular de "Left hand, right hand!") numa altura que dificilmente poderá ser ultrapassada por alguma outra obra de sua vasta bibliografia. Basta vista apenas o admirável capítulo relativo ao "ballet" em Londres, sob o signo glorioso de Diaghilev, Nijinsky e Karsavina, e a sua maravilhosa crônica da vida de caserna na Torre de Londres.

UM DISCÍPULO DE LAWRENCE NO BRASIL



MÁRIO DONATO

O livro mais discutido neste momento, no Rio e em S. Paulo, é sem dúvida o romance "Presença de Anita", de Mário Donato, escritor paulista, que em 1938 havia estreado nas letras com um livro de poesias. Obra de grande audácia, pelo sentido brutalmente realista com que se impregna a maioria de suas páginas, de par com o profundo conteúdo poético de tantas outras, não visa, porém, é evidente, a um escândalo barato, por mais crus que sejam certos episódios narrados sem qualquer hesitação ou ambiguidade, antes de maneira direta e meridiana, sem concessões ou temor de qualquer espécie. É que Mário Donato procura gravar a fogo, com a língua plástica de que dispõe, sem desbordamentos patéticos, ao contrário, num estilo por demais sóbrio, todo músculos e nervos, a flagelante angústia dum par de amantes dominados pelo sexo, como por uma fúria obsessiva homicida, de contínua e pungente exasperação aniquiladora. É certo que nem sempre suas criações se mantêm num bloco homogêneo de emoções e de instintos, dissociando-se mesmo, flagrantemente, a consciência de Eduardo, face ao fácil abismo da paixão carnal em que se deixa absorver, o que constitui erro grave na circunstância de buscar no suicídio e no assassinato uma solução que não era de modo algum inevitável, desde que seu desregramento se achava de há muito comodamente ajeitado no campo doméstico. Quanto à personagem feminina, em torno de quem a trama da tragédia amorosa gira com uma violência de "maelstrom", com a marca evidente da sua perversão (que o episódio do garotinho do armazém revela de modo tão chocante, aliás na única parte realmente inferior do livro), não convence inteiramente como pareça dum lirico pacto de morte como o que há no livro. De qualquer modo, Mário Donato é sem a menor dúvida um romancista de singular personalidade, dum arte sombria e direta, poderosamente penetrado dum largo sopro de poesia, muito embora ligado intimamente, ao que parece, ao cerebralismo dum Lawrence, que a Livraria José Olympio Editora acaba de revelar, numa obra cheia de interesse e vibração, embora totalmente condenada para certa classe de leitores inexperientes. Por estes dias será lançada sua terceira edição.

UM GUIA DE OURO PRETO, EM FRANCÊS

Entre as excelentes publicações do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, sempre de apresentação primorosa e de texto de primeira ordem, o "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira, com ilustrações de Luis Jardim, figurou, desde o seu aparecimento, como um verdadeiro índice da magnífica atividade cultural daquele departamento, ainda outro dia tão calorosamente louvado pelo ilustre Mr. Germain Bazin, conservador do Museu do Louvre, que atualmente se acha entre nós, para um curso de conferências sobre arte. Foi essa obra que o Serviço de Publicações do Itamarati, sob a direção do diplomata Roberto Assunção, escolheu, em boa hora, para uma divulgação mais ampla, no estrangeiro. Traduzido para o francês, por Michel Simon, num trabalho gráfico de admirável execução, o livro conta ainda com o concurso inestimável de Santa Rosa, para constituir uma legítima obra de arte.

★

NOITES NA ÓPERA

A "Pilot Press", de Londres, acaba de lançar a edição de "Nights at the Opera", da autoria de Barbara Mc Fadyean e Spike Hughes. Trata-se de um livro dos mais úteis e interessantes, destinado não somente ao leitor comum, como também ao especializado. Quinze das óperas mais conhecidas, com a sua história e a sua música, são analisadas e condensadas em sínteses de grande movimento e atraente forma literária. São elas: "O casamento de figaro", de Mozart; "O barbeiro de Sevilha", de Rossini; "Lucia" e "Don Pasquale", de Donizetti; "Rigoletto", "Trovador", "Traviata" e "Aida", de Verdi; "Faust", de Gounod; "Carmen", de Bizet; "Cavalleria Rusticana", de Mascagni; "Os palhaços", de Leoncavallo; e "Boemia", "Tosca" e "Madame Butterfly", de Puccini.

★

REEDIÇÕES

Dominados pelo regime das pequenas edições, é ainda pelo número das suas reedições que podemos melhor avaliar da aceitação e do valor dum livro. Nessa classe de preferidos, acaba a Livraria do Globo de lançar nada menos do que a 6ª edição da famosa "História da Humanidade", de Hendrick van Loon, e a 5ª de "O Nilo — História dum rio", de Emil Ludwig, cuja morte a imprensa registrava ainda à semana passada. Ambos os livros foram excelentemente traduzidos por Marina Guas-

O CINQUENTENÁRIO DE SÉRGIO MILLIET

Além de Ribeiro Couto, Peregrino Junior e Rodrigo Melo Franco de Andrade, o ilustre crítico de arte e de literatura, dos mais lúcidos e cultos da sua geração, que é Sérgio Milliet, entra também este ano na casa do meio século. O autor de "Pintura quase sempre", "Roteiro do café", "Pinturas e pintores", "Oh valsa latejante", "Diário crítico", "Marginalidade da pintura moderna" e de tantos outros característicos trabalhos de crítica e de ficção, permanecerá seguramente na história das nossas letras desta metade de século, como legítima expressão de uma alta atividade intelectual cheia de inquietação, de brilho e de dignidade.



SÉRGIO MILLIET

★

pari. O êxito do primeiro vem sem dúvida da arte que tem Van Loon de transformar um assunto quase sempre árido numa narrativa de fascinante interesse. Povos e acontecimentos, tão bem como os homens que fizeram a história, e datas marcadas a fogo no calendário do mundo, adquirem, nessas páginas, um poderoso sentido humano e uma vitalidade tão intensa que facilmente tornam o leitor seu contemporâneo ou espectador. Daí justificar-se plenamente a frase de certo professor de Capetown a um de seus alunos: "Venda umas roupas usadas, se for preciso, mas não deixe de ler este livro". Quanto à obra de Ludwig, é das mais populares no mundo inteiro, podendo-se mesmo dizer que com esse livro, admiravelmente concebido e escrito, o grande escritor alemão criou um gênero histórico sem classificação anterior na literatura tradicional. É toda a história do Egito que se desenrola ao correr das águas do rio, de tal maneira que, lendo-se uma vez este livro, a palavra Nilo há de ficar para sempre gravada no nosso espírito, como a sua presença tutelar.

★

MAQUIAVEL E A DAMA

Somerset Maughan, apesar de andar pelos setenta anos, não parece disposto a renunciar tão cedo à produção literária, muito embora anuncie que seu último livro, recentemente publicado, "Catalina", será definitivamente a última das suas obras de ficção. Antes desse, o famoso escritor inglês, de público tão numeroso e fiel no Brasil, através das edições da Livraria do Globo, que o lançou entre nós, com imenso êxito, com o admirável romance "Servidão humana", inquestionavelmente um dos grandes livros deste século, publicara, o ano passado, "Then and now", que a mesma editora acaba de lançar no mercado, com o título "Maquiavel e a Dama". Sua tradução não poderia deixar de ser magnífica, desde que foi entregue a Erico Veríssimo. É uma comédia deliciosa, passada nos dias em que Florença era toda uma crônica de fulgor e de espírito, mas também de violência e de sangue, sob o domínio dos Borgias. O ceticismo, quando não o próprio cinismo de Somerset Maughan, impregna essa divertida e fascinante história dum colorido e dum intensa vida psicológica, de par com a curiosíssima intriga política e amorosa que a anima. O sutil Maquiavel, mandado a Roma como embaixador florentino, para negociar a benevolência de Cesar Borgia, em meio a suas árduas tarefas de mediador tem tempo de urdir um saboroso romance de amor com a jovem esposa de Bartolomeo Martelli, mercador romano e confidente de Cesar, vendo-se, porém, no fim, frustrado em todos os seus planos de política e de coração pela astúcia do príncipe e pela falsidade de Aurélia e do seu belo pagem, Piero Canestrini. De volta a Florença, Maquiavel trama uma vingança à altura de seu espírito, e é essa a mais deliciosa surpresa do livro tão cheio de epigramas e sutilezas bem florentinas.



SOMERSET MAUGHAN

LIVROS NOVOS

JOÃO LUSO

Estava escrito

★

Romance de MARIA DE LOURDES LEBERT

★

Editora Brasileira Ltda. — São Paulo 1948

As mulheres estão tomando cada vez mais amplo e brilhante lugar na literatura brasileira de ficção. Nova romancista nos aparece hoje, com qualidades que de certo lhe permitirão figurar dignamente naquela vitoriosa pleiade feminina: a sra. Maria de Lourdes Lebert.

A sua obra de estreia trata de um caso de donjuanismo clássico mas impune — como tantos se verificam na realidade social. O herói, que é de origem e criação provincianas, estende o seu campo de operações, mais ou menos, até a capital de Pernambuco e ao rio de Janeiro. Rigorosamente laicato, e até nesta cidade que principiam as suas proezas e as suas patarinas. E, entre a libertinagem interesseira e a mais cinica desonestidade em negócios, a sua carreira se desenvolve, com reveses temporários, e certo, mas, ao cabo de cada episódio perigoso, cada "enrascada", com invariável bom êxito e já em via de novo empreendimento. Como diz o bom povoão, é um picolé.

Artur de Sousa e Loureiro, de família distinta e com alguma coisa de heráldico, inicia as suas boas fortunas amorosas — ou que outro qualificativo mereçam — fazendo-se noivo de uma criaturinha extremamente canaleta, Emília, neta do abastado português, sr. Oliveira, de quem ele obtém, a título de empresário, a quantia necessária para montar um consultório de dentista e, com o produto da promessa, poder casar. Vai, porém, a Aragoas, visitar a família, e apaixona-se — a sua maneira — por uma linda pernambucana, Rosa da Silva, também ali em visita e neta de outro cidadão lusitano, cujos bens de fortuna devem superar os do sr. Oliveira. Artur passa-se para o Recife, onde os dois graças da nova elite, engraveira o segundo "veio" e, sem pagar a dívida contratada na Capital Federal, desposa a menina Silva. Deu-se de pouco tempo, esta brigando com o sogro e espancando a esposa. Tornando-se insustentável a permanência em Recife, vende ao próprio sr. Silva a farmácia que lá adquirira; volta para o Rio; reconquista a ingenua Emília; torça o consentimento do bom Oliveira; abusa da boa fé incrível de um padre e contra segundo matrimônio, desta vez apenas na igreja. Lança-se sua esposa um nino — como a primeira já lhe deu — registra-o ilicitamente, com testemunhas taisas, isto é: conchabos na veracidade do que ele lhes contou. Por entre todas essas cananices e facatruas, torna-se em Direito e consegue fazer-se nomear auditor de guerra. A doce Emília, na muito tempo tuberculosa, sucumbe a uma crise galopante. Artur é enviado a Recife, servir num conselho militar; torna a namorar Rosa da Silva e a atrai-la para a sua companhia. Pouco depois, encontrando a bordo a contramestra de costura Brígida Ferreira, que vai à Europa, desata a fazer-lhe corte exaltada e teatral que era a mesma para todas e que a todas seduzia. Rosa, sabedora de mais essa infâmia, perde a razão; seu irmão Miguel, informado de tudo por uma carta anônima — da autoria de Brígida — vai ter com o pai no quartel em que este se instalou; esbofeteados; atacam-se os dois, mas acodem vários oficiais que os separam; Miguel é preso **pro forma** e o outro tem que partir para o Rio, "a fim de ser julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça Militar". Para Artur, porém, nada disso tem maior importância; nem o caso afeta consideravelmente a sua situação de Juiz Militar. É transferido para Belém do Pará, dando-se-lhe trinta dias para os competentes preparativos. Intensifica então o namoro a Brígida; convence-a a unirem-se de qualquer maneira; e lá vão os dois para a cidade de Nossa Senhora de Nazaré. Mas Brígida não se parece com Rosa e muito menos com Emília. É altiva, caprichosa, tem alma de "cocotte". E foge com um caixeiro-viajante, deixando a Artur uma carta que termina com esta frase macabra: "Descansa em paz". Artur passa horas um tanto atormentadas, sobretudo por se julgar até então dominador irresistível de todas as mulheres... Mas são apenas

algumas horas. Sua família mudou-se há tempo para o Rio. O herói pede nova transferência e obtém-na. Nesse meio tempo, os maiores desastres caíram sobre aquela lar destelo; uma das irmãs endoideceu incuravelmente; a outra fugiu com um homem casado e depois, abandonada, suicidou-se; a mãe morreu, mais que de uma velha doença, de desgosto. Em tudo isso andou, mais ou menos, a influência nefasta do Don João de tancaria; e quanto a este, o romance não termina. Nem a estatua do Comendador nem outro castigo ou visão o persegue. Artur continua.

A história composta pela sra. Maria de Lourdes Lebert nada tem, com efeito, de moralizador. A autora não se preocupou com a fabulação. Todos sofrem, se afortunam, menos o culpado. Mas a escritora não estava, realmente, na obrigação de criar uma obra doutrinária. fez um romance a que não faltam quantidades de observação nem recursos de imaginação; a forma é desenvolta; a leitura interessa deveras. Estreia, portanto, das mais auspiciosas. Na no romance certas incoerências, certas inverossimilhanças — como na vida real; e na algumas impropriedades de linguagem — mas isso, hoje em dia...

★

O enamorado da vida

★

Versos de OLEGÁRIO MARIANO

★

José Olímpio Editora — Rio de Janeiro 1948

Em 1944, publicou o sr. Olegário Mariano o livro de versos **Quando vem baixando o crepúsculo**. Protestamos então contra semelhante título, dado a uma obra que não deixa transparecer melancolia nem abatimento. Entre a idade que se reflete naqueles poemas e a fase realmente crepuscular, há uma distância que podemos dizer incalculável. Vem longe, muito longe, o anoitecer da vida. Naquelas páginas, que tornamos a folhear há poucos minutos, recordando-lhes a inspiração e as palavras, não se encontra, a rigor, a tristeza, muito menos o desânimo. Nos países mesmos em que, depois de o sol desaparecer, alguma coisa dele resta e permanece mais de uma hora, clareando o horizonte e o céu inteiro, o ambiente que então se respira, doce embora, causa certo sofrimento. Ora, na terra em que vivemos, o ocaso anuncia a escuridão imediata. Por assim dizer, não há transição. O crepúsculo é como um salto da luz para a treva e tanto valeria dizer para a morte. E eis o que em absoluto se não sente naquela obra do poeta. As suas aspirações continuam realizadas e às suas esperanças ainda corresponde uma espécie de certeza. O que tais versos poderão traduzir de menos jubiloso, menos exuberante, é a saudade. E que importa? Na nossa gente, a saudade principia cedo. É a primeira coisa que verdadeiramente se faz sentir no nosso coração.

Os poemas presentes nos vem agora em terceira edição e trazem-nos a notícia bem alviziareira de dois volumes inéditos a aperecer brevemente: **Cantigas de encurtar caminho** e **Da cadeira 21**, 2.^a série. Assim o sr. Olegário Mariano que, há cerca de quatro anos, por uma fantasia de poeta, um capricho quase feminino, nos quis levar a acreditar no seu declínio, não tinha, com isso, em vista se não preparar-nos a mais bela das surpresas; e assim o presente volume é portador de uma promessa, duas promessas, prestes a cumprir-se, da magnífica vitalidade do seu espírito e do seu sentimento. O lírico apaixonado e ardente das **Últimas cigarras** não admite, no caudário da alma, a estação em que todas as cantadeiras se calam e desaparecem. Continua plenamente a ser e por longo tempo, se Deus quiser, será um enamorado da vida.

Em cada mão de folha a minha boca bebe
O orvalho da manhã como um suave licor.
E abro os pulmões sorvendo tudo o que me envolve
Essa onda de volúpia e de êxtase e perfume
Que vem do amor e que me leva para o amor

Eu sou um enamorado da Vida!
Tenho ímpetos de voar, de galgar, de vencer
Colinas, penetrar o coração dos vales,
Relinchando feliz como um potro selvagem
Que solta as crinas no ar para melhor correr.

★

A fonte constante

★

Páginas de poesia de LÍDIA DE ALENCASTRO GRAÇA

★

Rio de Janeiro 1947

Esta poetisa, que deve ser muito moça, geralmente se inspira na dor, no desânimo, na morte. Não é caso único nem propriamente raro. Muitos poetas atravessam, com a juventude, essa fase de negrume e pessimismo. Não se explica bem tal contradição entre o que deverá ser o máximo de vigor, a alegria suprema da vida e aquela tendência para tudo considerar com amargura e desesperança. Há exemplos, bem sabemos, de corresponderem os versos dolorosos à existência real de quem os faz, assim nos casos de um Antônio Nobre, um Augusto dos Anjos... Esses, porém, constituem exceções. Exceções em tudo. O que mais frequentemente se vê entre os jovens poetas é o desmentido que a evidência da sua pessoa inflige à feição da sua poesia. Qual das duas falta à verdade? Não nos alonguemos, porém, em estudar as causas de tal fenômeno; e consolemo-nos de o não elucidar, com esta simples reflexão: por via de regra os poetas que começam tristes e atormentados, depois se conformam, se alegram e vão ficando cada vez mais otimistas — até ao fim.

A autora da **Fonte constante**, depois de muito se lamentar, chega a despedir-se da vida, como se não mais a pudesse suportar. Diz adeus aos sonhos e às vigílias, aos amigos, às folhas das estredas, aos seus "amores vários e contraditórios", às asas que a conduzem através das nuvens, às velas que a levaram a certo encontro ideal... E em outras páginas sente que vai morrer ou já de algum modo morreu:

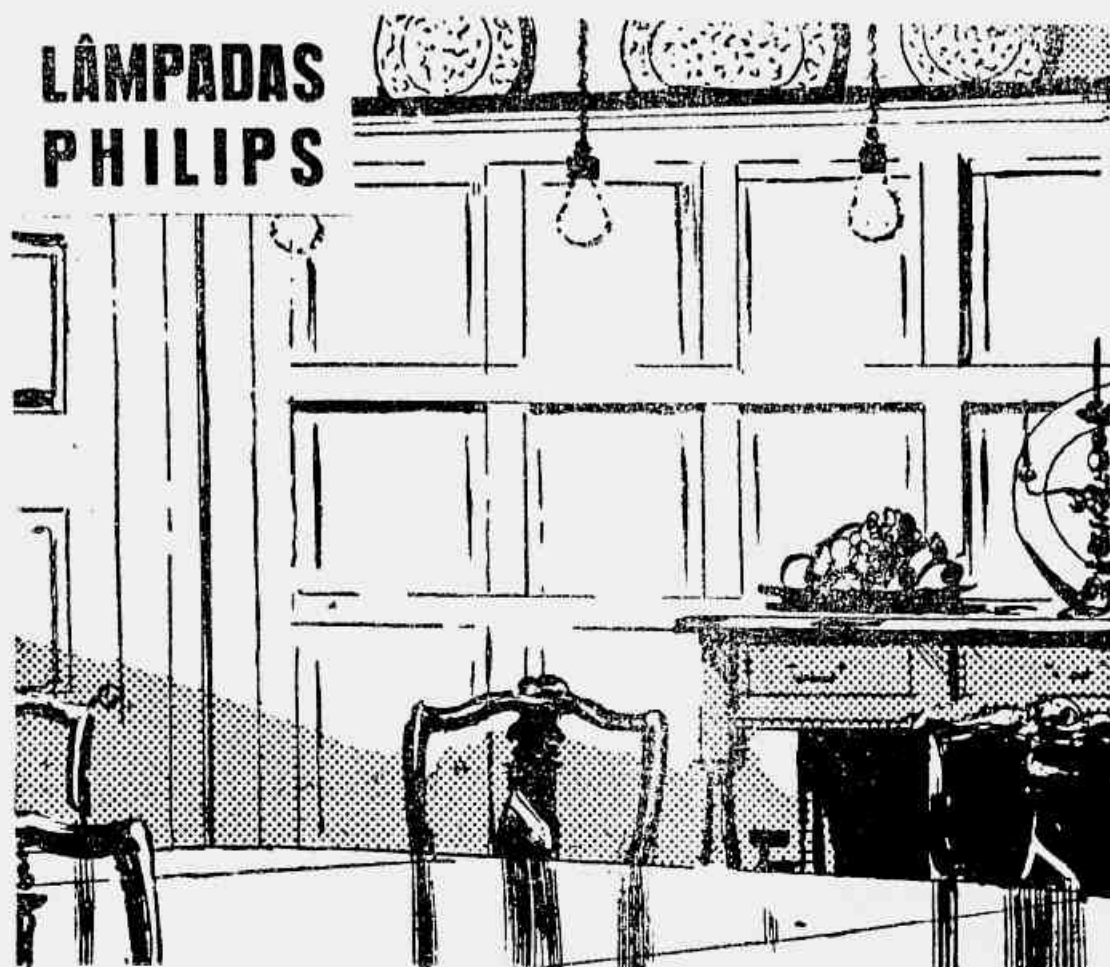
Os meninos estavam
brincando na areia
de uma praia
onde o mar nunca falta.

Os meninos brincavam
com os desenhos da infância;
e as ondas
— que ondas!
nunca me abraçavam.

Ah! se eu fosse ainda
a menina de outrora,
teria uma onda,
uma areia, um mar.

Porém, tudo mudou
nesta segunda praia:
morro nesta areia
de não poder amar.

Como se vê, a poetisa da **Fonte constante** filiou-se à chamada escola modernista ou futurista, cuja doutrina consiste na falta de leis ou regras certas, isto é: na ausência de doutrina. Encontram-se, porém, nestas páginas finas imagens, expressões requintadas, sinais de uma bela individualidade que se revela. E, quanto aquela ideia de partir do nosso mundo onde decerto, tudo a convida a permanecer, há na última página do livro esta afirmação esclarecedora: "Morro cada noite e renasço cada manhã". Tranquilizemo-nos, pois, e esperemos.



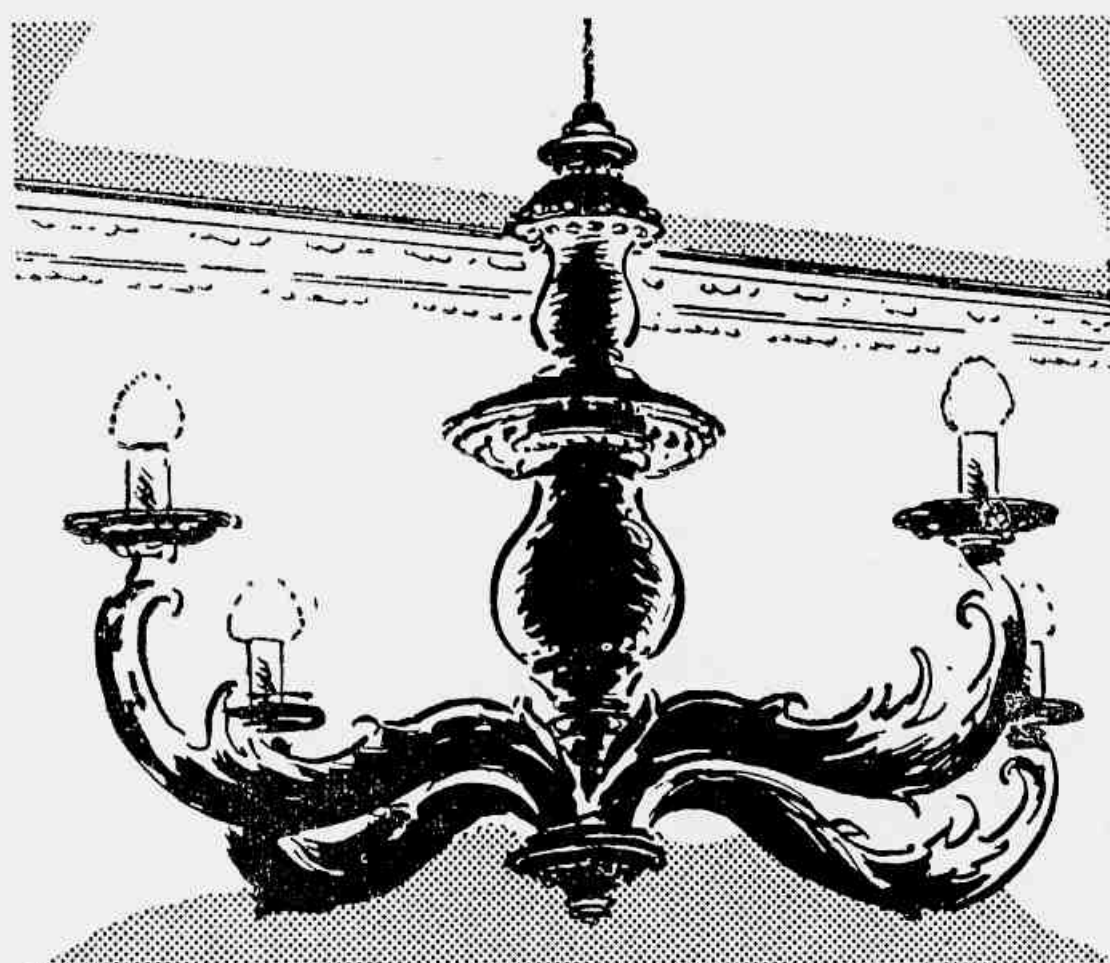
1



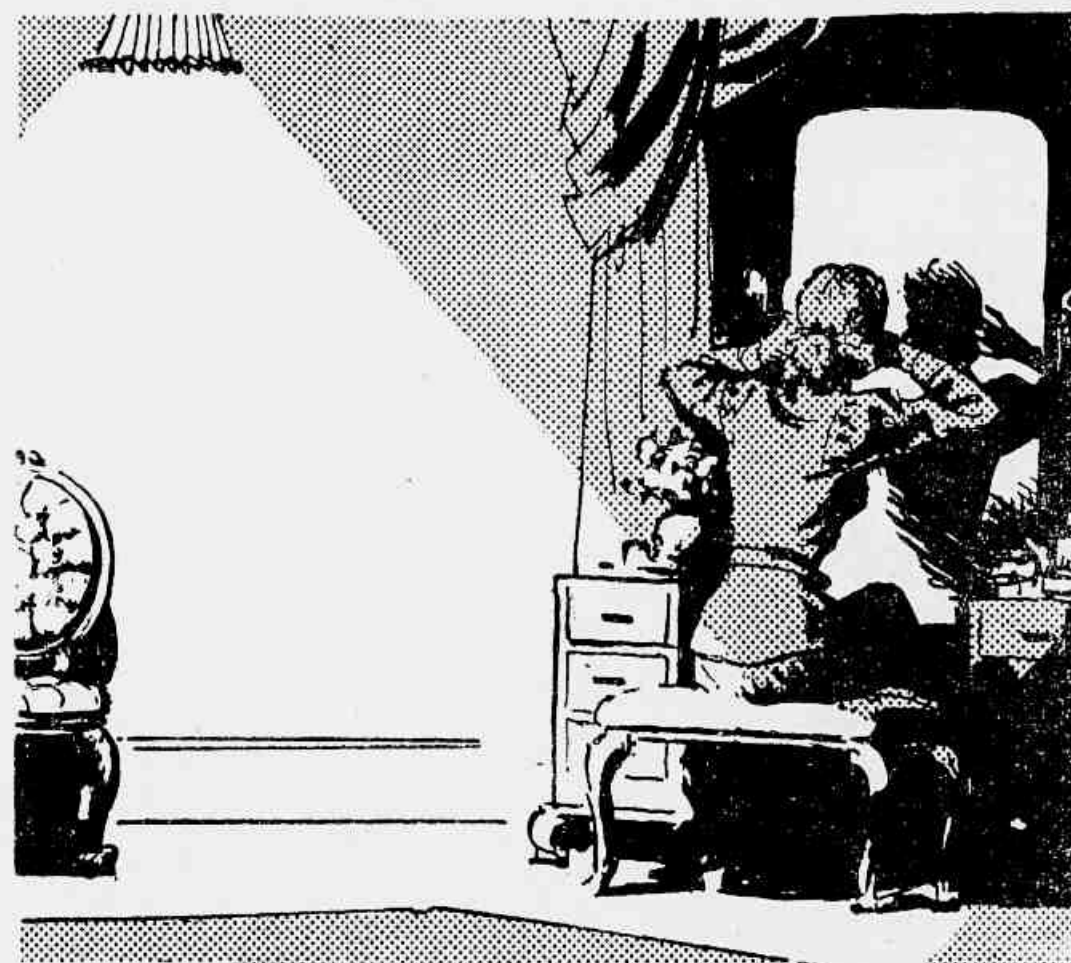
3

QUAIS SÃO OS ERROS?

2



4

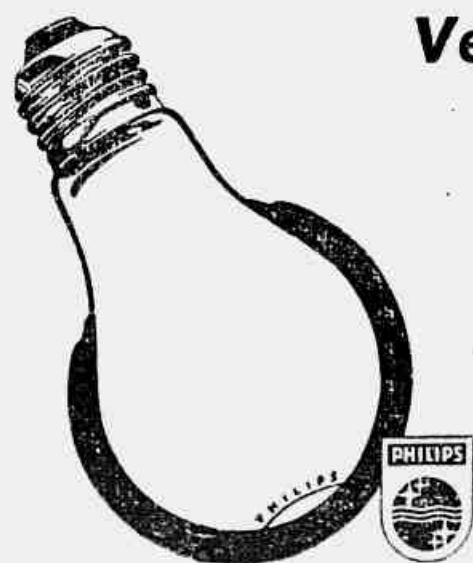


1. Uma bem fácil para começar. Nunca se devem usar lâmpadas descobertas. O reflexo faz mal à vista.

2. Se o seu lustre é pesado, não o sustente com um fio simples — que poderá facilmente romper-se. Use de preferência uma corrente.

3. Sombra no lugar errado. Quando estiver lendo ou fazendo qualquer trabalho, oriente a luz de maneira que isto não aconteça.

4. É sem dúvida uma falta imperdoável não ter uma lâmpada sobre a penteadeira.



Veja

**TUDO
CLARO**
com

É possível que não se cometam estes quatro erros em sua casa mas talvez haja outros defeitos — menos evidentes embora — na sua iluminação. Examine o assunto com atenção. E há uma coisa especialmente que o senhor não deve esquecer. Use sempre lâmpadas Philips para ter certeza de que está obtendo o máximo de luz pelo mínimo de custo.

LÂMPADAS PHILIPS

SAÚDE
o primeiro passo
para a felicidade

O desequilíbrio do organismo feminino é causa de frequentes aborrecimentos na juventude, chegando muitas vezes a perturbar a felicidade conjugal. Com o correr dos anos, o mal tende a agravar-se, provocando consequências graves. Ovariteran, contendo o hormônio feminino, equilibra as funções do organismo, garantindo uma juventude feliz e vida tranqüila.



Ovariteran
EM DRAGAS E LÍQUIDO

“RUMO

Bibliográfico”

JORNAL MENSÁRIO PARA
INFORMAR O PÚBLICO ESTU-
DIOSO DO PAÍS SOBRE O
LIVRO, EM GERAL: CRÍTICA,
DEBATE, NOVIDADES LITERÁ-
RIAS, ARTÍSTICAS E
TÉCNICAS



Distribuição gra-
tuita: preencha
este anúncio e nò-
lo remeta, para
receber, regular-
mente, RUMO BI-
BLOGRÁFICO

NOME:

RUA N.º

CIDADE

ESTADO

Livraria - Editora da Casa do Estudante do Brasil
Largo da Carioca, 11-2.º andar - Tel.: 42-2741 - Rio de Janeiro
Atendemos pelo “Reembolso Postal” e vendemos pelo nosso
CREDIÁRIO próprio

O suicida...

(Continuação da página 19)

quando a cidade, já sem sol, trepada sob milhares de ruídos e de criaturas que suam, que gemem, que têm sede de amor, de leite, de água (ah! simplesmente de água!). Quando milhares de braços e pernas tolhem seus movimentos, correm mais do que tu e se apoderam do único lugar em que poderia saber teu corpo magro.

Ó homem que sou eu, que é o meu amigo e o meu inimigo! Ó milagre de compressão de todas as amarguras, ó figura mágica! Tu que te integras em milhões, tu que te repartes — por que não olhaste o mar antes do gesto espantoso que te iria esmagar entre exclamações e ranger de frelos? Por que não tentaste esquecer o noticiário dos jornais, por que não livraste o pensamento de tantos escândalos financeiros, dos trusts e monopólios, dos roubos, da espoliação e das mentiras?

Oh! por que (por que!) não nos deste, a nós que tanto necessitamos, esta misericordiosa lição de esperança?

A vida de Thomas Hardy

(Continuação da página 34)

Uma filosofia que não é nem otimismo nem pessimismo, mas que participa das duas coisas. O próprio Hardy chamava-lhe *melhorismo*, isto é, um esforço para tornar melhor um mundo que é bem ruim mas que tem possibilidades de ser muito bom. “A missão do homem é ensinar seus semelhantes a fazer face à miséria para a qual nascem”.

A teoria “melhorística” da *compaixão*, da ajuda mútua sugerida pelo comum sofrimento, recebeu um desenvolvimento gradual na filosofia de Thomas Hardy. Em seus primeiros romances cerrou os punhos contra o Criador, esse impassível Príncipe do Mundo a quem não se lhe dava das suas criaturas. Mais tarde, transferiu de Deus para o homem suas recriminações. O erro, meu caro Bruto, poderia ele dizer como Shakespeare, não está na nossa estrela mas em nós próprios que somos seres inferiores. “Não é o destino e sim vossa própria fraqueza que está contra vós, vossa falta de discernimento que é da espécie que antes traz a sabedoria do que a abastança”. Posteriormente ainda concluiu que não era nem a malevolência de Deus nem a estupidez do homem isolado, mas a crueldade do homem na multidão — isto é, a crueldade da sociedade — a responsável pela maioria dos sofrimentos humanos. Quanto mais envelhecia, mais se acentuavam os seus atritos com a sociedade pela sua injusta organização contra o indivíduo. Em 1928 ele escreveu para o Natal um epigrama que compendia todo o amargor que sentia diante da “incurável selvageria” do rebanho humano:

“Peace upon earth!” was said. We
Ising it,
And pay a million priests to bring it.
After two thousand years of mass
We’ve got as far as poison gas. (1)

Hardy exasperava-se contra o assassinio de almas e corpos humanos. Em seus romances da última fase voltou repetidas vezes a esse tema. O castigo da sociedade pelos erros dos indivíduos, declarou ele, estava muito além dos limites da decência e da justiça humana. Esta tese, princípio cardeal de sua filosofia já amadurecida, encontra sua expressão mais perfeita em *Tess of the D’Urbervilles*.

Tess é a vítima de uma lei moral inflexível e de um código social inexorável. Quando seu pai, John Durbeyfield, vem a saber que ele, um vagabundo dissoluto é descendente da nobre família dos D’Urbervilles, quase estoura de orgulho. Sua mulher Joan, começa a sonhar com um casamento importante para sua filha Tess. Por isso induzem-na a empregar-se como criada na fazenda da velha e vulgar senhora D’Urberville.

Ali Tess conhece o simpático filho da velha dama, Alec D’Urberville, jovem de

mau caráter e sem princípios. Uma curta aventura amorosa, a desilusão e um filho. A criança morre pouco depois.

Tess volta para sua casa.

Passa-se algum tempo até que lhe volte a coragem para enfrentar novamente o mundo. Por fim ela aceita o emprego de leiteira na fazenda dos Talbothys. Ali conhece Angel Clare. Este, filho de um velho ministro protestante, deixou com tristeza para seu pai — o pastorado das almas para se dedicar ao cultivo do solo.

Os dois jovens sentem-se atraídos um pelo outro. Quando Angel declara o seu amor, Tess não tem coragem de lhe revelar o seu passado. Seu sonho é lindo demais para ser pulverizado por aquele fio-monstro chamado Código Social.

Aproxima-se o dia da boda. Num momento de sincero desespero ela escreve uma longa carta confessando tudo. Coloca-a debaixo da porta. Mas a misteriosa mão do destino guia a de Tess: a carta resvala para debaixo do tapete. Pouco antes da cerimônia ela descobre a carta e a rasga. Sua coragem para receber o castigo foi menor que sua sede de amor.

Casam-se. Ao saírem da igreja, ouvem o cantar de um galo — um lembrete para que a sociedade reprove o enlace. Um ruído fora de hora. Um galo a cantar de tarde — mau agouro.

Tess e Angel passam a viver numa velha e pitoresca fazenda. Ali Angel confessa a Tess seu único pecado — uma farrá de dois dias com uma rameira e pede perdão a sua esposa. Ela prontamente lho concede e aproveita para também contar o seu erro. Mas Angel Clare não lhe perdoa com a mesma facilidade. O duplo critério da sociedade. A mulher jamais deve pecar.

Vem a separação e Tess volta para casa. Sua mãe aceita a situação resignadamente, porém o orgulho ébrio de seu pai — um D’Urberville — ressentido-se atrozmente com o que o homem considera ser um crime sem perdão.

Durante o verão Tess encontra emprego em várias fazendas. Grande parte do que ganha ela reserva para sustentar os seus. Mas chegando o inverno ela quase fica sem trabalho. Longos intervalos de fome e de desespero se seguem a um curto período em que Tess ganha uma vez ou outra um dinheirinho ou arranja a custo alguma ocupação miseravelmente remunerada. Por fim resolve fazer uma desesperada tentativa de ver os pais de Angel. Talvez eles lhe possam dar notícias do marido. E lá vai ela debaixo de chuva e através da neve milhas e milhas... mas encontra vazia a residência do ministro.

Tess volta. E de novo sucedem-se dias de fome e de degradação inevitável. A sociedade cobra seu tributo.

Um dia, ao passar por um celeiro, ouve a voz tonitruante de um pregador evangélico. A voz é conhecida. Ela se aproxima e reconhece Alec D’Urberville.

Alec roga-lhe que volte para ele. A princípio ela recusa. Mas a miséria em que vive sua mãe (o pai morrera) obriga-a a ceder.

(Continua na página 46)

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

(1) “Paz sobre a terra!” disseram. Cantamo-la e pagamos a um milhão de padres para trazê-la. Após dois mil anos de missa conseguimos ter gás tóxico.

BILHETES DO MEIO DO MUNDO

Por D. G. COIMBRA

COPENHAGUE, (8-9-1948) — A cidade é silenciosa. Há uma calma discreta por toda parte, só de raro em raro perturbada pelo buzinar de um auto, o apito de um trem ou o som cristalino da campainha de uma das duzentas mil bicicletas que existem aqui. O povo, igualmente, concorda com que "o silêncio é de ouro"; por isso fala o menos possível e sempre em voz baixa. Caminhando pelas ruas de Copenhague, nos deparamos um instante atraídos pela beleza de grandes dâlias expostas num quiosque. Uma senhora murmurou algo sobre a beleza das flores e nada mais.

E' admirável o modus vivendi do dinamarquês. Cada qual se prende aos seus problemas sem incomodar os seus semelhantes.

Não é apenas nisto, contudo, que a discreção deste povo se faz sentir. Os jornais são vendidos apenas nas bancas, sem os clássicos jornaleiros a correr pelas ruas da cidade gritando as "manchetes" do dia. No cinema, ninguém conversa, nem fuma; apenas, quando o mocinho pratica um dos seus rasgados atos de heroísmo, ouvem-se palmas discretas. Os anúncios luminosos, em "neon", são sóbrios e numa só cor. A gente é sadia, forte e corada, daí usarem as moças uma porção mínima de "rouge" e baton. Não há vendedores ambulantes, nem desocupados conversando pelas esquinas. Quanto à mendicância, que na maioria das cidades do mundo, atinge grau assombroso, aqui não constitui verdadeiramente um problema, pelo que pudemos observar. A saída do cinema (aonde fomos ver "Os Melhores Anos de Nossa Vida"), deparamos com um mendigo a soprar numa galta rudes melodias regionais. E só.

★

Os restaurantes de Copenhague são famosos pela distinção e pela sua cozinha. O "Wivex", no Tivoli, é considerado o maior do mundo, mesmo em confronto com os restaurantes de Nova York.

Num dos belos subúrbios da cidade, está localizado o Lorrys, "night-club" de magnífica decoração e bom gosto. O seu interior representa uma aldeia britânica da época dos Tudor, quase de tamanho natural, tendo, ao fundo, uma esplêndida imitação de um canal. Na rua da aldeia estão localizadas as mesas para os frequentadores.

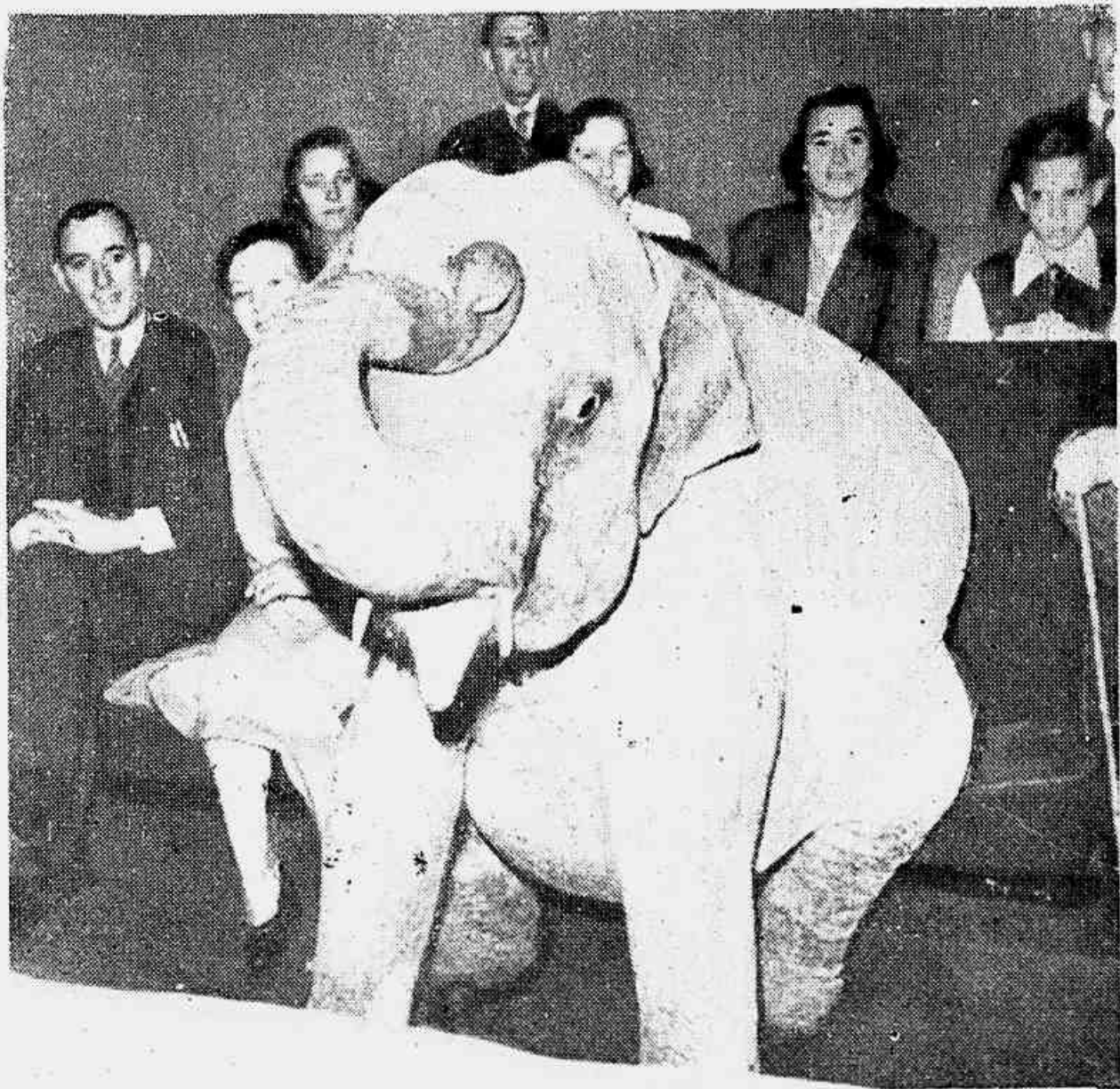
Não nos queriam deixar entrar por estarem reservadas todas as acomodações. Foi então quando nos lembramos de exibir ao porteiro o cartão do sr. Lichtenberg — diretor do Departamento de Turismo do Governo — apresentando-nos como jornalistas brasileiros. Como num passe de mágica, fomos conduzidos pelo gerente do "Lorrys" para uma localidade especial, próxima ao palco, de onde tivemos oportunidade de assistir a um magnífico espetáculo, começando com esplêndidos quadros vivos de nus artísticos, tendo concluído com números de música, danças regionais e magia. Quando pedimos a conta, fomos surpreendidos por esta resposta do garçon: "A sua conta é: cumprimentos do Lorrys..."

Já é esta a segunda grande prova da influência do nosso bom amigo sr. Lichtenberg e do seu prestígio aqui. De outra feita, quando procuramos adquirir bilhetes para o Circo Schumann, um dos mais notáveis do mundo. Informaram-nos que só nos seria possível conseguir entradas para o dia 25, apesar de o circo dispôr de 4.000 poltronas estofadas em veludo. O diretor do Departamento de Turismo resolveu o problema num instante, abrindo a gaveta de sua escrivaninha e nos entregando dois bilhetes para o espetáculo do mesmo dia, "com o melhores votos para que se divirtam..."

★

No Circo Schumann assistimos a um espetáculo a que poucas vezes teremos oportunidade de rever. Só um número dará aos leitores uma idéia do que presenciamos: cinquenta cavalos amestrados, de várias cores, formando um surpreendente carroussel vivo, movimentavam-se com extraordinária precisão, unindo-se e desunindo-se, mudando de direção, volteando — enfim, construindo um quadro sensacional, tal a precisão matemática dos movimentos dos belos animais. A seguir, assistimos a números variados com seis elefantes, trapezistas, anões, mágicos, palhaços, cães amestrados, macacos etc.

E assim, graças ao Departamento de Turismo da Dinamarca, dia a dia vamos entrando em contacto com este país encantador. E a cada nova maravilha que se nos apresenta diante dos olhos, vamos recordando as palavras de um amigo, no Rio, quando embarcávamos no avião da S.A.S.: "Tamanho no mapa não é documento"...



O elefante senta com o público para assistir o espetáculo do circo

EXPRESSIVO AGRADECIMENTO AO DR. DIVO ORCIOLI

Embora nem sempre o público tenha conhecimento deste detalhe aparentemente sem importância, grande é o número de visitas que um jornal recebe de todas as camadas sociais e portadores dos mais variados problemas que vão dos mais sérios aos mais simples... Queixas, reclamações e muitas vezes agradecimentos de benefícios recebidos de terceiros. Este último foi, por exemplo, o caso da sra. Maria de Marco, doméstica, residente à rua Marquês de Sapucaí, 119 — fundos, nesta capital, que nos pediu tornar público o seu caso.



A senhora Maria de Marco, expressando ao repórter, em nossa redação, o seu agradecimento ao dr. Divo Orcioli

Há muito me atormentavam tonteiras, palpitações, dores de cabeça, zumbidos nos ouvidos provocados por uma recente hipertensão arterial, cujas cifras oscilam entre 23 a máxima e 14 a mínima, impossibilitando-me de qualquer atividade. Confesso que já havia procurado inúmeros especialistas sem resultado. A conselho procurei o cardiologista dr. Divo Orcioli, em seu consultório, à rua Visconde de Inhaúma, 134, 3º, salas 324 e 325 (Ed. Rio-Paraná), onde, após um tratamento bem orientado, a minha pressão arterial se normalizou, passando a máxima a 16 e a mínima a 9.

Peço ao sr. repórter que seu jornal torne público este meu espontâneo e sincero agradecimento a este humanitário e abnegado especialista.

(Transcrito de "A Noite", de 29-7-48.)

TINJA seus cabelos com...





Beleza nova PARA SEUS OLHOS



STUDIO ERICO

A beleza dos olhos define a vitória da mulher onde quer que ela esteja! Cilion embeleza os olhos escurecendo e recurvando os cílios e impedindo a formação de caspas e terçois.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.



CILION

embeleza e protege os olhos



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA

CABELO BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

OS GRANDES FOLHETINS DE "A CENA"

Esta será uma notícia excitante. A partir do seu número do dia 5 de outubro, "A CENA MUDA" iniciará, em forma de folhetim, a publicação de grandes romances transportados para a tela, romances completos, sem corte algum.

O primeiro romance será o famoso "A Filha do Capitão", do extraordinário escritor russo Pushkin, história que mereceu uma versão cinematográfica feita pelo cinema italiano, com Amedeo Nazzari no principal papel.

A vida de Thomas Hardy

(Conuação da página 44)

Tess entrega seu corpo a Alec. Seu coração, porém, continua à procura de Angel. E agora ele também anda em busca de Tess. Sente-se infeliz e doente. A antiga raiva cessara, deixando em seu lugar apenas uma saudade muito grande da que fôra sua esposa.

Vai encontrar aquela decência numa posição elegante. A implacabilidade do destino — exemplificada pelo Código Social — de tal maneira enredou os fios da vida de ambos que já não logram uma aproximação. Angel Clare toma sozinho o caminho de casa.

Ela o alcança nas cercanias da cidade. "Matei-o," diz. "Ele te deu um nome feio... Saldo contigo a minha dívida... Era a única maneira de te reconquistar".

De mãos dadas afastam-se do local de seus sofrimentos. O destino os reuniu afinal, mas apenas por um momento de trágica ironia. Ao amanhecer da manhã — nota-se o contraste entre o nascer do sol e a morte das esperanças de Tess — julgada e condenada.

Ouvem-se oito badaladas, e uma figura de preto balouça-se convulsivamente no espaço.

Tess pagou sua dívida ao Código Social.

IV

Quando da publicação de *Tess of the D'Urbervilles*, os críticos caíram sobre Hardy como um bando de abutres. "É preciso ser um escritor vil", foi o veredicto quase unânime, sintetizado nas palavras de William James, "para criar uma heroína tão vil". Nesse coro selvagem de reprovações, era quase impossível ouvir-se as raras vozes de honesto elogio. Essa silenciosa minoria compreendia que finalmente tinha surgido um escritor inglês que ousara "apelar para a clareza, para uma maior tolerância, para o repúdio da hipocrisia social".

Quanto à reação de Hardy quer diante dos críticos capciosos quer diante dos comentaristas benévols, ele limitou-se a encolher os ombros e a dizer: "Seja como for, deixei nesse livro o que eu tinha de melhor".

E o que ele "tinha de melhor" deixou também no seu notável romance seguinte: *Jude o Obscuro*, recebendo em troca uma saraivada de vitupérios maior que a primeira. Um comentarista escreveu numa revista norte-americana: "Thomas Hardy escandalizou os críticos e seus amigos... Durante todo o desenrolar da história tem-se a impressão de que o espírito de Mr. Hardy se compraz em chafurdar nas coisas vis... Ele afasta-se do caminho que seguia e mostra-se asqueroso... Quando acabei de ler o livro, abri a janela para deixar entrar ar fresco". Um professor norte-americano estigmatizou *Jude o Obscuro* como "um dos livros mais inconvenientes" que já tinha lido. Uma revista inglesa publicou uma caricatura de Hardy transformado num gigante bruto e gordo calcando aos pés uma rosa na lama e salpicando de imundície os circunstantes. Um conferencista inglês queimou o livro em público. Os puritanos convencionais puseram-se em pé de guerra. Hardy ousara pintar a verdade. Quando alguns trechos do livro foram publicados numa revista, Hardy teve de mutilar os personagens e as situações do que resultou perderem o colorido e a vida. De então em diante, não foi mais considerado autor de respeito. Os editores ou recusavam suas histórias ou as modificavam "para acomodá-las à sensibilidade dos

leitores". Numa delas, conforme referiu com tristeza a Mrs. Wharton, havia a descrição de um passeio inocente que tinham dado num domingo o seu herói e a sua heroína. Ao entregar o romance a um editor escocês, o homem escandalizado, devolveu-lhe imediatamente o manuscrito e pediu-lhe que transferisse o passeio para um dia de semana.

Hardy estava enojado. "Pensei que escrevia para leitores inteligentes", disse ele. Sua prosa era forte demais para os estômagos nervosos do século XIX. Resolveu voltar-se mais uma vez para a poesia. "Ninguém se melindrará com a minha poesia porque ninguém a lerá".

Escreveu e publicou oito volumes de poesia lírica e um poema dramático sobre a vida de Napoleão — *Os dinastas*. E aos poucos foi reconquistando sua respeitabilidade perdida. Agora afinal ninguém o lia e todos o admiravam. Entrou serenamente na velhice cuja calma foi perturbada apenas pela morte da esposa. Apesar das desinteligências em que viveram, foi um duro golpe para Hardy. "Mesmo uma vida tempestuosa não deixa de ter o seu saínete".

E depois da tempestade, a bonança. Casou-se novamente; e uma vez ao menos o outono e a primavera (ele com 74 anos e ela com 35), combinaram-se na harmonia de uma união perfeita. Embora ela também fôsse poetisa, a segunda Mrs. Hardy ficava — para usar suas próprias palavras — "contente com o reflexo da glória do marido".

Um crepúsculo sereno e imponente pôs o fecho ao longo dia de sua vida. E ele deixou atrás de si uma lembrança suave e um pensamento nobre. Como St. John Ervine o exprimiu no seu tributo a Hardy: "Contigo aprendemos que o coração orgulhoso é capaz de subjugar a sorte mais madrastra. Em tudo que escreveste mostraste o espírito do homem persistindo através da derrota".

(Do livro "Vidas de grandes romancistas").

A grande safra...

(Continuação da página 21)

numa disputa desigual e encarniçada. Mas nada o abateu. Como milhares de pobres homens anônimos dentro do Brasil, acostumados às desgraças e ao sofrimento, ele continuava na sua lida, pequenino e no entanto formidável nessa teima, revolvendo a terra, semeando, colhendo o que não morria. Depois de esforços exaustivos, persistente e sensato, Nhô Balbino ia empregando o dinheiro ganho em novas terras. As duas tarefas herdadas do pai cresceram, alastraram-se, ultrapassaram cercas, vararam riachos, derrubaram matas. Casara-se, tivera filhos, os filhos não precisariam ser escravos de latifundiários, desde pequenos trabalhavam consigo, na sua terra, na terra deles mesmo. E o trabalho aumentava dia a dia, ele só não dava conta do serviço. Primeiro, a mulher o ajudou. Depois vieram os filhos. E agora, — considerava o roceiro com orgulho, — mesmo tendo Totônio, mesmo contando com a filharada, era forçado pelo progresso a alugar braços estranhos.

Caminhando ao lado do pai, Totônio se deixava embalar de satisfação. Aquela era a sua safra, sua. Sempre fôra a segunda pessoa na roça, jamais tomara a direção do plantio — o que acontecia agora. O velho lhe dera as melhores tarefas do sítio, deixara-o agir por conta própria, apoiara-o na derrubada das matas virgens, na posse do terreno inculto. Tudo lhe fazia crer num sucesso nunca experimentado. A

(Continua na página 47)



Fune! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causa das pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pomos nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feita quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de alface "Brilhante" permite a pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sã volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas S. A.

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Pode-se assim dizer que a AGUA INGLESA GRAMADO que há mais de 60 anos é usada com os melhores resultados nos casos de ANEMIA, CLOROSE e CONVALESCÊNCIAS.

TÔNICA E APERITIVA

AGUA INGLESA



DEOCLECIO SILVA

Rádios, acessórios para montagens. Caixas, antenas espirais. Válvulas, Chassis, diais, bobinas, knobs, pontes, terminais, transformadores, alto-falantes e variado sortimento de todas as peças. Ferros de engomar "Elétrico", preços especiais: para revendedores Cr\$ 85,00; para particulares Cr\$ 100,00. Fogões a querosene e a óleo, em diversos tamanhos: duas bocas Cr\$ 600,00, com desconto de 20% para revendedores

ACEITO PEDIDOS PELO
REEMBOLSO POSTAL

Av. Rio Branco, 111-1º andar
Sala 109 — Telefone 23-6067
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Mitigal

BAI-
LUR

Acaba com
as
coceiras

Não permita que a prisão de ventre prejudique o seu organismo

Conserve os seus intestinos sempre limpos. Todos sabem que um grande número de moléstias tem como responsável a prisão de ventre ou conspiração intestinal. As indigestões, flatulência, hemorroidas, dispepsia, vertigens, neurastenia, lassidão, insônia, perda de apetite, dor de cabeça, pontadas nas costas, palpitações, mau hálito, espinhas no rosto, úlceras na boca, apendicite, congestão hepática, etc. são manifestações do mau funcionamento do estômago, fígado e principalmente dos intestinos. As Pímulas Aloicas auxiliam os movimentos peristálticos dos intestinos, regularizando-o. Desinfetam o tubo gastro-intestinal. Expulsam os gases e descongestionam o fígado. As evacuações produzidas pelas Pímulas Aloicas não são acompanhadas de dores, ardor ou mal estar. Sua ação é branda e completa. Não se aventure ao risco de agravar uma doença já por si tão grave, usando purgantes violentos e irritantes, que ao invés de regularizar os intestinos ressecam-nos cada vez mais. Recorra sempre às Pímulas Aloicas. Elas nunca falham, por antiga ou rebelde que seja a sua moléstia.

Cartas: Cx. Postal 2453 — São Paulo

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade
de Sexologia de Paris

DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

Está assim concluída uma das mais belas e mais preciosas iniciativas editoriais dos últimos tempos
A MONUMENTAL EDIÇÃO DO CENTENÁRIO



COMEMORATIVA DO NASCIMENTO DO GENIAL ESCRITOR

EÇA DE QUEIROZ

DOS SEUS SOBERBOS 15 VOLUMES,
13 ESTÃO JÁ EM DISTRIBUIÇÃO —
UMA EDIÇÃO QUE NÃO VOLTARÁ A
SER REIMPRESSA

Aproveitem, pois, os poucos exemplares ainda disponíveis, inscrevendo-se desde já; tendo assim a certeza de que possuirão uma das mais lindas joias da literatura portuguesa, na sua mais valiosa e, em breve, mais cobiçada e rara edição.

Enviamos catálogos — Atendemos pelo REEMBOLSO POSTAL

LIVRARIA H. ANTUNES LIVROS de PORTUGAL, Lt.

39, Av. Marechal Floriano, 39 - Rio

Rua Gonçalves Dias, 62 - Rio

mamona subia de preço. O feijão dava seis mil réis nas feiras. E o milho garantia, ele já sondara as redondezas, a concorrência seria pequena. Com o dinheiro apurado ele faria sua casa, casar-se-ia. Ainda haveria de sobrar alguma coisa. E em sua febre de lutador, em sua ânsia de conquistador, confiante em seu trabalho e em sua saúde, ele contava comprar mais algumas tarefas dos inúteis e ricos latifúndios do coronel Raimundo Onofre. O preço pedido era razoável, só o pedaço que ia do juazeiro queimado até a divisa do sul valia por tudo. O terreno era excelente para criatório, tinha uma manga como poucas, era só soltar umas três cabeças de gado que sua fazenda estaria bem começada.

Calado, fechado em si mesmo, Felipe ia apartado de todos. Não gostava daquela vida. Mas ia disposto a lançar-se entusiasmaticamente ao trabalho, porque da grande safra dependia o êxito dos seus planos. Era filho dos mesmos pais, nascera ali mesmo, tivera criação idêntica à dos irmãos, crescera entre as aflições e doenças da família, as lutas e os desenganos com a terra. Mas não saíra igual aos pais, dissemelhava-se dos irmãos. Era vivo, tinha agilidade de pensamento. Em criança, ao contrário dos outros meninos da roça, gostava da escola. Conseguiu aprender a ler e a contar. Acabado o curso primário, na adolescência, empregou-se numa loja do comércio. A experiência lhe serviu. A diversidade do trabalho (os anos passados alternadamente na roça e na cidade, entre roceiros, funcionários públicos e comerciantes) ia-lhe penetrando na cabeça em observações e perguntas a si mesmo, dando-lhe pouco a pouco uma noção sensata, embora tósca, do desequilíbrio de seu meio e das probabilidades de triunfo. Por instinto, embaraçado, confuso, captava a diferença dos pequenos lavradores de onde viera para os comerciantes e funcionários com que vivia. E aprendia com fatos vistos e vividos que as coisas não eram lá bem certas. As gentes da cidade tinham seus esforços recompensados. As ruas eram bem calçadas, havia jardim, luz elétrica, todos vestiam-se direito, usavam sapatos, comiam comidas gostosas, dormiam em camas confortáveis, divertiam-se. Até os pequenos empregados, os caixeiros e os artífices, tinham direitos garantidos, horas fixas de trabalho, salário mínimo, etc. Já o pai, todos os outros roceiros que conhecia, os pequenos plantadores de feijão, milho e mandioca, nasciam e morriam sem nunca melhorar, sem terem ao menos oportunidade de se divertir, sem nunca gozarem de certos confortos tão fáceis no "comércio". De avós a netos, com raras exceções, o processo de sofrimento e de trabalho árduo se processava com a mesma ingratidão.

(Continua no próximo número)

ANA PARECE CANSADA

(Continuação da pág. 22)

devorando os pulmões. Descubro na fisiologia de todos não haver salvação para mim. Ela ficará sozinha, desamparada, cuidando de si e de nossa filhinha. Sei que tudo está terminado para mim, de nada valeu afuriosa luta pela vida, os dias de

trabalho, as noites mal dormidas, e os projetos para o futuro. Há um ano traçamos novos planos, pois já poderíamos começar a juntar dinheiro, visando dentro de algum tempo comprar uma casa, em nome de nossa filha. Projetos e esperanças vieram abaixo, com a minha recaída. No sanatório, desolado, tenho pensado nisso e não sei como ainda não fiquei louco. Hoje estou contra Deus, perdi a fé — mergulhei em desespero. Vivi com Ana apenas quatro anos, foi a primeira criatura que consegui compreender inteiramente e a quem dediquei toda a minha confiança, diante de quem sempre me apresentei sem medo de ser criticado ou humilhado. Perdi-a, e a quem devo culpar? Ela baixa a mão espalmada sobre a minha testa, perguntando:

— Você tem tido febre?

— Pouco, somente à noite — respondo.

— Quer alguma coisa?

— Não, Ana. Quero você af.

Sorri, e quando sorri me lembra nossa filha. Ana não quer me falar dela e eu chego a pressentir que tenha acontecido alguma coisa. Vejo a menina andar com dificuldade, as perninhas bambas, a me chamar:

— "Papai bobo, papai bobo!"

Acompanhei o seu crescimento, sempre temendo que lhe acontecesse alguma coisa. A menina nos revelava, a mim e a Ana, um mundo novo. Tratar de nossa filha era um prazer jamais igualado. Fez um ano, apareceram os primeiros dentinhos, veio outro ano, aprendeu a me abraçar e a me beijar entre os olhos, como Ana costumava fazer. Quando a menina completava três anos tive a recaída, forte, piorei e, em menos de seis meses, foi necessário mudar-me para o sanatório. Meu estado cada vez pior, ultimamente chegou a ser alarmante. Talvez, por temerem, mandaram chamar Ana, para me ver. Ela me observa, parece adivinhar o que se passa dentro de mim. Não pode mais e, novamente, ajeitando a franha, diz numa voz forçada:

— Ela está doentinha, Mário.

Doentinha, nossa filha? Vejo minha mulher fraquejar, chorando. Solta aos arrancos e me transmite uma dor física insuportável. Sua cabeça tomba sobre o travesseiro e, automaticamente, num gesto costumeiro, acaricio os seus cabelos.

— Está doentinha — repete.

Sua voz vem estrangulada. A enfermeira surge na porta do quarto, caminha para nós, e levanta-a pelos ombros, dizendo:

— Desculpe, mas o doente não pode...

Levou-a para fora, deixando-me só. Ainda escuto os seus soluços estrangulados, o choro aos arrancos. A impressão que tenho é de nunca mais vê-la, nem a ela nem à minha filha doentinha. A dor física cresce, torna-se insuportável, luto para não desfalecer. Perdi Ana, a Ana que muito precisava de mim, e com Ana também perco nossa filha, que aprendeu a sorrir conosco, a falar, a me chamar de papai bobo. De súbito, sou tomado da necessidade de gritar pelas duas, alto, mais alto ainda, muito mais alto, pois desespero e tenho medo.

— Oh, meu Deus! — exclamou, enterando a cabeça no travesseiro.

AS MULHERES LINDAS
AFIRMAM:



RUGOL é formidável
porque com um só creme

LIMPA, CLAREIA E
EMBELEZA A PELE!

O Creme Rugol aplicado à noite, clareia a pele, deixando-a limpa, fresca e transparente. Usado como creme embelezador, suaviza a cutis e lhe dá um encanto irresistível. É excelente, também, como base para a maquiagem. Rugol é muito indicado para os casos de pele imperfeita, porque elimina cravos, rugas, espinhas e manchas. Comece a usar hoje o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa branquidão... diáfano esplendor de primavera...



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas camadas sub-cutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele

Aplique Rugol
todas as noites,
com massagens
de 3 a 5 minutos



CREME
RUGOL

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

CINE-TESTE

Uma seção sensacional de A CENA MUDA, onde serão oferecidos aos leitores ricos e lindíssimos albums de Rita Hayworth. Aguardem.

Pasta Dentifrícia S.S. WHITE

O DENTIFRÍCIO INDICADO
PARA HIGIENE E
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é: diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhe fácil saber o número que lhe convém. O N.º 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o N.º 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom senso, o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

Jean Marais...

(Continuação da página 24)

Meses depois Jean Cocteau empreende a realização de "A Bela e a Fera" e contrata aquele que havia tão bem correspondido a todas as partes que se lhe haviam dado anteriormente. Neste filme Jean Cocteau confia a Jeannot um triplice papel entre os quais o da "Fera" que exige uma "macquillage" diária de três ou quatro horas. Nesta obra gigantesca, tanto do ponto de vista artístico como do técnico, Jean Marais cria a sua mais bela interpretação depois de "L'Eternel Retour".

Antes de deixar a Europa escrevi a este "Don João" do cinema francês perguntando se estava satisfeito com o seu papel no filme "Les Chouans". Respondeu-me: "Bem entendido, se assim não fosse, não o teria aceitado. Eu não faço senão aquilo que me agrada".

Tem sorte, Jeannot. Mas, se faz somente aquilo que lhe agrada ele não faz, porém, tudo quanto lhe agrada. Dizia-me entre outras coisas, por exemplo, que desejava uma parte para "Moulouk", este famoso cão que interpretou um papel de primeiro plano (é o caso de dizer), em "L'Eternel Retour". Moulouk, no entanto, não encontra mais lugar nos estúdios ao lado de seu dono. Isto, porém, não impede que ele, não o deixe um minuto sequer. Ele sabe que deve deixar ao seu senhor o campo da câmara, quando alguém grita: — "Silêncio. Vamos filmar", mas sabe também que pode voltar, sem que Jean o chame quando ele ouve o não menos fatídico "Cortado!".

"É" formidável Moulouk", afirma Jean Marais, com o seu largo sorriso de menino que lhe conquistou tantas fãs.

O teatro o tenta novamente e ele acaba voltando no "Andromaque" de Racine como intérprete e realizador. A cena que ele desenhou para esta obra foi grandiosa e tenebrosa evocando o estilo dos antigos palácios de Florença.

Terminou de filmar "Ruy Blas", de Victor Hugo, com Danielle Darrieux, "L'Aigle à Deux Têtes" e já se fala de novos contratos entre os quais "La Princesse de Claives" de "Le Baccus".

Esta sua empolgante carreira não lhe dá senão poucos momentos de repouso que ele passa no campo com a mãe ou no desordenado apartamento de Paris, entre-tendo-se com as suas telas, pois, Jean Marais, além de todas essas qualidades, ainda é pintor.

Mas, as suas fãs o vigiam e não o deixam em paz. Elas estão a par até dos mais íntimos detalhes de sua vida privada. Sabem que mora vizinho ao Palais Royal com Jean Cocteau e que as suas admiradoras algumas vezes dormem à sua porta.

De meio mundo, milhares de cartas, chegam, palpitantes de amor amontoando-se à sua mesa de trabalho. E Jean responde a todas, sorrindo todas as vezes que encontra entre as folhas, murcha, mas ainda perfumada, alguma pétala de rosa.

E' o ídolo das parisienses que criaram especialmente para ele, "O Clube de Jean Marais" onde, quando está presente, suscita manifestações de entusiasmo e de amor.

Mas Jean não gosta destas reuniões. Sonhador e melancólico, prefere a solidão e o silêncio e, quando quer divertir-se vai ao Palais Royal, entre os garotos e Moulouk.

Gerdal procura uma "partenaire"

(Continuação da página 28)

brilhar ao lado do exclusivo da Rádio Globo, animando cenas amorosas. A respeito do concurso, basta dizer que tem sido um desfile de pequenas que não acaba mais... Algumas chegaram a se deixar fotografar junto ao popular rádio-ator da P.R.E-3. Ele, então, para impressionar melhor o ambiente, bancou o Tyrone Power.

A iniciativa de Gerdal dos Santos, nesta hora em que o "broadcasting" carioca reclama sangue novo, é das mais valiosas. Uma rádio-atriz será revelada ao grande público, aumentando o quociente de valores necessários à apresentação de novelas e peças rádio-tea-

trais. E o curioso nessa história é ter o empreendimento partido de um artista que não ultrapassou, ainda a casa dos vinte.

Música...

(Continuação da página 39)

25.000 PESSOAS EM TRÊS SEMANAS

O ceticismo de Sir Thomas Beecham teve de render-se diante dos fatos. A enorme massa que acorreu a Edimburgo provou o interesse despertado pela iniciativa de Bing, o principal responsável pela organização daquele monumental espetáculo. Bing, o empresário artístico que não acredita em "concertos esparsos, pequenas companhias".

A peregrinação a Edimburgo já está inscrita no livro de notas dos amantes da música, na Inglaterra. E se este ano o sucesso já coroou os esforços de Bing, ele ainda não está satisfeito e pretende ampliar ainda mais o seu gigantesco empreendimento.

Foram vendidos 25.000 ingressos para o festival deste ano. Bing comentou, entusiasmado:

— Vendemos 25.000 ingressos e não foi para uma olimpíada, foi para concertos sinfônicos, óperas de Mozart, uma versão francesa do Hamleto, uma versão inglesa da tragédia grega Medea, apresentada por Gielgud.

HOMENAGEM

O compositor brasileiro Lorenzo Fernandez, que faleceu recentemente, deixou uma obra importante, rica em magníficas contribuições para a expressão musical do Brasil. Suas pacientes pesquisas folclóricas, a estilização a que submeteu o material colhido, a sua grande cultura, que o levou a aproximar-se, também, em certos passos, das soluções européias, a disciplinada forma, os contornos nítidos de sua música, eis aí alguns dos elementos que o destacam e credenciam para que passe a ocupar um posto entre os que, na alvorada do nacionalismo musical, souberam extrair dos exagêros da escola alguns elementos de interesse permanente. Ainda que até certo ponto limitado, por lhe faltar o fôlego de um Villa Lobos, Lorenzo Fernandez soube oferecer ao seu país uma produção correta e de uma discreta elegância. Seus méritos de educador, de incansável lutador que participou das principais batalhas em prol do desenvolvimento da cultura musical são inextinguíveis. Aqui ficam registrados a nossa admiração e o nosso respeito pela sua personalidade.

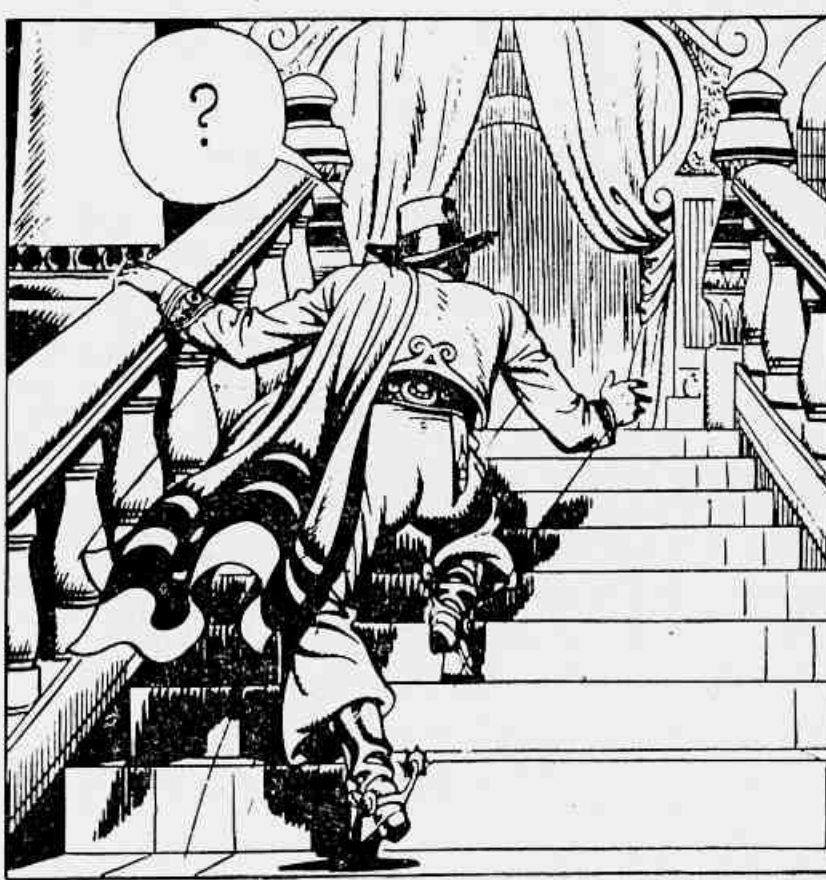
A campanha pró-infância...

(Continuação da página 17)

diminuir o velho crime do desamparo em que ficaram gerações passadas; gerações que foram hoje essa legião de analfabetos, desnutridos e delinquentes; gerações que perderam a fé e a confiança em seus semelhantes e no próprio Brasil. É preciso aderir a essa campanha de abnegação e sacrifício. Sei de senhoras, como Alice Gondim, Moraes Régo, Barros Barreto e a mesma sra. Barbosa Lima Sobrinho, que se privaram de reuniões festivas, de passeios agradáveis para atender a uma necessidade do serviço, para fundar uma cantina em Pau Ferro ou Água Fria. Elas são pessoas dignas da nossa maior admiração e estou certa que hão de chegar ao céu e baixar à terra, transformadas em graças, aquelas palavras de agradecimentos proferidas pelas mãos miseráveis das crianças famintas que mereceram e continuam merecendo os seus maiores cuidados.



LYTOPHAN



OLD DRAGO



E SE POR AL-
CASO SEU FIL-
LHO DESCOBRIR
NOSSOS PLANOS
SERA DISCRETO?
SERIA MELHOR
FALAR COM
ELE ANTES!

QUE BOBAGEM
TOSCA! MEU FILHO
É UM IDEALISTA
NÃO ESTÁ AO PAR
DESTAS COISAS!
AINDA CRÉ EM JUS-
TICA, FRATERNI-
DADE ETC...

Por
HOGARTH



EU ACHO
QUE VOCE
IGNORA O
QUANTO ISTO
É PERIGO-
SO!

VOCE TIRA CON-
CLUSÕES MUITO
PRECIPITADAS!
NINGUEM MELHOR
QUE EU SABE O
QUE FAZER COM
MEU FILHO!

ENQUANTO ISSO PREOCUPADO,
DRAGO RESOLVE DESCER.



QUEM ATIROU
O PUNHAL, O
FEZ PARA
MATAR, MAS
TERIA DO
MESMO PARA
MIM?

SERIA
POR CAU-
SA DA MO-
EDA?

REALIZA SE UMA FESTA NO SALÃO DA Suntuosa MAN-
SÃO DE DEL OMBU! A UM CANTO...



TABASSO
QUEM É
AQUELA PE-
QUENA COM
PAPAI?

AH, MEU AMIGO,
NUNCA OUVIU FALAR
DE DONNA LA TOSCA?
NÃO A CONHE-
CE?



NÃO, MAS
DE-ME A
BANDEJA, JÁ
É TEMPO DE
NOS CONHE-
CERMOS!



A SENHORI-
TA QUER DAR-
ME A HONRA
DE...

TOSCA QUERIDA,
APRENTO-A...



QUANDO
DRAGO
OPEROU
A SEU FIL-
LHO LA TOSCA
VIA E...

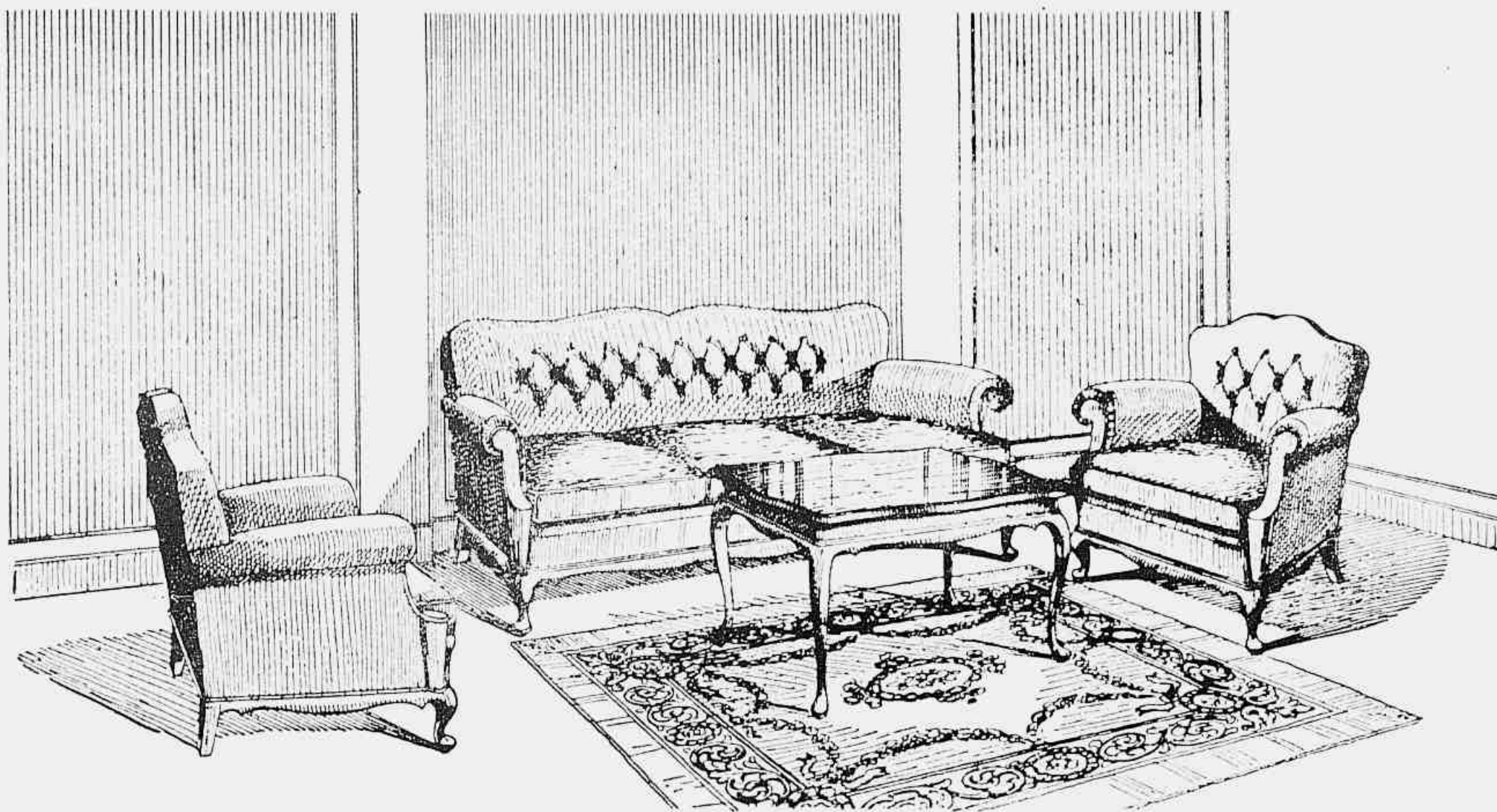


VIU O QUE
FEZ
IDISTA!!!

AO MEU FILHO,
DRAGO!



DRAGO,
FILHO DE RO-
DRIGO! CH-
TOSCA QUE
PAPAI AO
VIA E...



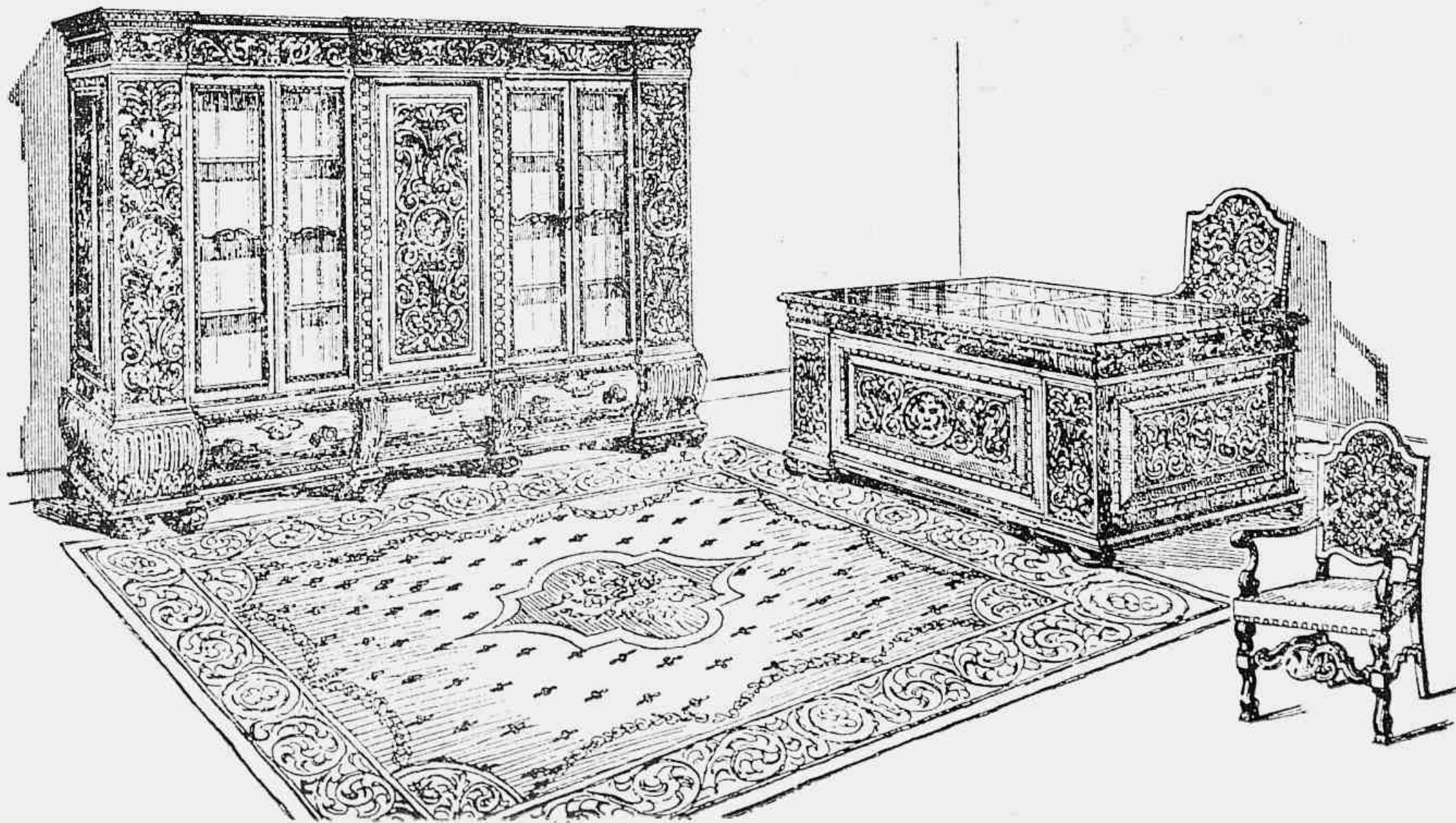
GRUPO ESTOFADO

Estilo CHIPPENDALE, estofado a couro, com almofadas soltas. Mesinha de centro esculpida e tapete aveludado em estilo Renascimento



ESCRITÓRIO EMOLDURADO -- RENASCIMENTO

Executado em jacarandá maciço composto de estante-armário, bureau com tampa de cristal, poltrona e cadeiras com assento de couro lavrado



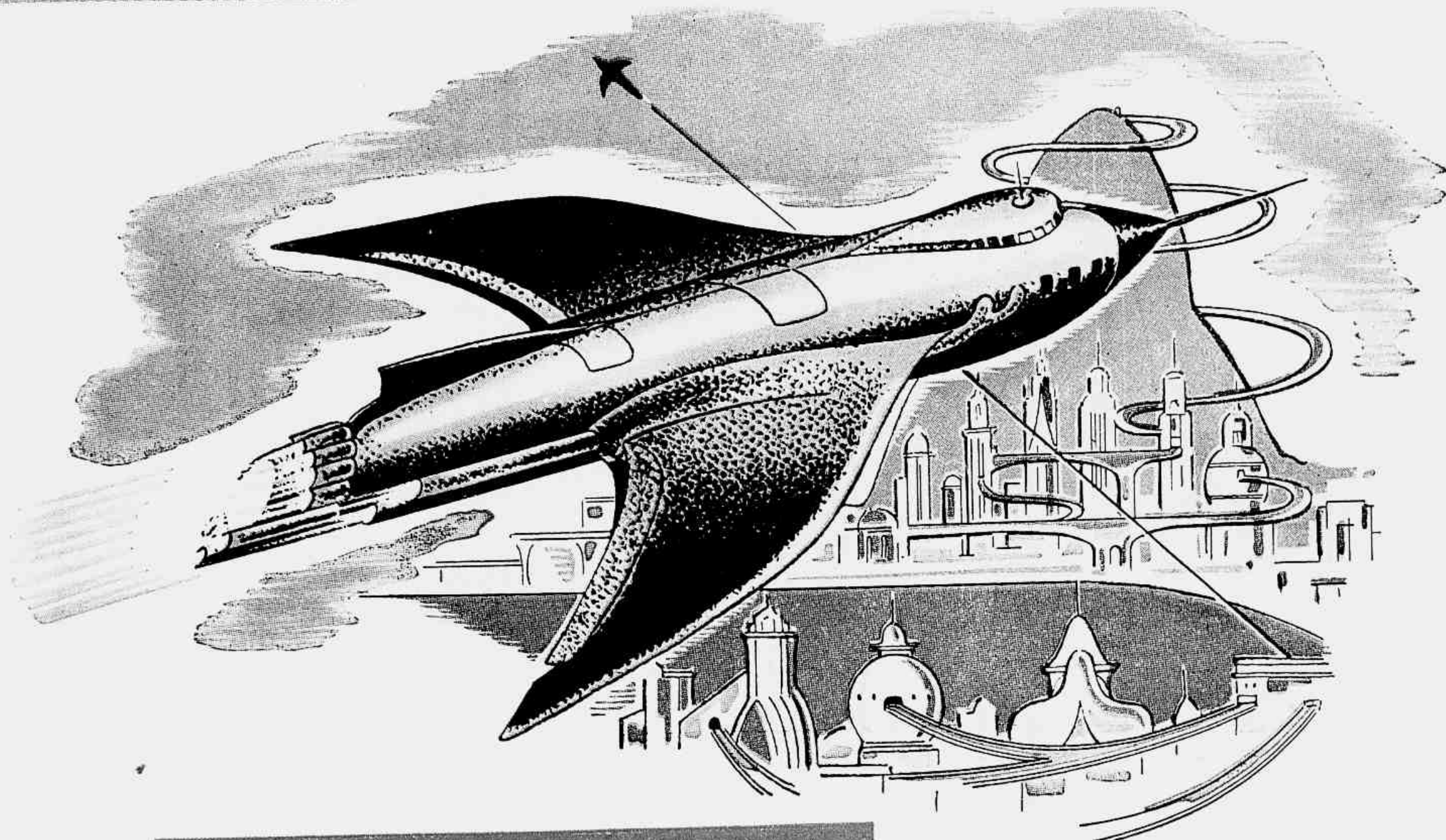
Mobiliários Decorações

TAPETES -- PASSADEIRAS



65 RUA DA CARIOCA 67

CURIOSIDADES Continental



NO BRASIL fumam-se por dia milhões de cigarros Continental. Se você fumasse uma carteira por dia e tivesse de fumar todos esses cigarros, teria que viver até o ano de 2.610!

CONTINENTAL é o cigarro de qualidade mais popular em todo o Brasil. Ligados ponta com ponta, os cigarros CONTINENTAL fumados num só dia atingiriam 350 quilômetros. Prefira também o cigarro cuja qualidade é atestada por tão larga preferência.

CADA CIGARRO SOUZA CRUZ É SEMPRE
O MELHOR EM SUA CLASSE



LISO E COM
PONTEIRA

COMPANHIA DE CIGARROS

Souza Cruz